

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Agenor Martins da Silva

**JESUS CRISTO, O ROSTO MISERICORDIOSO DO PAI:
PROSPERIDADE OU REDENÇÃO?**

**SÃO LEOPOLDO
2016**

Agenor Martins da Silva

**JESUS CRISTO, O ROSTO MISERICORDIOSO DO PAI:
PROSPERIDADE OU REDENÇÃO?**

**Trabalho Final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Teologia.
Faculdades EST - Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia**

**SÃO LEOPOLDO
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586j Silva, Agenor Martins da
Jesus Cristo, o rosto misericordioso do pai :
prosperidade ou redenção / Agenor Martins da Silva ;
orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
106 p.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Riqueza – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2.
Sucesso – Aspectos religiosos – Cristianismo. 3. Bíblia
Lucas 4 – Crítica, interpretação, etc. 5. Jesus Cristo –
Pessoa e missão. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DEDICATÓRIA

Aos meus amados familiares, os vivos e os falecidos que não se deixaram envolver pela TdP.

Aos pobres, que em suas aflições diárias encarnam Jesus, o rosto misericordioso do Pai.

Aos Confrades Redentoristas que pregam explicitamente o evangelho da Redenção.

Aos mestres de todos os tempos que contribuíram na construção desta Opus.

Ao Pe. Alfeo CSSR que me ajudou a ler a vida a partir dos empobrecidos.

Ao Francisco, Papa e Mestre e a nossa Presidenta Dilma Rousseff.

Ao Instituto Misericordes Sicut Pater.

À Escolinha do Lixão – CG – MS.

RESUMO

A Doutrina Trumam, que lastreou o início da Guerra Fria e o Plano Marshall, aliada ao aparato ideológico do “*American dream*” gerador do “*American way of life*”, silogismo que alude ao modo de vida norte-americano, que incorpora a valorização do capitalismo, depreciando o socialismo, sob a égide da teoria keinesiana, sustenta o reaquecimento da indústria americana, gerando o frenesi consumista dos Anos Dourados, seduzindo até mesmo a frugalidade do protestantismo puritano do EUA. Neste contexto Kenneth Erwin Hagin (McKinney, 20/ 08/1917 - Tulsa, 19/ 09/ 2003), propaga a Teologia da Prosperidade que tem no consumo de bens duráveis a comprovação das afirmações da Confissão Positiva: eu quero, eu posso, eu determino. A Teologia Cristã: sistemática, científica, bíblica, atenta aos sinais dos tempos e da tradição se ocupa do Deus Trinitário, seus atributos e sua relação com o ser humano e a natureza e nos revela seu filho como o rosto misericordioso do Pai (Lc 6, 36). Nela, o “*Ebed Iahweh*” sofre o confronto de sua consciência messiânica com a teologia sadoquita, o legalismo farisaico e as forças romanas. Em Marcos 6,1-6 e Mateus 13,53-58 Jesus é rejeitado pela multidão por ser Ele apenas de um local pobre “este não é o (filho do) carpinteiro” com a pretensão de messias. O apotegma da variante de Lucas o apresenta como o Messias dos pobres: “O Espírito do Senhor está sobre mim para [...] hoje em vossa presença se cumpriu esta escritura” (Lc 4,18-21). A narrativa lucana é a base de refutação à teologia da prosperidade, quando esta substitui o sacrifício de Jesus pela busca de saúde e bens materiais como fruto do ato redentor na cruz. Na voracidade globalizada de um capitalismo que se pretende único, a prosperidade revela-se uma falácia teológica que tem o mercado como seu único e verdadeiro deus. A teologia de Jesus, presente na autêntica tradição cristã, negando essa negação, afirma-se na *doxa aletheiá* de ser o Filho do carpinteiro a misericórdia mesma do Pai: *Misericordiae Vultus*, cujo ato copioso da cruz é a gratuidade da Redenção de todos os seres humanos e de sua humanidade integral. A Teologia da Prosperidade nasce nos EUA como fruto da adequação do puritanismo protestante ao consumismo capitalista do pós-guerra mundial.

Palavras Chaves: Confissão Positiva, Sacrifício, Prosperidade, Consumo, Misericórdia, Redenção.

ABSTRACT

The Truman Doctrine, which backed up the beginning of the Cold War and the Marshall Plan, allied to the ideological apparatus of the “American dream” which generated the “American way of life”, a syllogism which alludes to the North American way of life, which incorporates the valorization of capitalism, depreciating socialism, under the auspices of the Keynesian theory, sustains the revival of American industry, generating the consumerist frenzy of the Golden Years, seducing even the frugality of the Puritan Protestantism of the USA. In this context Kenneth Erwin Hagin (McKinney, 20/ 08/1917 - Tulsa, 19/ 09/ 2003), propagates the Prosperity Theology which has in the consumption of durable goods the substantiation of the affirmations of the Positive Confession: I want, I can, I determine. The Christian Theology: systematic, scientific, Biblical, paying attention to the signs of the times and of the tradition occupies itself with the Trinitarian God, his attributes and his relation with the human being and nature and reveals his son as the merciful face of the Father (Lk 6: 36). In it the “Ebed lahweh” suffers the confrontation of his messianic conscience with the Sadducee theology, the Pharisaic legalism and the Roman forces. In Mark 6:1-6 and Matthew 13: 53-58 Jesus is rejected by the multitude for being simply a local poor person “isn’t this the (son of the) carpenter” with the pretension of being the Messiah. The apophthegm of the Luke variation presents him as the Messiah of the poor: “The Spirit of the Lord is upon me to [...] ‘today’ he said, ‘in your very hearing this text has come true.’(Lk 4:18-21). The Luke narrative is the basis for the refutation of prosperity theology, when this one substitutes the sacrifice of Jesus with the quest for health and material goods as the fruit of the redeeming act on the cross. In the global voracity of a capitalism which thinks itself as being the only one, prosperity reveals itself as a theological fallacy which has the market as its only and true god. The theology of Jesus, present in the authentic Christian tradition, negates this negation, affirms itself in the doxa aletheiá that being the Son of the carpenter he is mercy itself of the Father: Misericordiae Vultus, of which the generous act of the cross is the gratuity of the Redemption for all human beings and the whole humanity. The Prosperity Theology was born in the US as a fruit of the adaptation of Protestant Puritanism to the capitalist consumerism of the post war world

Keywords: Positive Confession, Sacrifice, Prosperity, Consumption, Mercy, Redemption

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	10
1.1 O sonho de um mundo novo	10
1.2 Sonhar um sonho impossível	14
1.3 Deus dá o frio conforme o cobertor	16
2 CAUSAS SOCIAIS	22
2.1 Gênese do Catolicismo Brasileiro.....	22
2.2 Religiosidade Popular.....	24
3 CAUSAS ECONÔMICAS	28
3.1 Consumo <i>ego sum</i>	28
3.2 O uso da Mídia.....	30
3.3 Desenvolvimento do capitalismo - Consumir: O novo Paraíso	31
3.4 Caixa registradora “O novo turbulência”.	34
3.5 O trabalho e o sacrifício	35
3.6 Mercado, o novo Paraíso.....	38
4 CAUSAS RELIGIOSAS	42
4.1 Movimentos religiosos (de cura divina) nos Estados Unidos da América	42
4.1.1 Esse William Kenyon	42
4.2 Mary Baker Eddy - A Confissão Positiva.....	46
4.3 Kenneth E. Hagin - Em o nome do Senhor Jesus	47
4.4 Escola Teológica Rhema	48
5 A PROSPERIDADE NA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA	51

5.1 O Purgatório?	51
5.2 Vergonha: O Inferno deste Mundo	53
5.3 Bens de Consumo: O Novo jeito da Salvação	55
5.4 Síntese	56
6 JESUS O ROSTO MISERICORDIOSO DO PAI - LC 4, 16-24	58
6.1 Introdução	58
6.2 Delimitação e função da períclope de Lc 4. 16-30	59
6.3 O autor, onde e para quem foi escrito	60
6.4 Estrutura	61
6.5 A Teologia Lucana	62
6.6 O filho do carpinteiro	63
6.7 Jesus, o ungido do Senhor	64
6.8 Jesus e a Releitura do Jubileu	65
6.9 Os fariseus a partir da perspectiva de Jannia	68
6.10 Torá a partir da Gruta de Belém	69
6.11 Os herdeiros da misericórdia	70
7 JESUS, O ROSTO DA MISERICÓRDIA DO PAI: REDENÇÃO OU PROSPERIDADE?	73
7.1 Os postulados da Teologia da Prosperidade	74
7.2 Redenção: o primeiro fruto da cruz	77
7.3 O Ágape da cruz	78
7.4 Discipulado	81
7.5 Lâmpada, luz para o caminho	82
7.6 Jesus, o revelador da Misericórdia do Pai	84
7.7 Jesus, o Servo de Javé	86
7.8 A Misericórdia e Práxis Cristã	88
7.9 Desconstrução do conceito	91
CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

Mediante a exegese da perícopa de Lucas 4,16-30, estabelecemos os pressupostos teológicos do pensamento de Jesus. Procuramos resgatar a teologia do *Goel* e do Servo de Javé como evidência do afastamento de Jesus da teologia Sadocita do templo de Jerusalém e com isso relato a teologia presente na perícopa apresentada como base da teologia de Jesus. No trânsito deste trabalho analisaremos a diferença entre os pressupostos dessa teologia e os pressupostos da Teologia da Prosperidade em sua formulação apresentada por Kenneth Ervin Hagin¹ (McKinney - 1917 - Tulsa - 2003). Mediante o aumento agressivo do proselitismo em relação à Teologia da Prosperidade (TdP) nos últimos anos no Brasil, o qual se contrapõe à teologia cristã, me dediquei ao desafio desta pesquisa para desvelar as contradições daquela leitura teológica sobre Jesus e a teologia apresentada por Jesus em Lc 4,16-24.

Jesus provocou a adesão e a conversão de muitas pessoas ao reino de Deus, nunca pregando a si mesmo²; paradoxalmente a mesma pregação que convertia também provocava repúdio a si e ao Projeto do Reino de Deus. Inúmeras vezes Jesus foi confrontado por pessoas e grupos³ respondendo a estes confrontos, especialmente quando, na não aceitação de sua pregação, estava a negação de sua autoridade e sua teologia. Em Jo 8,19 Ele acusa seus adversários de ateus práticos, pois, ao não o conhecer, também não conhecem quem o enviara, Javé, o Deus dos pobres e marginalizados. Ou seja, não conhecendo Ele nem o Pai, de quem é o rosto⁴, acabavam prestando culto a um Deus falso; por óbvio, um culto idolátrico.

Nossos dias estão, cada vez mais, marcados por um proselitismo agressivo, que tem como base a Teologia da Prosperidade. A mesma, por não conhecer o Javé de Jesus, prega que a fé cristã é um processo de prosperidade financeira. Essa verticalidade faz o pensar teológico ficar arremido à experiência do Deus misericordioso de Lc 4,16-24 que, ao contrário da teologia verticalizada e reducionista da prosperidade, preconiza e tem como valor o fazer teológico da misericórdia, plasmada na prática/missão de Jesus por um Reino de Deus a partir dos pobres.

É nesse elemento que se desenvolve o eixo do anúncio e da proclamação da Boa-Nova, que coloca o Evangelho na vida e a vida no Evangelho. Dessa dialética nasce a

¹Kenneth Erwin Hagin, fundador do Movimento Palavra de Fé e da Escola Bíblica Rhema, cuja fundação do Brasil é a maior do mundo. <http://goo.gl/7QIRc6>. Acesso em 04/03/2014.

²AGUIRRE, Rafael. *Ética Teológica. Conceitos Fundamentais*. Marciano Vidal (Org). Petrópolis: Vozes, 1999. p. 61.

³MORRIS, Leon L. *Lucas*. Introdução e comentário. Série cultura bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011. p.137.

⁴*Misericordiae Vultus*. Papa Francisco. No. 1

dimensão da libertação de toda injustiça; da fome e da sede de participação e comunhão na sociedade e na Igreja. A teologia de Jesus é, portanto, uma *dianis* que impulsiona o crente na *diakonia*, na *martyria*, na *leiturgia* e na *koinonia*; em outras palavras: práxis do reino.

Na esteira dessa proposta, este trabalho procura responder á algumas questões fundamentais para os cristãos: 1) Os dogmas da Teologia da Prosperidade negam as bases da Teologia de Jesus e seu *ethos* libertador? 2) Por que os cultos da prosperidade levam os cristãos a uma prática individualista da fé? 3) Em que reside a busca frenética dos milagres oferecidos nos cultos da prosperidade? 4) A Teologia da Prosperidade é a versão atualizada da teologia do templo e da teologia da Sadocita do segundo templo? 5) Por que líderes desse fazer teológico não participam do movimento macro ecumênico? 6) Como e por que esse fazer teológico dá e recebe sustentação ideológica do neoliberalismo econômico? 7) Por que a questão financeira acaba sendo o principal gancho dessa teologia?

Nesta pesquisa, afirmamos que o culto lastreado pela Teologia da Prosperidade não tem base no ensinamento de Jesus, justificando suas teses com a aplicação de textos bíblicos tomados de forma aleatória e fundamentalista. A demonstração desta tese está embasada no estudo que remete à epigênese⁵ da teologia da Prosperidade.

No itinerário de três capítulos apresentamos uma reflexão cuja argumentação é substanciada em documentos produzidos tanto pelos protagonistas em questão como por análises de uma gama de teólogos e comentadores que tiveram sua atenção tomada pela temática da prosperidade.

No primeiro capítulo transito pela teologia da Prosperidade desde a sua fundação com Essek Willian Kenyon e Kenneth Hagin, seu seguidor e divulgador, até chegar ao que no Brasil se conhece como mega-Igrejas neopentecostais, as quais representam a última expressão desta teologia.

No capítulo seguinte voltaremos a atenção para o que chamamos de Teologia de Jesus. A partir da análise de Lc 4,16-30 a qual assumo como uma variante de Mc 6, 1-6 e Mt 13, 53-58, demonstramos que esta perícópe revela a compreensão que o Messias tinha de sua missão segundo a visão da teologia lucana.

Na continuação desenvolvemos uma releitura da redenção ancorada na Misericórdia de Deus, a qual se contrapõe ao entendimento de Jesus proposto pela teologia da Prosperidade

⁵ Desenvolvimento gradual da complexidade estrutural dos seres vivos e/ou organizações. Formação espontânea de um sistema pela interação de vários conjuntos de elementos, que ao fim do processo sistêmico formativo, se constituirão como o ambiente do sistema.

esta, fundamentada pela interpretação de Mc 11, 23-24 realizada por Kenneth Hagin, um batista que após sua cura começa a pregar o evangelho associando-o à confissão positiva⁶.

⁶ PIERATT, Alan B. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p 24.

1 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Neste capítulo será apresentada uma abordagem sobre os principais postulados e parâmetros da Teologia da Prosperidade. No Brasil, a Igreja Internacional da Graça, embora não sendo a única a fazer uso do método desta Teologia, é sem dúvida sua principal propagadora. A Editora Graça, de propriedade do Missionário R.R. Soares, acumulou ao longo do tempo um vasto material sobre essa Teologia. Oriunda de movimentos de cura divina nos Estados Unidos da América por volta de 1940 com as ideias de Essek Willian Kenyon, esta teologia atingiu o *status* maior com Kenneth E. Hagin. Hagin é reconhecido como fundador da Escola Rhema, localizada em Tulsa, região noroeste dos EUA.

No Brasil, embora a produção literária da Teologia da Prosperidade tenha sido editada em sua maioria pela Editora Graça, ela penetrou também na teologia de várias Igrejas como a Universal do Reino de Deus de Edir Macedo, Igreja Internacional da Graça de R.R. Soares, Igreja Sara Nossa Terra do Bispo Robson Rodovallho, Igreja Renascer em Cristo da Bispa Sonia, Igreja Mundial do Poder de Deus do apóstolo Valdomiro entre outras. De forma um pouco mais sóbria, também é possível perceber sua influência em Movimentos espiritualistas de Igrejas da Reforma, pentecostais, assim como também na Igreja Católica Apostólica Romana através de movimentos de restauração espiritual, máxime os que fazem uso do expediente do Batismo no Espírito Santo. A característica principal dessa teologia é o uso da expressão: "eu determino, eu possuo"⁷.

1.1 O sonho de um mundo novo

O culto fundamentado na prosperidade não encontra eco tanto na Teologia Católica como na protestante histórica; e isso implica dizer também que não encontra respaldo na teologia de Jesus, assim como indica a análise de Lc 4,16-30⁸. O que se percebe ao analisá-lo, é que tal culto objetiva levar os crentes ao engano e ao aliciamento para fins do lucro financeiro⁹.

⁷ <http://goo.gl/xXQTAK>. Acesso em 02/10/2015.

⁸ Na segunda dobra deste trabalho apresentamos a análise teológica da Perícope de Lucas 4,16-30.

⁹ <http://goo.gl/9BqNDR>. Acesso em 21. Jan. 2016

"A Teologia da Prosperidade, ao justificar o intenso pedido de ofertas, agrada aos pastores cujos projetos evangelísticos são ambiciosos e de alto custo, enquanto que ao prometer bênçãos materiais e uma vida vitoriosa, mostra-se irresistível aos fiéis".¹⁰

Em um mundo cheio de contradições e de embustes financeiros¹¹, a proposta de que Deus retribuirá a adesão da fé com as bênçãos materiais tem levado centenas de pessoas aos cultos da prosperidade¹². Desde os anos 1970, o Brasil serve como palco para experimentos religiosos que são constituídos fundamentalmente pela exacerbação da pregação no campo financeiro. Esse *modus operandis* tem logrado receber severas críticas da mídia que a tem caracterizado mais como um mercado religioso do que propriamente Igreja; inclusive até se popularizou a expressão: "pequenas Igrejas, grandes negócios":

Me recordo de uma passagem da Bíblia que conta que Jesus chegou no templo um certo dia, e na casa do Pai encontrou comércio. Expulsou todo mundo na base do chicote.

É Jesus... desce aqui de novo para fazer a mesma coisa. Só que desta vez no Brasil! Faz parte de mim falar coisas que a maioria das pessoas tem medo de falar. Sou o profeta que o dinheiro não vai calar, não vão me comprar.

Meu caráter não está à venda. Sinceramente não espero que a maioria me entenda. Sei que é difícil ouvir que o evangelho virou negócio e que as pessoas no banco da igreja viraram "gado".

Dízimo é bíblico. Oferta é bíblico. Mas campanhas e desafios em excesso está errado. Enquanto você coloca sua fé num envelope não percebe que está sendo vítima de um velho golpe.¹³

A letra da música "Pequenas igrejas grandes negócios", revela que a estratégia de evangelização com base na prosperidade são as mesmas estratégias usadas pelo mercado de troca, assim como qualquer outra relação pautada pelo dinheiro; tudo não passa de mero negócio¹⁴. Na Teologia da Prosperidade não encontramos bases para uma nova leitura da sociedade, não obstante o fato de ser ela um método de apropriação de bens¹⁵. A apropriação

¹⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 166.

¹¹ Contradições do mundo financeiro se verifica, por exemplo, a partir do lucro anual da Prostituição forçada pelo Tráfico Humano só na Europa, estimado em 2,5 bilhões de Euros. <http://goo.gl/NUwolb>. Acesso em 10.mar. 2014.

¹² Deus abençoa fiel com um carro Chevrolet Camaro amarelo, na Igreja Batista de Lagoinha. <https://goo.gl/0XkJU4>. Acesso em: 10. Mar. 2014.

¹³ LUTERO, Juninho. Letra da música: "Pequenas igrejas grandes negócios (Clipe Oficial)" com forte crítica à Teologia da Prosperidade. <https://goo.gl/x8ZEUx>. Acesso em 11.mar. 2014.

¹⁴ Vídeo de domínio público sobre a dimensão do lucro das mega-Igrejas. <https://goo.gl/OQAgPT>. Acesso em: 17. mar. 2014.

¹⁵ HAGIN, Kenneth E. *O toque de Midas - uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*. Tradução: Mirian Regina e Fabio Romero. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004. p15.

é praticada no Brasil muitas vezes de forma indevida. Essa prática, não raro, tem levado as partes às vias jurídicas¹⁶.

A exegese e a teologia da períclope de Lucas, proposta em nosso texto, apontam para o resgate da dignidade dos homens e mulheres pobres e marginalizados. Revelam que a autoridade de Jesus como o Messias de Deus contrastava com a teologia do templo e de toda sua estrutura para satisfazer sua avidez financeira. Em Lucas 4,14-30, Jesus é o Servo de Javé (Is 42, 1-4; 52, 13) que vem libertar o povo de suas dores (Is 61, 1-2)¹⁷. No rosto misericordioso de Jesus, os pobres reencontram o rosto amoroso do Deus Pai-Mãe que ama e está ao lado dos pobres e marginalizados. Assim ensina o Papa Francisco:

Vendo que a multidão de pessoas que O seguia estava cansada e abatida, Jesus sentiu, no fundo do coração, uma intensa compaixão por elas (cf. *Mt* 9, 36). Em virtude deste amor compassivo, curou os doentes que Lhe foram apresentados (cf. *Mt* 14, 14) e, com poucos pães e peixes, saciou grandes multidões (cf. *Mt* 15, 37). Em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia no coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham.¹⁸

Daí ser falacioso o embasamento bíblico e teológico de um culto que, negando o Deus de Jesus, desconsidera a cruz,¹⁹ colocando em seu lugar a busca da riqueza e da prosperidade como objetivos da fé. Não é possível entender Jesus sem a cruz, nem a cruz sem Jesus. Não há como dissociar a cruz do processo do *Ebed Iahweh* assim como leciona Cullmann: "a principal função do 'servo de Deus' reside em seu sofrimento e sua morte substitutiva"²⁰. O apóstolo Paulo afirma que "sem a ressurreição, vã é a nossa Fé"; no entanto, condenou veementemente um cristianismo sem a cruz: "Anunciamos Cristo crucificado que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura... O que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1 Cor 1, 23-25).

A História é uma verdadeira teologia e pode ser lida sob o prisma da inserção do Evangelho na construção dos dias e na distribuição equitativa dos ingredientes materiais que sustentam a vida²¹, mesmo que hoje estejamos sob a linearidade da sociedade líquida²². Desde

¹⁶ A Igreja Universal do Reino de Deus foi condenada a devolver R\$ 74,3 mil doados por uma fiel entre 2003 e 2004, que seis anos depois se arrependeu e pediu a nulidade da doação. <http://goo.gl/yMhdYK>. Acesso em 18/03/2014.

¹⁷ COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000, p. 2351-2407.

¹⁸ *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do ano da Misericórdia. Paulus. São Paulo 2015. p. 5

¹⁹ HAGIN, E. Kenneth. *A Autoridade do Crente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 2012. p. 31.

²⁰ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Custon, 2002. p. 86.

²¹ *Catecismo da Igreja Católica*. Artigo 7. O Sétimo Mandamento. Parágrafos 2401-2424. Brasília: CNBB, 2013. P. 740-747.

sua fundação, o cristianismo tem sido uma autêntica fonte de defesa para garantir a possibilidade de vida, e vida digna para o humano (Mt 25, 31-46). Essa gênese é a base de uma espiritualidade recorrente em toda História da Igreja Cristã, desde seu nascedouro da Palavra de seu Mestre, a partir da qual subsiste, alimenta-se e se recria na defesa da vida dos menos favorecidos pela justa partilha dos bens²³ daqueles que, por serem os mais fragilizados, são como a pupila dos olhos do Pai que envia seu Messias, que não escolheu palácios e honras, nem mesmo púlpitos e cavalo branco, mas preferiu estar com os pobres e por eles optar²⁴. Sinalizando esse profetismo é incontestável o fato de que a Igreja está e fez História no cotidiano de muitas lutas populares pelo interior da América como atesta uma vasta literatura produzida pelo CEHILA²⁵ nesse sentido.

Do ponto de vista da tradição de Jesus, a questão fundamental da missão cristã, independente da confissão proferida, não é a de lotar bancos de templos, mas, coerente com o discipulado de Jesus, é “fazer com que todos sejam um” na vivência do amor *ágape*²⁶. Vista sob esse ângulo, a missão das Igrejas cristãs não é outra senão a participação (com seus crentes) na missão libertadora de Jesus: "As diferentes igrejas manifestam a preocupação de acompanhar e assistir o ser humano inserido no tecido das relações sociais como fator inerente à natureza missionária que todas afirmam possuir"²⁷.

Uma Igreja que, por ser missionária, ama o mundo para poder servi-lo no mesmo amor com que é amada pelo Deus ao qual confessa. Em outras palavras, nosso testemunho torna crível a fé na encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Sob essa bandeira somos chamados a prestar contas da esperança que existe em nós (1Pe. 3,15), considerando ao mesmo tempo o fato histórico, que não se pode negar, isto é, a realidade do sofrimento do pobre e de tê-lo como sujeito privilegiado da atenção de Deus. Assim se expressam os bispos no Sínodo sobre a Palavra: "A Sagrada Escritura manifesta a predileção de Deus pelos pobres

²² Sobre o Conceito de Sociedade Líquida, cf. o já clássico livro de ZYGMUNT BAUMAN, filósofo polonês, (Poznań, 19/11/1925). Ver a resenha em: <http://goo.gl/I9miP1>. Acesso em 20/03/2014. Resumo: A partir do conceito de Bauman, é possível analisar e refletir sobre as mudanças que a sociedade moderna atravessa desde o individualismo até as relações de trabalho, família e comunidade, onde o tempo e o espaço deixam de ser concretos e absolutos para serem líquidos e relativos.

²³ *Verbum Domini*, Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Bento XVI sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja Católica. São Paulo: Paulinas, p. 182 – 196, 2010.

²⁴ REVISTA VIDA PASTORAL. O Evangelho de Lucas: fé cristã e justiça social. São Paulo: Paulus, v. set-out - ano 54 – n. 292. p. 3, 2013.

²⁵ CEHILA: Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina. <http://goo.gl/wfZhvZ>. Acesso em: 22/08/2014.

²⁶ BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. Mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 611-619.

²⁷ WOLFF, Elias. *Os caminhos do Ecumenismo no Brasil*. São Paulo. Paulus, 2002, p. 343.

e necessitados (Mt 25, 31-46)"²⁸. A teologia que nega essa realidade é uma antiteologia, como se viu outrora na teologia da retribuição²⁹ e atualmente na Teologia da Prosperidade (*cujo exagero foi supostamente criticada até mesmo por seu fundador, segundo defendem alguns de seus seguidores*.³⁰); ambas nascem de uma visão distorcida e equivocada de Deus assim como já assinalara o próprio profeta Jó: “*Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem*”³¹.

O fundador da Teologia da Prosperidade refere-se à necessidade da intercessão quando diz: “*comecei a examinar a Bíblia para descobrir por que Deus deseja fazer algo em favor da humanidade, mas não pode realizá-lo, a não ser que alguém lhe faça um pedido nesse sentido. Descobri a resposta mediante o estudo da Palavra de Deus*”³². Nessa visão, Deus só age a partir da intercessão humana; com isso morre toda teologia da Graça, pois o demônio, ao contrário de Deus, usufrui do direito que lhe fora concedido pelo próprio homem (Adão) que, ao pecar, destituiu Deus de seu ato livre: “*Deus não pode legalmente, por justa causa, invadir e tirar do diabo o domínio dado pelo homem. O Diabo governa aqui. Ele tem o poder outorgado por Adão. Deus não poderá fazer a não ser que alguém lhe peça*”³³. Ora, mas como limitar a ação de Deus se ele não pode existir na condição de impedido de amar; se aprendemos em I Jo 4,16 que sua essência é Amar e seu ser se move pelo Amor, já como outrora Bento XVI expressara na Encíclica *Deus Caritas est*:

Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. No seu Evangelho, João tinha expressado este acontecimento com as palavras seguintes: « Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer (...) tenha a vida eterna » (3, 16). Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude. O crente israelita, de facto, reza todos os dias com as palavras do Livro do Deuteronomio, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: « Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças » (6, 4-5). Jesus uniu — fazendo deles um único preceito — o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no Livro do Levítico: « Amarás o teu próximo como a ti mesmo » (19, 18; cf. Mc 12, 29-31). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um « mandamento », mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro.³⁴

²⁸ Encíclica *VERBUM DOMINI*, parágrafo 107, p. 193-195.

²⁹ REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes. A sabedoria do viver e conviver*. São Leopoldo: Cebi, 2006, p. 31-33.

³⁰ <http://goo.gl/4HTR1f>. Acesso: em 29. Abril.2016

³¹ Em Jó 42,5 a situação de exclusão na **Geena** (do hebraico גֵּהֶנּוֹם, transl. *Geh Ben-Hinom*, literalmente "Vale do Filho de Hinom") lhe confere condições hermenêuticas e uma nova epistemologia teológica que lhe permite ver Deus a partir de outras categorias a partir da periferia e da marginalidade ao sistema.

³² HAGIN, E. Kenneth. *A arte da intercessão - manual de como interceder*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002. p. 01.

³³ HAGIN, 2002.

³⁴ BENTO XI, Papa. *Deus Caritas est*. No 1. <http://goo.gl/XOD0Ns>. Acesso em 29. Abril. 2016

1.2 Sonhar um sonho impossível

O sonho de um mundo novo sempre se fez presente em elucubrações de grandes pensadores, sejam teólogos, filósofos, sociólogos ou pensadores livres. Entre eles Platão e a sua magistral obra sobre política chamada “República”, na qual ele repensa a *pólis* Grega. Essa obra é uma das mais conhecidas de Platão, o qual se revela angustiado com o desregramento da sociedade³⁵.

Também o argelino Santo Agostinho e a “Cidade Nova”, mediante a queda do Império Romano nos séculos IV e V, faz importante reflexão sobre o tema. Agostinho escreve sobre a Cidade de Deus e a do homem. A Cidade de Deus fundada sobre o amor a Deus leva ao desprezo de si próprio, enquanto a dos homens, fundada sobre o amor-próprio, leva ao desprezo de Deus. Também Tomás Campanella e a sua “Cidade do Sol”, com sua reflexão frente ao Renascimento, oferece contribuição importante. A *Cidade do Sol* é sua obra mais popular na qual descreve a visão de uma cidade ideal³⁶.

Outro sonho utópico é a “Nova Atlântida, a Grande Instauração” de Francis Bacon: a lendária ilha perdida de Atlântida foi mencionada pela primeira vez nas obras de Platão, em *Timeu* e *Crútiás*. Apesar de essa história ser considerada uma criação do filósofo grego, muitos estudiosos argumentam que ele a criou a partir de histórias mais antigas, como a da Guerra de Troia, por exemplo. A possível existência de Atlântida foi discutida durante a Antiguidade Clássica e esquecida durante a Idade Média. A lenda só foi retomada mais tarde pelos humanistas da Idade Moderna³⁷.

Concomitante ao surgimento do capitalismo, temos a “Utopia” de Thomas Morus (1478- 1535), a qual se refere a uma ilha afastada da Europa. Utopia é um ideal inatingível, que traduz um estado de bem-estar dos seres humanos. Utopia é um lugar onde tudo é igualmente dividido entre todos que compõem a sociedade, dessa maneira inexistem assaltantes e mendigos. Morus relata a sociedade perfeita, em uma visão mais próxima disso. Assim como Campanella e o próprio Platão, todos imaginam a sociedade perfeita que queremos que ao menos que se efetivasse de forma a dar segurança, liberdade, respeito, que

³⁵ <http://goo.gl/OkRx6q>>

³⁶ <http://goo.gl/b8n7zR>

³⁷ BACON, Francis. Viscount St. Albans 1562-16. *Novo Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da Natureza; Nova Atlântida*. Francis Bacon; e notas de Jose Aluysio Reis de Andrade. 3ª edição. São Paulo. Abril Cultural, 1984. <http://goo.gl/lovdn>. Acesso em 28/03/2014.

pudesse anunciar um futuro mais justo e de qualidades identificáveis com os desejos dos cidadãos³⁸.

Karl Marx e o “Comunismo” representa uma das últimas grandes utopias. O pensamento é fruto de um momento no qual o Liberalismo era a ideologia predominante na sociedade ocidental, marcando intensamente as conquistas capitalistas da Revolução Industrial³⁹.

1.3 Deus dá o frio conforme o cobertor

O santo, no universo da cristandade, é o elemento base da religiosidade popular; é ele, o santo, que faz a mediação entre os mundos do sagrado/santo e o profano/pecador. Já nas primeiras comunidades, os cristãos se reconheciam e eram reconhecidos como santos. Algumas cartas paulinas estão endereçadas aos santos; aos que moram em Éfeso (Ef 1,1); aos santos de Filipos (Fl 1,1); aos santos e fiéis de Colossos (Col 1,2). Desde o início a Igreja chamava seus membros de santos ainda em vida. Com o passar dos tempos esse “título” foi sendo reservado aos mortos. Segundo a teologia católica, esses santos estão vivos diante de Deus. Assim aparece em Apocalipse 7,9-17 a grande multidão de veste branca, que está diante do trono do cordeiro, advinda da grande tribulação. A veste branca se refere àqueles que, por sua reta conduta, foram considerados dignos de entrar ao banquete como indica o texto de Lucas 14,15-24. A conduta ética do conviva, inclusive, está contemplada por uma variante deste texto presente no Evangelho Apócrifo de Tiago, contextualizada numa cena na qual há uma negação dos negócios:

Disse Jesus: Um homem fez um banquete e, depois de tudo preparado, enviou seu servo para chamar os convidados. O servo foi ao primeiro e disse-lhe: Meu senhor te convida para o banquete. O homem respondeu: Uns negociantes me devem dinheiro; eles vêm à minha casa esta noite, e eu tenho de falar com eles; peço-te que me dispenses de comparecer ao jantar. O servo foi até outro e disse: Meu senhor te convidou. Este respondeu: Comprei uma casa e marcaram um dia para mim; não tenho tempo para vir. O servo foi a outro e disse-lhe: Meu senhor te convida. Este respondeu: Um amigo meu vai casar-se e eu fui convidado para preparar a refeição; não posso atender; favor dispensar-me. O servo foi a outro ainda e disse-lhe: Meu senhor te convida. Este respondeu: Acabo de comprar uma fazenda e estou saindo para buscar o rendimento. Não poderei ir, por isso me desculpo. O servo retornou e comunicou ao seu senhor: Os convidados ao banquete pedem que os dispenses de comparecerem. Disse o senhor a seu servo: Vai pelos caminhos e traze os que

³⁸ MENDES, Jeferson dos Santos. Acadêmico do Curso de História da Universidade de Passo Fundo. Nível VIII, bolsista Pibic/CNPq, nº do processo PIBIC CNPq: 106370/2006-5. <http://goo.gl/KCPFSP>. Acesso em: 28. mar. 2014.

³⁹ Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra iniciou um processo que teve consequências em todo o mundo. Esse novo sistema de produção modificou as relações sociais, políticas e econômicas, levando à transformação do processo de trabalho e da relação do homem com seu tempo.

encontrares, para que venham ao meu banquete; mas os compradores e negociantes não entrarão nos lugares de meu Pai.⁴⁰

Neste contexto a variante do Evangelho apócrifo de Tomé dá foco à alteração das relações do *ethos* econômico judaico frente às novas estruturas da economia helênica, que as *comunidades dos crentes em Cristo* da Ásia menor tiveram que enfrentar⁴¹. De qualquer forma, fazendo uma abordagem sob esse prisma, o texto dá lastro à compreensão de que a devoção aos santos na piedade popular está ligada inexoravelmente à defesa ética da manutenção dos ingredientes materiais e imateriais que possibilitam a continuidade da vida. Por isso o santo é alguém no qual o crente pode inspirar-se ou imitar. Ou seja: podemos dizer então que, no mundo tanto da religiosidade bem como da piedade popular, o culto ao santo está sem dúvida além do aspecto de uma simples veneração iconográfica, ao contrário do que se julga. Por isso assim afirma Lopes:

Esta experiência evoca variados sentidos para os sujeitos. Não se trata somente de ícones, mensagens ou representações, mas são representações codificadas em códigos inteligíveis e partilhadas socialmente, construindo redes de sentidos que interligam os sujeitos e movimentam as trocas sócio-religiosas que realizam. Assim, esses códigos confluem para estabelecer um campo de interesses socialmente partilhados pelo grupo e esse campo o autor define como campo da imagética.⁴²

Em outras palavras, é fato que a devoção popular muitas vezes vai além daquela que é a intenção da igreja oficial. Ou seja, a devoção popular não se estrutura por uma admiração aos feitos do santo, mas sim pela devoção pragmática com relação ao poder que o povo atribui ao santo. Assim, a devoção a São Francisco tem uma tonalidade totalmente diferente da devoção a Santo Expedito. Enquanto a devoção a Francisco “santifica” o crente, a devoção a Expedito “resolve” os problemas do cotidiano. Enquanto esta é mais ligada à religiosidade popular, aquela é mais ligada à piedade popular.

Não há dúvida de que no catolicismo popular o santo é então a presença do sagrado; e com ele o povo tem garantido o acesso ao sagrado, não havendo nem mesmo a necessidade de sacramentos e de padre; até mesmo porque a Igreja não possuía clero suficiente para prover a territorialidade conquistada pela falta de sacerdotes como aponta

⁴⁰ Dito do Evangelho de Tomé, 64. O Evangelho de Tomé, preservado em versão completa num manuscrito copta em Nag Hammadi é uma lista de 114 ditos atribuídos a Jesus. Alguns são semelhantes aos dos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, mas outros eram desconhecidos até a descoberta desse manuscrito em 1945. Tomé não explora, como os demais, a forma narrativa, apenas cita de forma não estruturada as frases, os ditos ou diálogos breves de Jesus a seus discípulos, contados a Tomé, dito Dídimo ("gêmeo" em grego), sem incluí-los em qualquer narrativa, nem apresentá-los em contexto filosófico ou retórico. <http://goo.gl/tQTPyy>. Acesso em 23/05/2014.

⁴¹ STEGMANN, Ekkehard W.; STEGMANN Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. P. 285-400.

⁴² Disponível em: <http://goo.gl/fzlQxK>. Acesso em 26.maio.2014.

Rosendahl: “A estratégia da Igreja Católica visava garantir a apropriação de um amplo território. Amplo, mas vazio, no qual se estabelece um catolicismo popular que passa a fazer parte da cultura brasileira”.⁴³ Essa realidade favoreceu uma verdadeira apropriação do sagrado pelos irmandades e confrarias leigas.

No Brasil, a participação bastante acentuada das irmandades nas igrejas e o predomínio do aspecto devocional dos fieis, expresso por meio das procissões, das romarias, das promessas e das festas dedicadas aos santos, dão um caráter eminentemente social e popular à prática religiosa do catolicismo brasileiro, que, como salientam os historiadores, constituiu a cultura religiosa mais original e mais rica que o país já produziu⁴⁴.

Há vários outros momentos na História da Igreja em que a ortodoxia da Igreja foi suplantada por outra *episteme da doxa aletheia*⁴⁵ das Universidades e das ruas:

Apenas na Itália, entre 1400 e 1520, dos noventa – isso mesmo- santos canonizados, 27 são leigos e leigas. Se estes são nomes ilustres e canonizados, imagine o número dos santos e santas anônimos, cujos nomes estão escritos no céu (Lc 10,20)! Aliás, nunca se avaliara suficientemente o contributo desses movimentos e organizações (leigas) em promover a reforma das próprias ordens religiosas antigas.⁴⁶

É igualmente imensurável a contribuição levada a cabo por leigos e leigas que figuram nos anais da História como heresias (do grego *aeresis*, “escolha” ou “opção”); são *opus* que fundamentaram reformas e revoluções as quais possibilitaram-nos ser o que somos hoje, assim como demonstra Frangiotti em sua extensa obra bibliográfica⁴⁷.

Embora não seja claro em sua primeira acepção, há também uma diferença bastante substancial entre os conceitos de religiosidade e piedade popular. Impõe-se a necessidade não só de detectar, mas também de entender a ambiguidade dos termos. Enquanto a piedade popular está mais ligada aos sentimentos do crente no ato devocional, a religiosidade está mais ligada às estruturas da expressão religiosa; sejam elas de cunho litúrgico ou

⁴³ ROSENDAHL, Zeny. “Primeiro a obrigação, depois a devoção” Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2012, p.66

⁴⁴ ROSENDAHL, 2012, p.57

⁴⁵ Platão mostra sua repulsa frente à prevalência da Doxa (Opinião) em detrimento de Aletheia (verdade) num trecho famoso de sua "República", quando a chama de "Grande Animal". Diz ele: "Que cada um desses particulares mercenários, a quem essa gente chama de sofistas e considera como rivais, nada mais ensina senão as doutrinas da maioria, que eles propõem quando se reúnem em assembleia e chamam a isso ciência. É como se uma pessoa, que tenha de criar um animal grande e forte, aprendesse a conhecer suas fúrias e desejos, por onde deve aproximar-se dele e por onde tocá-lo, e quando é mais intratável ou mais meigo, e por quê, e cada um dos sons que costuma emitir a propósito de cada coisa, e com que vozes dos outros se amansa ou irrita, e, depois de ter adquirido todos esses conhecimentos com a convivência e com o tempo, lhes chamasse ciência e os compendiasse, para fazer deles objeto de ensino, quando na verdade nada sabe do que, dessas doutrinas e desejos, é belo ou feio, bom ou mau, justo ou injusto, e emprega todos esses termos de acordo com as opiniões do Grande Animal, chamando bom aquilo que ele aprecia, mal o que ele detesta, mas sem ter nenhuma outra razão para tanto, antes designando por justo e belo o inevitável, porquanto nunca viu qual é a diferença essencial entre a natureza da necessidade e a do bem, nem é capaz de apontar a outrem". In: <http://goo.gl/8Wq1jc.php>. Acesso em: 29. Abril. 2016

⁴⁶ ALMEIDA, Antônio Jose de. *Leigos em quê?* Uma abordagem histórica. São Paulo: Paulinas, 2006. O livro como um todo, especialmente o cap. 10. p 143-154.

⁴⁷ Disponível em: <http://goo.gl/mJZkih>. Acesso em 21.jan.2016

institucional⁴⁸. Partindo dessa compreensão, é possível vislumbrar mesmo que rapidamente, certa idiossincrasia religiosa. Essa dicotomia faz com que, enquanto a piedade popular seja melhor lida a partir das camadas empobrecidas; já religiosidade popular se caracteriza melhor quando lida a partir das camadas econômicas e socialmente mais abastadas. Quer dizer, a piedade segue um estatuto de cunho mais antropológico, enquanto o estatuto mais estrutural e hierárquico está ligado à religiosidade popular:

Constatamos, que no século XII já se apresenta claramente uma piedade popular por fora da Liturgia. As causas seriam a demasiada regulamentação da Liturgia e a manutenção do latim como língua litúrgica no Ocidente. Com isso a Liturgia se cristalizou cada vez mais. O povo recorria à Liturgia para ter a graça dos Sacramentos e mais nada. A devoção, a edificação, a vida interior, o povo procurava na piedade popular.⁴⁹

É necessário considerar também o trânsito pelas expressões brasileiras das religiões de matriz africana, pois durante o processo de colonização do Brasil notamos que a utilização dos africanos como mão de obra escrava estabeleceu um amplo leque de expressões em nosso cenário religioso. Isso se dá pelo fato de que os africanos trouxeram consigo várias crenças e religiões da terra mãe que aos poucos se incorporaram ao cotidiano do Brasil Colônia, ou seja: os diferentes sistemas de fé, devoção e expressões do sagrado das religiões de matriz africana portam as memórias da cultura religiosa daquele continente⁵⁰.

Daí que a participação dos negros nas manifestações de origem católica poderia representar a conversão religiosa dessas populações e a perda de sua identidade, já que se tornara “coisa” de alguém, o que a rigor significava também seguir a orientação religiosa de seu proprietário. Entretanto, muitos escravos, mesmo batizados, não abandonaram a fé em seus orixás, voduns e inquices oriundos de sua terra natal⁵¹. Ao longo do tempo, a coexistência das crenças abriu espaço para novas experiências religiosas.

Constata-se que a Teologia da Prosperidade vem causando uma substancial alteração nesta relação histórica (Religião Oficial “ideal” e Religiosidade Popular “real”), existente no Brasil, as mais diferentes matizes religiosas. Essa alteração dá-se tanto em nível oficial, quando se propõe a substituição do sacrifício de Jesus pelo sacrifício do crente-cliente nos

⁴⁸ BECKHAUSER, Frei Alberto OFM. *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: Desafios litúrgicos e pastorais*. Petrópolis: Vozes/ASLI, 2007. p 80-156.

⁴⁹ ISNARD, Clemente José Carlos de Gouveia. O Bispo e a Liturgia, in *REB*, v. 44, 1984, p. 829

⁵⁰ A influência da religião afro no Brasil. *TrabalhosFeitos.com.br* retirado 11, 2012, de <http://goo.gl/qGQKqJ>

⁵¹ <http://goo.gl/iKLhhU>. Acesso em 02. Junho.2014.

ritos da Prosperidade; bem como também a mudança da oferta (ex-votos) típica do culto da religiosidade popular pela oferta em dinheiro vivo nos cultos da Prosperidade⁵².

A produção teológica de Kenneth Hagin é fruto do universo religioso norte-americano de meados do século passado e vem costurada ao *American way of life*⁵³. Na sequência veremos que as condições sociais depauperadas (geradora do analfabetismo funcional, entre outros desdobramentos negativos) contribuem ainda hoje para o surgimento de respostas religiosas que geram uma leitura teológica equivocada do messianismo de Jesus. Atualmente a hermenêutica da prosperidade está muito melhor servida pela mídia, que pelo evangelho de Jesus. Veja um fragmento desta doutrina, recolhido do site as Igrejas Verbo Vida, propagadora dos ensinamentos de Kenneth E. Hagin no Brasil:

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras [ações correspondentes]? Porventura, a fé pode salvá-lo? Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Bem vêes que a fé cooperou com as suas obras [de Abraão] e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada. TIAGO 2.14,18,22. Passo 2: realize. A mulher com a hemorragia não teria experimentado proveito algum em dizer: Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei, se não tivesse agido à altura do que dissera. Jesus me revelou naquela visão: “De acordo com suas ações, você poderá ser um derrotado ou obter a vitória. Conforme suas ações, você recebe ou é impedido de receber”. Isso é importante. Leia de novo essa declaração. A epístola de Tiago foi escrita aos cristãos. Tiago alertou: Meus irmãos, que aproveita. A maioria das pessoas pensa que Tiago estava escrevendo a respeito da salvação, mas, na realidade, escrevia a pessoas já salvas, indicando que a fé sem as ações pertinentes não funciona. É um grande erro confessar fé na Palavra de Deus e contradizer nossa confissão por meio de ações contrárias. As ações devem corresponder àquilo que dizemos e cremos, para recebermos da parte de Deus. A mulher com fluxo de sangue disse: “Se eu apenas tocar nas vestes de Jesus, ficarei curada”, e, em seguida, agiu com base nessas palavras e recebeu a cura. Confissão: “Minhas ações se harmonizam com a Palavra de Deus. Minhas ações me ajudam a ter a vitória. Através de minhas ações, coloco-me em posição de receber da parte de Deus!”⁵⁴

⁵² O presente artigo procura refletir sobre algumas questões acerca do dinheiro como elemento mediador na relação com o sagrado, no que tange à experiência religiosa neopentecostal. A compreensão do dinheiro não pretende aqui ser reduzida apenas a uma crítica utilitária e oportunista como expressão de fé daqueles indivíduos que se inserem nesse grupo religioso. O dinheiro é um símbolo que deve ser compreendido e analisado à luz do sistema de dádiva. No contexto de uma sociedade centrada na economia de mercado, o dinheiro assume um caráter peculiar e parece ter encontrado um ambiente propício no âmbito religioso neopentecostal, para multiplicar bençãos materiais aos que o santificam segundo os propósitos da Teologia da Prosperidade. In: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/5054/3844>. Acesso em: 29. Maio.2016.

⁵³ Este resumo oferece uma excelente compreensão do *American way of life*: REBELO, Sérgio Luiz. *Contracultura norte-americana nos anos 1950: notas sobre a proposta beat*. Orientador: Dra. Karina Kosicki Bellotti. Palavras-chave: Contracultura, Geração Beat, Literatura. Disponível em: <http://goo.gl/8KWCMN>. Acesso em 23. Fev.2016. A expressão “american way of life”, como se sabe, o “sonho americano” consiste na crença de que os Estados Unidos são inerentemente a terra das oportunidades e sucesso nas palavras de Willy Loman. <http://goo.gl/23qOm2>.

⁵⁴<http://goo.gl/BmTjyf>. Acesso em 15/ de janeiro/ 2016 as 13.45h

O método teológico da TdP não se traduz enquanto uma nova epistemologia teológica como quer se fazer entender. A história é repleta de inusitados trânsitos na busca da superação da escassez de poder e limitações do viver humano e/ou de seu incontrolável desejo de sobrepor-se e subjugar os fracos.

Desde a expertise de Eva ao manipular Adão à intenção de Davi ao propor o retorno da Arca da aliança; do inusitado encontro de alguns fragmentos do Deuteronômio durante a reforma do templo com Josias; do impenetrável mistério da subida de Deus aos Céus diante da iminente queda de Jerusalém frente ao exército de Ciro à instituição pós-exilica da religião do livro. O que hoje se percebe na atitude dos sacerdotes da TdP não difere de tais paradoxos, assim como sucedeu com Antíoco I (60aC) no monte Nemruat: eles dão uma roupagem nova aos paradigmas da religiosidade popular travestindo-a numa pseudo oficialidade da TdP⁵⁵.

⁵⁵ Kenneth Hagin escreveu dezenas de livros onde expõe sua doutrina; muitos deles foram traduzidos pela Graça Editorial na intenção de compor o *corpus theologicus* da Igreja Internacional da Graça. Entre os principais está *Eu creio em visões* (Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1996 (E-book)), onde o autor começa traçando sua autobiografia, do nascimento prematuro, com poucas chances de sobrevivência, passando pela adolescência e seguidas experiências de quase morte aos quinze anos devido a problemas cardíacos. Na narrativa, ele descreve sua ida e retorno do inferno, sua conversão ao protestantismo e a ênfase em um versículo que, segundo ele, mudou sua vida, Mc 11,24: “Portanto, vos digo, aquilo que você desejar, quando orar, creia que o recebeu e o terá”.

2 CAUSAS SOCIAIS

2.1 Gênese do Catolicismo Brasileiro

O Brasil é um país com experiências religiosas que se expressam nos mais variados e diferentes matizes⁵⁶. Sua base espiritual está ancorada na Cristandade e no Padroado Português que se espalhou pelo Novo Mundo como um todo:

A Religiosidade Popular, por elementar que pareça, é expressão na América Latina da memória de nossos povos. Quer dizer, nosso continente foi evangelizado e o Evangelho se incorporou a sua própria textura e identidade. Quem ousar interpretar a história da América Latina sem reconhecer a presença da Igreja e os fatores que, a partir da fé, têm dado vida a sua cultura (dentro de uma grande variedade) chegaria a um ponto morto, a um impasse que tenderia a remediar com teorias e invenções que têm a desvantagem de não ser objetiva e nem histórica.⁵⁷

Essa prerrogativa faz com que ainda hoje em nosso cotidiano escutemos ressoar por todos os recônditos expressões ligadas à religiosidade popular consignadas em ditos populares como “Deus ajuda quem cedo madruga”, quando se quer justificar a necessidade de superar a preguiça, a letargia e/ou circunstâncias do dia a dia que mereçam um apoio moral. Ainda ouvimos o dito “Deus dá o frio conforme o cobertor” ou “Faça a sua parte que Deus faz a dele (?)” quando se quer arguir que Deus não abandona ninguém a sua própria sorte. Quando a arguição está na linha da necessidade de confiança na ação de Deus, versam-se ainda ditos como: “Que seja feita a vontade de Deus”; “Deus tarda, mas não falha”. “Deus é pai e não padrasto”; “Fé em Deus e pé na tábua”; “Cada um por si e Deus por todos”; “Deus não mata, mas aleija”.

Assim como estas, encontramos centenas de outras expressões no vastíssimo campo da religiosidade popular brasileira. Poderíamos dizer sem muito prejuízo que, na verdade, tais expressões são de certo modo o “fundo espiritual da evangelização no Brasil”. Como esquecer o “Sangue de Cristo tem poder”, expressão característica à religiosidade dos “evangélicos”; ou ainda o característico “Paz do Senhor, Irmão” ou o “sou crente graças a Deus”. O mais indefectível de todos, no entanto, é: “Deus é brasileiro”. Sobre esse contexto o *Dicionário de Espiritualidade* traz a seguinte afirmativa:

A religiosidade popular apresentasse-nos como algo “distinto” da religiosidade oficial porque sintoniza com o que é diferente e com as características peculiares dos pobres; [...] Os sociólogos e antropólogos ressaltam as profundas diferenças existentes entre a festividade burguesa e a popular, entre o culto de caráter

⁵⁶ RUBENS, Pedro. *O Rosto Plural da Fé*. Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2008. p. 52.

⁵⁷ RIBEIRO, Helcion. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 115.

conservador e as expressões culturais do povo, das quais emergiria um protesto profundo contra o poder opressor.⁵⁸

A observação quer, sem dúvida, afirmar que a Religião do povo é algo distinto e próprio.

Este grande mosaico, de certa forma, traduz um princípio místico-ético-teológico da religiosidade popular brasileira, como já expressou Bento XVI: “Tudo isto forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, naquilo que for necessário, também purificar”⁵⁹. No entanto, está há anos luz do modelo operacional da milionária Teologia da Prosperidade que chega a propor contratos de tele-evangelismo de 84 milhões ao ano;⁶⁰ o que perfaz 7 milhões ao mês, ou ainda 230 mil reais por hora; nada menos que R\$ 383.33 reais por segundo a cada hora/dia. No final de 2010⁶¹, temos 16,5 mil salários mínimos ao ano, isso apenas para fazer uma rápida leitura do fato a partir de um exemplo no horizonte econômico. Para o ano de 2015, a emissora quer negociar o mesmo espaço em torno de 130 milhões.⁶²

Poder-se-ia escrever vastos tratados sobre a religiosidade popular; entretanto, esta instigante temática não é o objeto desta dissertação. É importante sublinhar o fato de que “algo novo” vem ocupando o imaginário da religiosidade popular do Brasil.

Não obstante essa delimitação, mas exatamente por causa dela, faz-se necessário um trânsito pela religiosidade popular; e isso se deve ao fato de ser a primeira dimensão da fé atingida em sua estrutura fundamental. É que ela vem sofrendo uma desestruturação de sentido relação à Teologia da Prosperidade. O campo da religiosidade é muito amplo, porém se comporta dentro de parâmetros desde o nascedouro, como leciona Emiliano Macedo:

O nascimento do Brasil como nós conhecemos foi através da 'descoberta' por exploradores europeus profundamente imbuídos em levar a fé e o culto católico por terras 'virgens' e 'incultas'. Assim, a colônia portuguesa foi batizada de “Terra de Vera Cruz”, revelando o expressivo caráter religioso na colonização.⁶³

Já aí percebemos a religião impregnada do *modus vivendi* do povo no projeto português, de tal forma que não era mais possível separar uma coisa da outra. Ou seja: não há como não constatar o fato de que o Brasil já se ajoelhou aos pés da cruz; desde a missão

⁵⁸ BÜHLMANN, W. Apostolado. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 33.

⁵⁹<https://goo.gl/x46CnM>. Acesso em: 23. Out. 2014.

⁶⁰O contrato do Show da Fé da Igreja Internacional da Graça, do Pastor RR Soares, com a Band. <http://goo.gl/IVV3Ry>. Acesso em: 06. dez. 2010.

⁶¹ Em 2010, a partir do dia 1o de janeiro, o salário mínimo será de R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais). <https://goo.gl/xGc57u>. Acesso em: 13. ago. 2010.

⁶²<http://goo.gl/i7t9WF>. Acesso em: 19. set. 2011.

⁶³ MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. In: *Revista Agora*, Vitória, n. 7, p. 1, 2008.

Franciscana de Frei Coimbra (Coimbra 1460 – Olivença, 1532) que em 26 de abril de 1500 sacramenta a conquista luso-cristã da terra com a celebração da primeira missa.

A dualidade cruz e espada, por mais paradoxal que possa parecer, foi no Brasil a base da construção de sua religiosidade conhecida como o catolicismo guerreiro, patriarcal, mineiro e o popular. A implantação das definições do Concílio de Trento em nosso catolicismo não foi algo fácil e tranquilo; pelo contrário, custou muito para se tornar algo comum:

Em todo o período colonial, ou seja, nos três primeiros séculos de vida cristã no Brasil, dominou incontestemente o catolicismo tradicional (luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar). Durante essa época, apenas os jesuítas e alguns bispos tentaram efetivamente introduzir no Brasil o catolicismo renovado, de inspiração tridentina. Não obstante, esses esforços não chegaram realmente a ter um grande êxito.⁶⁴

O aspecto guerreiro se refere ao uso da religião para legitimar e dar identidade aos defensores das posses portuguesas frente a invasores de além-mar, como franceses e holandeses. O patriarcal é a tipificação do catolicismo que sustentou a estrutura do engenho/casa grande/senzala. O mineiro é identificado como aquele que por questões do poder econômico gerado pela extração do ouro em Minas Gerais criou uma duplicidade eclesial, que interferiu até na indicação de Bispos, bem como nas práticas cotidianas da fé. Tal situação gerou uma igreja dos ricos e outra dos pobres, prática que incide na quebra a unicidade da Igreja. A religiosidade, ou como se queira chamar a cristandade popular, representa a alternativa eclesial de sobrevivência dos que deram, com seu suor, o sustento de toda estrutura produtiva da então Colônia de ultramar⁶⁵. Aliás, que se diga que tudo, no Brasil colonial, tinha um gosto de periférico; pois toda e qualquer decisão de valor central era oriunda de Portugal, aqui apenas se cumpria a meta de garantir o bem-estar da metrópole. Aqui até mesmo as vestimentas eram reguladas por lei (Leis de Suntuosidade de 1742-1749), no intuito de coibir toda e qualquer ostentação dos nativos frente aos metropolitas.

2.2 Religiosidade Popular

Durante boa parte da História da Igreja a descrição da religiosidade brasileira descrita (de forma incompleta!) anteriormente não se alterou. Com o passar do tempo, porém, uma mudança considerável vem ocorrendo no universo da religiosidade e da piedade popular

⁶⁴ AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978. p.9.

⁶⁵ SUESS, Paulo Guenter. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 80-87.

nos últimos decênios⁶⁶. A mudança não se verifica somente nos aspectos apontados a partir de considerações com base em dados números absolutos de participantes nesta ou naquela Igreja, como pontificam os dados do IBGE 2010. É importante um olhar mais atento no conteúdo daqueles números. Assim se refere Ricardo Mariano em artigo à *Folha de São Paulo* em 2012 quando comenta alguns dados do censo do IBGE:

O Censo também reitera o crescimento do pentecostalismo na base da pirâmide social: 64% dos pentecostais ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários, 42% têm ensino fundamental incompleto. Avança nos segmentos mais vulneráveis da população, nas periferias urbanas e regiões mais violentas, nas fronteiras agrícolas do Norte e do Centro-Oeste, onde a presença católica é rarefeita.⁶⁷

Refiro-me antes ao fato da identidade dessa mudança com relação a um substrato mais profundo, ou seja, à mudança de religião não no sentido programático, mas sim como mudança de paradigma. Quanto a isso a CNBB argumenta que: “O pluralismo liberta as pessoas de normas fixas, mas também as desorienta pela perda das referências e gera desfragmentação da vida e da cultura”⁶⁸. Assim, 45 milhões de pessoas que atualmente professam sua fé no que se convencionou denominar de “evangélicos” ser considerados cristãos pode reproduzir uma leitura simplista e inadequada (não entendi o comentário! RZ). O mesmo motivo que produziu esses números, produziu também os números do ateísmo; parte dos quais inclusive constituiu uma entidade sediada virtualmente no site www.atea.org.br, e registrada na Receita Federal - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) sob o número 10.480.171/0001-19 e no 1º Oficial de Registro de São Paulo/SP⁶⁹. Essa realidade, de certo modo não raro, tem provocado na Igreja Católica uma ação pastoral nitidamente de reconquista da fé⁷⁰.

O Concílio Vaticano II atualiza a ação eclesial em resposta ao novo e diferente que caracteriza o mundo atual. Atenta ao movimento da mudança de época (diacrônico), a Igreja submeteu-se a um processo reformatório. O Concílio foi um evento propiciador de mudanças; a velha Igreja, respirou novos ares e refundou-se. Com isso ela consegue andar a par da nomeada época de mudança (sincrônico) como assinala o texto:

O período que antecede o Concílio Vaticano II revela uma sociedade repleta de mudanças. Em pouco tempo diversos acontecimentos trouxeram grandes transformações que afetaram a humanidade. O evento convocado pelo papa Pio IX, o Concílio Vaticano I (1869-1870), não chegou ao seu fim devido à guerra franco-prussiana. O fato particular é na realidade revelador de uma série de fenômenos que

⁶⁶ <http://goo.gl/SmX5mh>. Acesso em 21/08/2014.

⁶⁷ <http://goo.gl/qpjfPz>. Ver também: <http://goo.gl/6GUOH8>.

⁶⁸ DOCUMENTO 100 da CNBB. *Comunidade de Comunidades*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 21-22

⁶⁹ <http://www.atea.org.br>. Acesso em: 10 jun. 2014.

⁷⁰ CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

se pensava terem sido superados cinquenta anos antes. A Revolução Industrial continuava a trazer inovações e, para entendê-las, eram necessárias novas abordagens. A industrialização não só aumentou a produção de bens de consumo já existentes, mas também introduziu novos. Não era uma revolução do carvão ou do ferro, apesar de estes produtos permanecerem fundamentais. Depois de 1870, iniciava-se a idade do aço e da eletricidade, do petróleo e da química. O modo capitalista de produção, sustentado pelas técnicas da industrialização, se inseria de uma maneira sempre mais determinante por toda a sociedade. A industrialização operou transformações rápidas não só na Europa, mas até em civilizações antigas e tradicionais como a japonesa. Por meio do sistema industrial, criou-se um mercado mundial que favoreceu a penetração europeia em todos os países do mundo. A grande industrialização e a rede criada por ela despertaram também uma série de contradições e conflitos que até então estavam latentes. O regime liberal democrático se mostrou incapaz tanto de integrar os trabalhadores na nova dinâmica social como de garantir-lhes seus direitos. Isso fez com que surgissem diversas revoltas operárias em muitos países. Tal processo culminou com a revolução bolchevista e com o nascimento da União Soviética.⁷¹

A Igreja ao longo de sua história pode ser lida pelo aforismo "*Ecclesia semper reformanda est*". Conforme seus documentos:

Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. Esta é, sem dúvida, a razão do movimento para a unidade. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma. Assim, se em vista das circunstâncias das coisas e dos tempos houve deficiências, quer na moral, quer na disciplina eclesiástica, quer também no modo de enunciar a doutrina - modo que deve cuidadosamente distinguir-se do próprio depósito da fé - tudo seja reto e devidamente restaurado no momento oportuno. Esta renovação tem, por isso, grande importância ecumênica.⁷²

Faz-se mister agora a mesma perspicácia para detectar e enfrentar a nova "época de mudança" que vem se descortinando principalmente nos dois últimos quartéis da vigente pós-modernidade⁷³.

No Brasil, a religiosidade popular, já em seu nascedouro foi um misto entre alimento e tempero, assim como demonstra Souza em acertada análise sobre a questão:

O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa. Afeito ao universo mágico, o homem distinguia mal o natural do sobrenatural, o visível do invisível, a parte do todo, a imagem da coisa figurada. Na maior parte das vezes, a organização catequética tridentina não conseguiria senão a aprendizagem por memorização de poucos rudimentos religiosos, dos quais nem sempre se entendia o significado pleno e que, passados alguns anos, eram esquecidos. Neste sentido, não discrepava do contexto europeu a religiosidade impregnada de paganismo do século XV português, a 'complexa fusão de crenças e de práticas, teoricamente batizada de cristianismo, mas praticamente

⁷¹ O texto completo, com as notas de rodapé, encontra-se em BOMBONATTO, V.; GONÇALVES, P.L. *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 208-218.

⁷² *Unitatis Redintegratio*, nº 6. Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II; fundamentando-se no IV Concílio Lateranense, ses XII, Constituição: Mansi 32, 988 B-C. Concílio convocado pelo Papa Inocêncio III em 1213.

⁷³ Escreve Cesar Sousa: "Estamos em plena transição de um mundo industrial para a era dos serviços; do foco no produto para o foco no cliente; da padronização para a customização; da repetição para a diversidade; do fixo para o móvel; do previsível para o volátil; do analógico para o digital; da indiferença, quando empresas andavam de costas para a comunidade, para a exigência da responsabilidade social e ambiental; de um mundo ocidental para uma globalização multipolar. In: <http://goo.gl/jOjv3s>

desviada dele’ de que fala Oliveira Marques. Para este autor, um ‘cristianismo de fachada (...) emprestava nomes de santos e de festas católicas a forças da natureza e a consagrações pagãs’.⁷⁴

Tal itinerário, base da religiosidade brasileira e ainda presente hoje, é o espaço no qual a TdP sustenta-se e prolifera. São ambientes confessionais havidos de curas e milagres financeiros; que oriundos da negação histórica pela doxa oficial são alvos perfeitos para as artimanhas das megaempresas da indústria religiosa da prosperidade assim como assevera Edir Macedo (IURD): “*cuidado com os deixam a fé sobrenatural para estudarem. Da prática surge a manifestação de Deus e do estudo tem surgido heresias*”⁷⁵. Este pastoreio falacioso torna a ovelha perdida (apóstolos⁷⁶) do sistema oficial, presas fáceis para uma colheita abundante do proselitismo engendrado pela TdP.

Paradoxalmente o preconceito e a negação que confere descrédito à religiosidade popular, podem estar eivados de equívoco. A História registra o fato inequívoco de que o *ethos* ortodoxo do numinoso não se deixa aprisionar⁷⁷ pois a verdade está em trânsito constante. Daí a afirmativa de que o ato de crer do homem do povo transita por um viés empírico diverso da lógica acadêmica; e essa diversidade, o localiza numa situação de vulnerabilidade. Ou seja: a religiosidade popular por ser considerada “impura” pela doxa acadêmica e ao mesmo tempo por ser de um caráter de natureza transitória fica exposta e sujeita à voracidade de uma teologia falaciosa como a TdP.

⁷⁴ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 p. 91)

⁷⁵ RODRIGUES, C; CRIVELLA, M. *501 pensamentos do Bispo Macedo*. Rio de Janeiro: Universal, 2002. p. 13

⁷⁶ Jesus vai em busca da ovelha pelo fato de ela encontrar-se perdida (apóstolos) e não pelo fato, de estar em pecado (amartia) como a leitura moralista quer inferir à teologia da parábola narrada em Lucas 15, 6-7; a qual é uma da trilogia sobre a misericórdia: Lc 15, 1-7 a Ovelha perdida, Lc 15, 8-10 a Moeda perdida e por fim Lc 15, 11-32 a parábola do Pai Misericordioso.

⁷⁷ Santo Agostinho de Hipona, grande teólogo e doutor da Igreja, tentou exaustivamente compreender este inefável mistério. Certa vez, passeava ele pela praia, completamente compenetrado, pediu a Deus luz para que pudesse desvendar o enigma. Até que deparou-se com uma criança brincando na areia. Fazia ela um trajeto curto, mas repetitivo. Corria com um copo na mão até um pequeno buraco feito na areia, e ali despejava a água do mar; sucessivamente voltava, enchia o copo e o despejava novamente. Curioso, perguntou à criança o que ela pretendia fazer. A criança lhe disse que queria colocar toda a água do mar dentro daquele burquinho. No que o Santo lhe explicou ser impossível realizar o intento. Aí a criança lhe disse: “É muito mais fácil o oceano todo ser transferido para este buraco, do que compreender-se o mistério da Santíssima Trindade”. E a criança, que era um anjo, desapareceu... <http://goo.gl/PqmI5w>. Acesso em 23. Jan. 2016.

3 CAUSAS ECONÔMICAS

3.1 Consumo *ego sum*

A Teologia da Prosperidade é sem dúvida um tentáculo da ilação do “*american way of life*”. Após a Segunda Guerra Mundial, entre 1950 e 1970, os EUA viveram um período de grande prosperidade econômica, marcada pelo aumento exuberante da produção de bens de consumo duráveis, bem como do investimento em sua infraestrutura: estradas, hidroelétricas, aeroportos. Nessa época surgem os subúrbios nas cidades estadunidenses e, com eles, o ideal de uma vida suburbana passa a ser o sonho da população de classe média⁷⁸. Entre esses bens, merece destaque o automóvel, grande sonho de consumo da família suburbana e um dos maiores símbolos de status, liberdade e masculinidade. Um dos maiores símbolos da modernidade que despontava no início do século XX eram as grandes avenidas que cortavam os centros das grandes cidades. Durante a Guerra, houve uma baixa no consumo destes automóveis, devido ao fato de as montadoras voltarem sua produção para a guerra. Por exemplo, só a montadora Chrysler forneceu mais de 500 mil caminhões de combate para abastecer os aliados no *front*; nascida da guerra, a ascensão industrial norte-americana no mundo foi apenas uma sequência lógica do capital⁷⁹.

No período do pós-guerra, os EUA levou essa ideologia à exaustão de pragmaticidade. Padilha afirma que entre os anos 1950 e 1960, considerado pelos críticos como o período auge do modelo, Victor Gruem desenhou mais de 50 *Shopping Malls*, megamercados, alguns com mais de 100 mil metros quadrados, como no caso do Northland, com um estacionamento para 7.400 carros, isso já em 1960⁸⁰. Na verdade, o fim da guerra e como ela terminou gerou uma lacuna que exigiu um novo paradigma. Houve algo como um misto de felicidade e suor frio: temos a bomba que, ao mesmo tempo, colocou fim à guerra, mas gerando medo e pânico⁸¹. O final da Segunda grande guerra inaugura a chamada Guerra

⁷⁸ TEIXEIRA, Heitor Duarte. O outro lado do American Way Of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do séc. XX. *Universos de História*. Rio de Janeiro, ano 1, v. 1, p.32-50, 2008.

⁷⁹ <http://goo.gl/dA7y0b>. Acesso em 01/09/2014.

⁸⁰ PADILHA, Valquíria. *Shopping Center*. A Catedral das mercadorias. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2006 p. 58.

⁸¹ Os dois bombardeios atômicos contra Hiroshima e Nagasaki, os únicos da História, forçaram a rendição do Japão seis dias depois, no dia 15 de agosto de 1945, levando ao fim a Segunda Guerra Mundial no dia 2 de setembro, quando foi assinada a sua capitulação. O planeta passou a conviver com o temor da ameaça nuclear à humanidade, mais agudo durante a corrida armamentista e anos de Guerra fria, travada pelas potências nucleares do pós-guerra: EUA e URSS. <http://goo.gl/x48lmC>. Acesso em: 25.mar.2015.

Fria, durante a qual dois modelos de economia passam a se confrontar e a se excluir mutuamente⁸².

A Guerra Fria gerou uma busca de sentido do ser e essa busca levou os norte-americanos a preencher esse vazio com uma espécie de reedição do “*American Dream*”⁸³ dos anos 1930, agora reconfigurado e apresentado ao país e ao povo, ávidos por consumir como o “*Jeito Americano de Viver*”. Consumir o que a indústria, que se tornou poderosa com a Guerra, agora produz de forma livre, apta e com as máquinas prontas para abastecer o mercado com os sonhos dos bens duráveis de consumo. A melhor aquisição da guerra e, ao mesmo tempo, o melhor combustível para a nova forma de guerra que se trava sem dar tiros foi o incentivo ao consumo. O marketing do *American way of life* vendeu de creme dental, tinta para cabelos, eletrodomésticos a sofisticados carros e casas nos subúrbios das grandes cidades norte-americanas. Num mundo monopolizado pelo consumo, não consumir é igual a não existir; a afirmação do ser está agora no *consumo, logo existo*.

⁸² A Guerra Fria, que teve seu início logo após a Segunda Guerra Mundial (1945) durando até a extinção da União Soviética (1991) é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os EUA e a União Soviética, disputando a hegemonia política, econômica e militar no mundo. A União Soviética buscava implantar o socialismo em outros países para que pudessem expandir a igualdade social, baseado na economia planificada, partido único (Partido Comunista), igualdade social e falta de democracia. Enquanto os EUA defendiam a expansão do sistema capitalista, baseado na economia de mercado, sistema democrático e propriedade privada. Com o fim da Segunda Guerra Mundial o contraste entre o capitalismo e socialismo era predominante entre a política, ideologia e sistemas militares. Apesar da rivalidade e tentativa de influenciar outros países, os EUA não entraram em conflito direto com a União Soviética (e vice-versa) por meio das armas, pois os dois países tinham a posse de grande quantidade de armamento nuclear e um conflito armado direto significaria o fim dos dois países e, possivelmente, da vida em nosso planeta. Porém ambos acabaram alimentando conflitos em outros países como, por exemplo, na Coreia e no Vietnã. Com o objetivo de reforçar o capitalismo, o presidente dos EUA, Harry Truman, lança o Plano Marshall, que era um oferecimento de empréstimos com juros baixos e investimentos para que os países arrasados na Segunda Guerra Mundial pudessem se recuperar economicamente. A partir desta estratégia a União Soviética criou, em 1949, o Comecon, que era uma espécie de contestação ao Plano Marshall que impedia seus aliados socialistas de se interessar pelo favorecimento proposto pelo inimigo político. A Alemanha, por sua vez, aderiu ao Plano Marshall para se restabelecer como nação, o que fez com que a União Soviética bloqueasse todas as rotas terrestres que davam acesso a Berlim. Dessa forma, a Alemanha, apoiada pelos Estados Unidos, abastecia sua parte de Berlim por vias aéreas provocando maior insatisfação soviética, o que provocou a divisão da Alemanha em Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental. Em 1949, os Estados Unidos juntamente com seus aliados criam a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) que tinha como objetivo manter alianças militares para que estes países pudessem se proteger em casos de ataque. Em contrapartida, a União Soviética assina com seus aliados o Pacto de Varsóvia que também tinha como objetivo a união das forças militares de toda a Europa Oriental. Entre os aliados da Otan destacam-se: Estados Unidos, Canadá, Grécia, Itália, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Áustria, Dinamarca, Inglaterra, Suécia, Espanha. E entre os aliados do Pacto de Varsóvia destacam-se: União Soviética, Polônia, Cuba, Alemanha Oriental, China, Coreia do Norte, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Albânia, Romênia. <http://goo.gl/pXKfVB>. Acesso em 03.set.2014.

⁸³ A morte do caixeiro viajante (1949), do dramaturgo americano Arthur Miller (1915-2005). Essa peça é a parábola dos Estados Unidos no século XX: um país dividido entre o sonho e a realidade, mergulhado na perigosa selva do capitalismo, na qual, para obter a tão importante aprovação social, o homem tem que, sem medir esforços, vencer. A realização do sonho americano acaba sendo privilégio de alguns, e não de todos, conforme a propaganda política deixava implícito. A peça denuncia isso. Daise Lílian Fonseca Dias Professora mestre da Universidade Federal de Campina Grande. In: o fracasso do sonho americano em a morte do caixeiro viajante de Arthur Miller. <http://goo.gl/rbcH64>. Acesso em 05.set. 2014

O novo formato da economia mundial consagrou a doutrina keinesiana como o marco teórico de sua expansão, caracterizado pelo *American way of life* e a teoria de Keynes⁸⁴, que conjuga Estado e Indústria. Foi um sucesso. É óbvio, porém, que tal sucesso não serviu para as pessoas que o Estado não alcança, enquanto a Indústria não responde às expectativas e necessidades dessa camada social, dado ao seu baixo poder de endividamento. Para consumir é necessário ter condições de cobrir o custo do bem a ser adquirido. Talvez esteja aqui a maior ligação entre as ideias de Kenneth Hagin e o que se convencionou chamar de Teologia da Prosperidade, cujo ponto de apoio está no fato de ser insuportável viver a proposta da pobreza (cristã) no mundo do pós-guerra que está se construindo com base no consumo.

3.2 O uso da Mídia

O cinema encarregou-se de espalhar pelos quatro cantos do mundo o jeito americano de viver que foi – aos poucos – sendo adotado, incorporado e adaptado pelas mais diferentes culturas e sociedades: do Japão ao México, do Leste Europeu ao Brasil. Os meios de comunicação tiveram papel fundamental na disseminação desse modo de vida, apresentando ao mundo suas características e seus procedimentos, de modo sedutor e convincente. O filme "O mágico de Oz" reproduz muito bem o espírito norte-americano: "*There is no place like home*", isto é, "Não há lugar melhor do que nosso lar". Os norte-americanos passaram para o mundo a mensagem de que o "*American Way of Life*" era o melhor ideal de vida, onde a prosperidade, a competitividade e a abundância estavam presentes no seio da sociedade em geral; essa ideologia alicerçou o chamado "estilo americano". Assim a possibilidade de que tanto Hagin quanto a escola Rhema tenham seus fundamentos alicerçados nessa ideologia parece evidente. Os títulos das obras produzidas por Hagin fornecem um vasto material que indicam essa influência⁸⁵.

⁸⁴ A partir das reflexões de Keynes, iniciou-se uma grande mudança na base teórica do capitalismo pré- e pós-guerra; antes se pensava que o sistema se acomodaria mediante as crises a partir da flexibilidade do trabalhador. Porém, com a exigência de mão de obra específica e qualificada, muitos trabalhadores estavam ficando fora do mercado. Com Keynes o Estado passa a exercer parceria com a Indústria e os sindicatos a ter papel de regulador de toda a saúde do tecido social, da política e economia do país. Os eventos do pós-guerra e a necessidade de seguridade pessoal fez com que a Teoria Keinesiana fosse aceita por quase todos os países do bloco ocidental, inclusive o Brasil.

⁸⁵ KENNETH HAGIN. In: <https://goo.gl/gn37as>. Acesso em 22. Out. 2010

3.3 Desenvolvimento do capitalismo - Consumir: O novo Paraíso

O megamercado adaptou-se rapidamente ao gosto e à necessidade do consumidor norte-americano como se fosse um verdadeiro “paraíso”. A propaganda e a exposição das mercadorias marcaram o novo tipo de relação. Antes a mercadoria ficava escondida atrás de balcões; mas nos *Malls* (mercados) a mercadoria fica exposta, aguçando o desejo e fazendo com que grande parte dos norte-americanos comprasse por impulso:

Se diz que o desenvolvimento dos shoppings ocorreu concomitantemente ao aprimoramento das técnicas de atração dos consumidores, ou seja, os shoppings centers amadureceram tanto do ponto de vista arquitetônico e urbanístico como do ponto de vista econômico. A necessidade primordial desse novo tipo de comércio é unir os interesses dos planejadores e gestores dos shoppings centers aos interesses dos consumidores.⁸⁶

A teologia proposta por Hagin é perfeitamente adequada ao que vimos com relação ao mercado do Shopping. Hagin ensina que toda e qualquer pessoa pode ser alvo destas bênçãos de Deus, já que todos os que recebem o Batismo, os que confessam seus pecados diante de Deus e acreditam no nome de Jesus são considerados filhos de Deus. Todos esses estão livres de qualquer maldição e força do pecado, pois estão livres da maldição da Lei que são: 1º) a pobreza, 2º) as doenças e 3º) a morte espiritual. Assim, aquele que é doente, pobre ou tem uma doença espiritual é porque não reivindica seus direitos como cristão. Por óbvio, o crente que tem fé possui todos os bens que achar necessário. Então, aquele que não tem poder de compra numa sociedade totalmente voltada ao sucesso do *american way of life* não só não é um bom cidadão, como também só pode estar sem a graça de Deus, que lhe faria próspero.

Hagin preconiza que todos os seus seguidores podem ter carros, propriedades. Essa é sua interpretação da bênção (prosperidade) baseada em Isaías 53, 4-5. Jesus carregou sobre si todas as nossas fraquezas e iniquidades e nos fez totalmente livres, daí não ser mais necessário pedir nada a ele, mas em seu nome determinar ao Pai, isto é, reivindicar em “o nome de Senhor Jesus” o que já é nosso, de direito:

A prosperidade é uma bênção redentora. Jesus comprou a nossa prosperidade e providenciou-a em nossa redenção. Ele se fez pobre para que pudéssemos ser ricos... ele levou nossas doenças e enfermidades para que pudéssemos ser curados... Jesus nos resgatou da maldição da lei para que as bênçãos de Abraão pudessem recair sobre nós. Abraão foi rico! Gn 13, 1-2; 24, 34-25; 26, 13-14 pois Isaac herdou suas riquezas e foi ficando cada vez mais rico.⁸⁷

⁸⁶ PADILHA, 2006.

⁸⁷ HARRIS, David. *O plano de Deus para sua Prosperidade*. Rio de Janeiro: Editora Graça. 2002. p. 11-19

Não é raro deparar-se com a postura de Hagin em seus escritos, referindo-se à escassez de dinheiro nas congregações nas quais pregava; em muitas delas recebia apenas alguns míseros dólares, que o colocava diante da situação da privação de bens. Em determinada situação, Hagin dá o seguinte testemunho: em certo culto, quando resolveu clamar pelo dinheiro e logo no final contabilizou U\$ 243,15 dólares⁸⁸, surpreendeu-se, pois era uma quantia que jamais tinha recebido por uma pregação. Diante da quantia exclamou: “Nunca recolhemos tanto dinheiro e sem apelo (...) sem ênfase ou pressão, o valor das ofertas começou a aumentar, e todas as necessidades de minha família e de meu ministério passaram a ser cumpridas”⁸⁹.

O grifo, na citação acima, foi feito para demonstrar que Hagin se refere ao fato de ganhar dinheiro e gastar para superação da miséria de bens de sua família. Em outra ocasião ele mesmo recolhe testemunhos nessa linha, como é recorrente em sua vasta obra. Um exemplo:

Certo pastor ouvia-me com extasiada atenção enquanto eu compartilhava o que Deus me revelara, sobre como os cristãos podem clamar por suas finanças, tendo como base a palavra. Ele era um cavalheiro idoso, que devotara toda a sua vida ao ministério. Na maior parte do tempo, ele e sua família viveram em absoluta pobreza, com roupas remendadas, um carro “caindo aos pedaços” e uma casa em ruínas.⁹⁰

No pós-guerra os norte-americanos deixaram de ser alvo dos bombardeios Kamikazes, como em Pearl Harbor, porém agora passam a ser alvos prediletos da intensa e milionária propaganda para o consumo. Padilha atesta que só a empresa Gillette gastou mais de 150 milhões de dólares em propaganda em 29 países entre 1950 e 1996⁹¹. A propaganda foi utilizada para fazer as pessoas sentirem a sensação de cura, de satisfação. As pessoas são levadas a acreditar que suas opções nascem de sua vontade, seu desejo; porém, na verdade, são controladas por agentes externos. A indústria atual trabalha com exatidão o conceito de que “o produto só é produto ao ser vendido; caso contrário é apenas uma peça de museu” (Ted Levit). Essa premissa publicitária dos 4-P (produto-preço-promoção e ponto de venda)⁹² encontra hoje vários cortes, os quais o *American way of Life* já se utilizava na década de 40-

⁸⁸ O National Industrial Recovery Act (Ato de Recuperação Industrial Nacional, ou NIRA) criado e aprovado pelo Congresso americano em junho de 1933 previa um salário para os trabalhadores por volta de 20 a 40 centavos por hora e uma jornada de 35 horas semanais. <https://goo.gl/4877k9> Acesso em: 29.abr. 2016, O que equivale afirmar que a soma de 243,15 dólares por uma pregação era de fato uma fortuna.

⁸⁹ HAGIN, Kenneth. *O toque de Midas*. Rio de Janeiro: Editora Graça, 2004, p. 47 (O grifo é meu).

⁹⁰ HAGIN, Kenneth. 2004

⁹¹ PADILHA, 2006.

⁹² KOTLER, Philip. *Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados*. São Paulo: Edipro, 2009. P. 126

50. Um bom exemplo foram as majestosas *pinups* que se expunham como garotas propaganda para vender tudo e de tudo, e em todos os cantos do mundo capitalista; até mesmo no Brasil.⁹³

O mundo do pós-guerra se curvou às regras do Plano Marshall que alça os EUA ao topo da economia pós-guerra com base em duas premissas: promover a prosperidade interna e o aumento de seu poder na economia externa. O plano Marshall se contrapôs ao Plano traçado em Bretton Woods, no qual os EUA se configurava apenas como mais um sócio no projeto de recuperação mundial; este motivo levou os países aliados à União Soviética não aderir a ele, e a criar seu próprio Plano.

Logo após o fim da Segunda guerra a economia europeia estava totalmente destruída e os norte-americanos, tendo conseguido dolarizar a economia do “eixo capitalista”, emergem da guerra como os grandes vencedores e com eles os países aliados; já os países de economia socialista por sua vez formaram o “*Communist Information Bureau*” – o Cominform –, com a função de articular o Eixo Comunista⁹⁴. A estreia do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, duas poderosas Instituições lastreadas pelo ouro, ajustaram o mercado financeiro e, ao mesmo tempo, consolidaram a América do Norte como a maior economia do universo capitalista. Analistas afirmam que, já por volta de 1950, a economia devastada pela guerra dava sinais eloquentes de recuperação.

O resumo disso tudo é o fato de que o *Plano Marshall*⁹⁵ não só aqueceu a economia dos aliados, bem como e principalmente significou a base da corrida da prosperidade lastreada pela sede de consumo do pós-guerra. Constata-se que Hagin e sua teologia não ficaram imunes a esse movimento, pelo contrário, são seus filhos legítimos. Hagin afirma claramente

⁹³ No Brasil Vicente Caruso (1912- 1986) criou calendários com pinups brasileiras maravilhosas. Grande exemplo foi as "pinups" que retratam a beleza da mulher brasileira estampando calendários de grandes empresas nos anos 1950 como os que produziu para a indústria de pneus Goodyear, que é justamente o caso das imagens com a bandeira paulista, criadas em ocasião do IV Centenário da cidade.

⁹⁴ O Cominform era uma organização de origem soviética fundada em setembro de 1947 para congregar partidos comunistas europeus. O encontro foi convocado por Stalin em resposta a divergências entre os governos do Leste Europeu quanto a comparecer ou não à conferência do Plano Marshall em Paris, em julho de 1947. O objetivo do Cominform era coordenar ações entre partidos comunistas sob orientação soviética. Da reunião resultou a radicalização esquerdista dos regimes políticos do Leste Europeu. Depois da guerra, haviam se instalado, nesses países, governos de coalizão, com representantes de partidos tradicionais junto com os comunistas. Porém, a direção soviética resolveu responder ao desafio capitalista da Guerra Fria com a imposição de governos só de comunistas, chamados de "democracia popular", definido por Stalin como uma forma de ditadura do proletariado. Ou seja, concretizou-se em todo o Leste Europeu o regime de partido único. O Cominform acabou em 1956. <http://goo.gl/cI7CJq>. Acesso em 24. Set. 2014.

⁹⁵ O Programa de Recuperação Europeia ficou popularmente conhecido como Plano Marshall. Ele era parte da estratégia estadunidense durante a Guerra Fria que procurava impedir a expansão do comunismo pelo mundo, o que se chama de Doutrina Truman. O programa recebeu a designação popular de Plano Marshall em função do Secretário de Estado dos Estados Unidos chamado George Marshall, o idealizador. O plano visava a reconstrução e o auxílio econômico aos países europeus que estavam destruídos após o conflito. As linhas de atuação do programa foram definidas em um encontro realizado em julho de 1947. <http://goo.gl/T5KOOQ>. Acesso em 09. Mar. 2015.

que nas décadas de 1930 e 1940 seu salário era de 45 dólares por mês, o que não era suficiente nem mesmo para o básico de abastecer o carro e sustentar a família, o que significa dizer que até então Hagin não se ocupava com a teoria da prosperidade:

Meu rendimento como pastor era de 45 dólares por mês. (...) isso acontecia nas décadas de 1930-1940. Apesar de saber que a maioria das pessoas na minha congregação não entregava o dízimo se seus rendimentos, nunca tentei fazer caso disso. Eu ensinei o que a Bíblia dizia a respeito de dizimar e ofertar, mas era cuidadoso e não enfatizava apenas esta parte da mensagem cristã.⁹⁶

3.4 Caixa Registradora: “O novo turíbulo”

O entendimento da equação que finaliza o item anterior equivale à construção das bases da Teologia da Prosperidade: mesmo que Deus não tem uma “Casa da Moeda”, o dinheiro é fruto de uma ação humana. É sabido que é no campo da economia que se produzem e distribuem os bens necessários para a vida humana, e que esses bens são adquiridos com dinheiro. Mas como se dá a criação do dinheiro?

Segundo Dussel, quando nos deparamos com qualquer objeto, que não esteja mais em seu estado natural (matéria-prima) estamos nos deparando com a vida do trabalhador, isto é, o objeto passou por um processo de trabalho. Da interação entre força de trabalho e matéria-prima temos um objeto, ou seja, um produto. Esse objeto possui um valor, e este valor é a soma de todos os componentes necessários para a sua produção, desde sua coleta primária até o processo industrial que o finalizou e, posteriormente, seu trânsito pelo mercado. Este produto é finalmente transformado em dinheiro; que nada mais é do que a vida objetivada do trabalhador⁹⁷. Se, em última análise, é da vida do trabalhador que se compõem as riquezas do mundo, e o trabalhador é pobre, isto equivale a dizer também que o sistema de riqueza vive da retenção de vida, um sacrifício de vida humana. A riqueza, fruto desta retenção de vida é idolátrica, já que o produto que torna possível o acúmulo de dinheiro não é outra coisa senão a sua vida objetivada⁹⁸. O valor da vida está ligado intrinsecamente ao produto que se transformou em dinheiro. A morte tem para o cristão um valor bem delimitado que, em última instância, nos fala do encontro entre o criador e criatura⁹⁹. No entanto a morte do trabalhador, quando vitimado pelo sistema de produção, é sem dúvida um ato sacrificial; é mais uma vítima imolada para que o sistema de mercado neoliberal sobreviva.

⁹⁶ HAGIN, 2004.

⁹⁷ DUSSEL, Henrique. *Ética Comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 129-138.

⁹⁸ DUSSEL, 1986.

⁹⁹ RENOLD, Blank. *Nossa vida tem futuro*. Paulinas. São Paulo: 1991. p. 32

O escocês Adam Smith (1723-1790) já teorizava em seus trabalhos sobre o formato do mercado invisível, quando falava da natureza e da causa da riqueza das nações. Melhorado pelo efeito da globalização, o mercado reina de forma absoluta, como se a história tivesse chegado a seu fim, como preconizara o economista neoconservador nipo-americano Francis Fukuyana, desde a década de 1990, em seu livro *Confiança: as virtudes sociais e a criação da Prosperidade*¹⁰⁰ e ainda recentemente em vários outros artigos. Sua teoria ficou na berlinda com a crise do capitalismo em 2008, considerada por especialistas como somente superada pela crise de 1929.

Recentemente o modelo de acúmulo de capital vem recebendo críticas bastante acuradas. Uma delas é a crítica do francês Thomas Piketty, que trabalha a questão da desigualdade do bem-estar. Ele escreve que nos países onde há uma concentração de renda é concomitante ao excesso de pobreza, ou seja, a concentração da riqueza é sinal de uma desigualdade arbitrária. Por isto, de tempo em tempo é necessário desconstruir o excesso de riqueza. Piketty afirma que a sociedade capitalista não é meritocrática, é sim uma versão parasitária de vida, na qual aburguesados ignoram o *modus vivendi* do povo, além de promover uma compreensão não equitativa da justiça¹⁰¹.

3.5 O trabalho e o sacrifício

O trabalho é a práxis que possibilita a vida; é exatamente nesta relação que o humano transfere para a matéria a sua vida transformada em força, tração. Segundo a Encíclica “*Laborem Exercens*”, de João Paulo II, “*é esta uma das características que separa os homens dos demais animais*”¹⁰². O ensinamento Bíblico “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28) pontifica a postura da ética social, com a qual a teologia deve olhar para a questão do trabalho. Diz ainda o documento: “No desempenhar tal mandato, o homem, todo e qualquer ser humano, reflete a própria ação do criador do universo”¹⁰³. Nesse processo a matéria ao ser transformada em produto retém vida, passando assim a não ser apenas um objeto fruto da força de trabalho, mas vida humana objetivada. Daí ser correto dizer que a vida está no produto na dependência de algo externo ao seu corpo; a vida está contida no objeto. Podemos também, por inferência, afirmar que está a um passo de tornar-se

¹⁰⁰ FUKUYANA, Francis. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da Prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

¹⁰¹ <https://goo.gl/T46GSc>. Acesso em: 02 out. 2014.

¹⁰² *Laborem Exercens*, n. 03

¹⁰³ *Laborem Exercens*, n. 04.

um ídolo. Entendemos que ídolo é tudo aquilo que não tem vida em si, mas a tem presa em si. Seus olhos não são seus, seus braços não são seus. Sua capacidade de reter a vida não é sua, mas daqueles que o detém de forma acumulada. O Magistério católico afirma que “o trabalho é a chave fundamental de toda questão social”¹⁰⁴. Se outrora a Economia de mercado tinha a pretensão de ser uma alternativa ao sistema de economia planejada do socialismo, hoje o planeta inteiro se curva a ela como o único sistema vigente no mundo globalizado e de economia internacionalizada. Como a vida está retida, de certo modo presa no resultado do trabalho humano, no produto, toda e qualquer manipulação deste é a manipulação da vida. A força, ou seja, os ingredientes materiais, espirituais e psíquicos que compõem a vida são transferidos para a matéria-prima, que agora se tornou produto, porque fabricada por quem o produziu. Quando manipulamos qualquer fruto do processo fabril humano, estamos nos relacionando com o próprio produtor.

O processo produtivo industrial obedece à falaciosa lógica de alienar e desconstruir a ligação entre produto e produtor; essa alienação Chaplin já o demonstrara cabalmente no filme “Tempos Modernos”, no qual o produtor além de outros aspectos não pode mais fazer poesia de sua *poiesis*¹⁰⁵. A Teologia nos permite uma crítica a esse modelo, e ao fazê-la, teólogos como Jung Mo Sung, que já vem ao longo das últimas décadas trabalhando esses aspectos, nos ajudam a perceber o fato de que no atual sistema de economia neoliberal-globalizada, o ser humano de um ser escravizado pelo mercado passa agora a ser um sacrificado:

A modernidade foi compreendida como emancipação humana, racional e secularizada, quando na verdade apresenta duas faces aparentemente contraditórias. A proposta de emancipação humana baseada na razão veio acompanhada de colonização e escravização da população do mundo não europeu ocidental. A racionalidade moderna justificou a irracionalidade da matança e exploração de centenas de milhões de pessoas em nome do progresso e civilização. Franz Hinkelammert chama a racionalidade moderna de "racionalização do irracional". Além disso, a dita secularização não significou negação completa da religião ou do sagrado, mas o deslocamento do sagrado para a esfera do mercado, no capitalismo, e Estado no comunismo. Na crítica teológica ao capitalismo, isso foi chamado de "idolatria do mercado".¹⁰⁶

A lógica do sacrifício na história das religiões constitui-se em obter, através do culto, o favor ou beneplácito dos deuses e, escatologicamente, a imunidade no trânsito para o juízo final. Com isso, seguir diretamente desde o mundo de paixões para o mundo do céu. A ação litúrgica realizada em grande parte com a finalidade de livrar-se das penas no inferno e possivelmente garantir a passagem para o “céu” sem o contratempo do purgatório foi um dos

¹⁰⁴ *Laborem Exercens*, n. 3.

¹⁰⁵ *Poiesis* é um termo grego que significa "criação" ou "produção", derivado de ποιέω, fazer ou criar. Para conferir seus diversos significados do conceito ver: <http://goo.gl/dbpi00>. Acesso em: 30.abril.2016

¹⁰⁶<http://goo.gl/iG4Fa0>. Acesso em 09/10/2014.

principais motes da reforma religiosa com Lutero no séc. XVI¹⁰⁷. Já o intuito da Teologia da Prosperidade consiste em uma lógica totalmente inversa do culto cristão comum, pois se constitui a partir de uma visão verticalizada e arredia à dimensão profética. Configura-se na celebração como um agir litúrgico voltado exclusivamente para a manipulação das emoções e, através dela, à conquistas de bens, não importa de que natureza seja, desde que esteja nele embutido valor. Ou seja, o culto deveria proporcionar ao crente a certeza de alcançar as promessas escatológicas; no entanto, através do “culto sacrificial do dinheiro”, oferece ao crente a possibilidade de fazer com que Deus trabalhe em seu favor, como um “empregado”, usando o dinheiro¹⁰⁸ como objeto que ocupa o lugar sacrificial de Jesus na cruz, isto é, um processo de narcisismo sacrificial¹⁰⁹.

A regra dessa liturgia se expressa da seguinte forma: o objeto a ser sacrificado é o dinheiro¹¹⁰. Essa antiteologia faz da igreja um shopping-empresa que funciona oferecendo em seu menu: curas, exorcismos e riqueza. Tal performance transforma os fiéis em clientes e a fé, ferramenta para adquirir objeto de desejo. O então cliente, ao fazer o seu “pagamento sacrificial”, faz com que Deus fique obrigado a prestar o serviço da multiplicação, porque pagou por isso. Quem doa tem certa “autoridade” embutida no objeto doado, que lhe confere certo direito. Algo mais ou menos quando dizemos a alguém, após prestar-lhe um favor: “me deve essa”; assim Deus fica em dívida com o doador ao receber algo dele¹¹¹.

O ato cúltilo da prosperidade, como tal, não visa os bens escatológicos, mas sim à tarefa de alcançar a prosperidade no “já” deste mundo; entenda-se o já como acesso à os bens materiais. Toda estrutura exegética e litúrgica está em função do convencimento do crente-cliente que, uma vez “convencido”, se dispõe a fazer a oferta segundo o ritual elaborado com a finalidade de tirar o máximo possível de oferta disponível. Abaixo segue um exemplo de tal prática na Igreja Internacional da Graça. O fragmento demonstra cabalmente o caráter mágico da liturgia da Prosperidade, elaborado para assegurar ao crente-cliente o máximo de certeza de que a sua intenção alcançará êxito. Não obstante a sua ação sacrificial com a oferta,

¹⁰⁷ Lutero era contrário à venda de indulgência praticada pela Igreja Católica. De acordo com esta prática, bastava pagar à Igreja para se livrar dos pecados. A venda de indulgências foi um recurso usado para angariar fundos para a construção da Basílica de São Pedro.

¹⁰⁸ Minha compreensão sobre a questão “dinheiro” está embasada na obra de Henrique Dussel, neste sentido a texto de Omar Lucas Perrot Fortes de Sales é uma ótima leitura sobre o tema. <http://goo.gl/acUA9d>. Acesso em 30. abr.2016

¹⁰⁹ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e Sacrifício*. Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2006. p. 97.

¹¹⁰ MACEDO, Edir. 1945 - *O Perfeito Sacrifício*: o significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal, 2001. P 16

¹¹¹ BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v. 35, n. 1, p. 33, 1995.

o caráter de limpeza, “exorcismo”, da liturgia garante o sucesso do processo de negociação entre o cliente-crente-mediador.

3.6 Mercado: O Novo Paraíso

No Brasil da era Lula, o marketing do governo, ao fazer a propaganda de sua política econômica de Estado,¹¹² se gloria pelo fato de ter elevado mais 30 milhões de brasileiros à categoria de consumidores de bens materiais de curta e longa durabilidade¹¹³. Ao mesmo tempo, o censo demográfico de 2010 no quesito religião aponta números semelhantes que correspondem quase que exatamente aos números ufanistas apresentados pelas Igrejas como o índice de novas adesões (convertidos) nas confissões de fé cujo credo transita pela Teologia da Prosperidade. Segundo a Revista *Veja*: “A pesquisa do censo revela que, apesar de os pentecostais crescerem na população pobre e de baixa renda, na última década se fez presente também na nova classe média. A ‘Teologia da Prosperidade’ é um dos fatores desse processo”¹¹⁴.

Na mesma linha de compreensão, podemos ainda dar luz ao fato de que a satanização e/ou rejeição a um governo de esquerda no Brasil tinha nas igrejas neopentecostais e classes desejosas de ascensão econômica que desejavam manter ou aumentar seu poder de compra um nicho importante. Hoje, se percebe com nitidez que, assim como o capital se estabelece no mecanismo da globalização, o nicho de postura anti-esquerda também se expande no mecanismo da transconfessionalidade lastreada pela Teologia da Prosperidade. O bem último da fé com base na prosperidade não é a salvação no sentido do *soterú*, central na reflexão cristã. Ao contrário, seu bem último se avalia em sua manifestação ôntica, demonstrável na qualidade de vida que o crente-cliente possui; ou seja: de seu acesso aos bens de consumo oferecidos pelo dinheiro. Se houve uma época em que se pagava por rezas que garantiam um

¹¹² Políticas de governo são aquelas que o Executivo decide num processo bem mais elementar de formulação e implementação de determinadas medidas para responder às demandas colocadas na própria agenda política interna – pela dinâmica econômica ou política-parlamentar. Políticas de Estado, por sua vez, são aquelas que envolvem as burocracias de mais de uma agência do Estado, justamente, e acabam passando pelo Parlamento ou por instâncias diversas de discussão, depois que sua tramitação dentro de uma esfera (ou mais de uma) da máquina do Estado envolveu estudos técnicos, simulações, análises de impacto horizontal e vertical, efeitos econômicos ou orçamentários, quando não um cálculo de custo-benefício levando em conta a trajetória completa da política que se pretende implementar.

¹¹³ <http://goo.gl/BTHZrL>. Acesso em 17. mar. 2014.

¹¹⁴ <http://goo.gl/ty29oZ>. Acesso em 15. Set. 2015

espaço no céu, hoje não precisa mais de rezas, basta poder comprá-lo¹¹⁵; consumir, ostentar deixou de ser pecado¹¹⁶. Algumas igrejas usam estratégias de marketing inclusive na orientação vocacional de seus pastores. Os pastores que atingem metas são transferidos para Igrejas mais rentáveis e ou até para outros países¹¹⁷.

Um fator desvelador de todo processo é que, assim como nos EUA, a expansão da confissão positiva, base da Teologia da Prosperidade é concomitante ao surgimento e à expansão do Shopping Center, com seu status consumista; a grande marca do pós-guerra também apostou no potencial consumista dos tupiniquins:

Entre 1960 e 1980, a economia brasileira é marcada por uma concentração de renda nas mãos de 20% da população mais rica, o que mostrava, de um lado, o crescimento de luxuosos shoppings centers para os mais ricos, e, de outro e ao mesmo tempo, um aumento de pobreza. Mesmo assim este momento revela um crescimento econômico do País.¹¹⁸

Ricardo Gondim Rodrigues estava certo ao afirmar: “a ideologia capitalista da ebulição neoliberal se misturou de tal forma no pensamento religioso desse fim de milênio que a ênfase da religião se tornou egocêntrica, materialista e consumista”¹¹⁹. A função da propaganda é fazer com que o indivíduo pense que o item por ela apresentado irá resolver a lacuna do humano. No entanto, como o objetivo é vender, essa argumentação é falaciosa, pois, num mundo regado pelo trabalho x consumo, pretender acabar com o consumo é mentiroso. Dessa forma, o consumidor é condicionado e infantilizado pela publicidade, e acaba caindo numa armadilha, pois, pensando estar fazendo opções livres, não sabe que na verdade seus desejos, gestos e escolhas já foram cuidadosamente estudados por especialistas em marketing e propaganda. Segundo Padilha:

Retomando o princípio da “adolescência planejada”, a publicidade é mais uma ferramenta de criar necessidades nas pessoas para que a circulação de mercadorias tenha um bom fluxo. Por isso pode-se afirmar que ela visa muito mais que o corpo das pessoas: seu alvo é a “alma humana”.¹²⁰

Para Valquíria Padilha, a fórmula seguida pela publicidade precisa contemplar oito aspectos de fundamental importância, sem os quais o fluxo de mercadorias não acontece no

¹¹⁵ Em mais uma jogada de marketing, a Igreja Universal do Reino de Deus anuncia que vai vender escrituras de terrenos no céu para fiéis. Confira o artigo original no Portal Metrópole: <http://goo.gl/95PBVR>. Acesso em 23. Mar. 2016.

¹¹⁶ HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: LTC, 1986. P.152-4.

¹¹⁷ <http://goo.gl/V2KXjo>. Acesso em 15. Jan. 2016.

¹¹⁸ PADILHA, Valquíria., 2006, p. 69.

¹¹⁹ Teologia da Prosperidade: A falência da espiritualidade. *Revista Caminhando*, Jan-jun, n 19, v 12, p. 129-140, 2006.

¹²⁰ PADILHA, 2006.

mundo moderno: 1) alimentar o narcisismo do consumidor; 2) dar-lhe segurança emotiva; 3) garantir-lhe que ele merece ter aquilo; 4) inscrevê-lo na sua época; 5) dar-lhe sentimento de poder; 6) de autoridade; 7) de autenticidade; 8) de criatividade. Dessa forma, por certo, não se compra o produto por uma necessidade real, mas toda decisão de compra será circunstanciada por algo externo à pessoa. Assim, a publicidade tem como base descobrir e manipular tecnicamente os desejos e as vontades. Ou seja, estamos falando de subjetividade, como se pode perceber no testemunho de um professor da UNESP:

Eu sou docente da UNESP. Certa vez ao provocar, em sala de aula, uma reflexão sobre o livro "País Fast Food" de E. Schlosser (Ática, 2001) fui agredido verbalmente por alguns estudantes. O autor do livro demonstra como até Piaget é utilizado pela "ciência administrativa" para administrar as crianças e gerar o consumidor fiel do "berço ao túmulo". Os estudantes defenderam esta perspectiva destruidora da infância e da natureza pelo capitalismo predador. Já estavam doutrinados pela liberdade de mercado, docilizados em suas almas pelo mundo da mercadoria, coisificados pelo fetiche da mercadoria. É o pragmatismo acima de tudo.¹²¹

No resumo da Monografia de Romenik Tiago Queiroz Araújo, apresentada na Faculdade Sete de Setembro em Fortaleza no ano de 2009¹²², verificamos que a publicidade de fato tem como objetivo atingir aspectos subjetivos mais que aspectos reais. A simetria entre o discurso do neoliberalismo e o da Teologia da Prosperidade anda em perfeita consonância. Inexiste uma crítica de uma para com a outra. Não se excluem; ao contrário, se complementam e se justificam, assim como preconizava Adam Smith em sua teoria da autorregulação proveniente da organização do mercado, promovida pela “Mão invisível do Mercado”, enunciado em 1776 na obra “A Riqueza das Nações”¹²³. Ele preconiza que num

¹²¹ <http://goo.gl/13Zgj9>. Acesso em 19. Jan. 2016.

¹²² Escreve o autor no resumo da pesquisa: “Este trabalho se propõe analisar a publicidade da década de 1960 até os dias atuais. Sabemos ser considerável a influência que a publicidade exerce nas subjetividades contemporâneas, esta influência advém propriamente do personalismo que ela promete aos seus consumidores, no entanto, nem sempre a publicidade se baseou na promessa de personalidade. Logo, construiremos uma reflexão teórica que irá confrontar a estruturação da publicidade moderna, quando a mercadoria era apresentada pelo seu valor de uso, com a da pós-modernidade, quando a mercadoria se desmaterializa e passa ser alternativa para todos os problemas sociais e psicológicos do homem contemporâneo. A partir dessas transformações poderemos entender o que significa propriamente a sociedade de consumo e o papel da publicidade na manutenção de tal estruturação social. Palavras-chave: Publicidade. Subjetividade. Capitalismo. Sociedade de consumo. Individualismo”.

¹²³ O Princípio da Mão Invisível é um princípio económico enunciado em 1776 por Adam Smith na sua obra "A Riqueza das Nações" e que sustenta que num mercado livre em que cada agente económico atua com vista apenas à prossecução dos seus próprios objetivos, é atingida uma situação eficiente que beneficia todos. O mecanismo de mercado funciona assim como uma "mão invisível" que conduz os agentes económicos para uma situação óptima do ponto de vista da eficiência. Tendo em conta este princípio, Adam Smith defendia a não intervenção do Estado em questões económicas ("laissez-faire") pois qualquer intervenção traria certamente ineficiências. Este princípio apresenta, contudo, limitação pois apenas pode ser aplicada em situações de concorrência perfeita em que não se verificam quaisquer falhas de mercado. De facto, falhas de mercado como as situações de concorrência imperfeita ou a existência de externalidades ou mesmo a distribuição eticamente

mercado livre no qual cada agente econômico age apenas visando a seus próprios benefícios, com isso atingindo o bem de todos. O mercado funciona como uma mão invisível que ajusta as ações e conduz os agentes para a eficiência. Adam Smith afirma a não necessidade de intervir no mercado. O princípio da “Mão invisível do Mercado” vem norteando a conduta das economias tidas capitalistas em oposição ao que se entendia como economia socialista. Nesse caminho o caráter intra-histórico e imanente da salvação identifica mais uma vez a simbiose entre o neoliberalismo e Teologia da Prosperidade, ainda que a mesma não identifique o reino de Deus com o capitalismo, ainda! Um possível contraponto a essa totalidade vem dos chineses, sobre os quais a economista italiana Loretta Napoleoni apresenta análises e comparações entre os modelos políticos e econômicos do Ocidente e Oriente. Ela afirma que os “comunistas chineses são melhores capitalistas que os liberais ocidentais”¹²⁴.

injusta do rendimento, obrigam à intervenção do Estado de forma a corrigir ou minimizar o impacto dessas falhas. <http://goo.gl/Eu51Gu>. Acesso em 25. abr. 2014.

¹²⁴ <http://goo.gl/cSb6Ed>. Acesso em 19. jan. 2016.

4 CAUSAS RELIGIOSAS

4.1 Movimentos religiosos (de cura divina) nos Estados Unidos da América

4.1.1 Esse William Kenyon

Essa construção teológica é um produto Norte-americano criada nos meados do século XX. Começa inicialmente com Esse William Kenyon, que nasceu em Saratoga, Nova York (1867 – 1948) e foi pregador em várias igrejas, inclusive da Igreja do Evangelho Quadrangular, que foi fundada em 1922 por Aimee Semple McPherson¹²⁵. Esse foi membro da Igreja Metodista, porém aos 25 anos, logo após ingressar na Faculdade do Oratório de Emerson em Boston, mesmo se tornando um agnóstico; foi Ordenado Pastor pela Free Will Baptist, New York em 1894. Seu pensamento teológico está preservado pela Kenyon's Gospel Publishing Society; autor de várias obras, segundo essa Instituição são:

[...] escritos que chamam o crente para cima e para fora do lamaçal da incredulidade tradicional para os profundos, e ricos tesouros de nossa redenção em Cristo. Muitas vidas foram transformadas lendo seus livros simples, mas profundos¹²⁶.

Comentários, como o expresso pela Editora Ultimato, se lê que os 16 livros de Kenyon seguem uma linha teológica de forte cunho metafísico:

Eles ensinavam que a verdadeira realidade está além do âmbito físico. A esfera do espírito não só é superior ao mundo físico, mas controla cada um dos seus aspectos. Mais ainda, a mente humana pode controlar a esfera espiritual. Portanto, o ser humano tem a capacidade inata de controlar o mundo material por meio de sua influência sobre o espiritual, principalmente no que diz respeito à cura de enfermidades. Kenyon acreditava que essas ideias não somente eram compatíveis com o cristianismo, mas podiam aperfeiçoar a espiritualidade cristã tradicional. Mediante o uso correto da mente, o crente poderia reivindicar os plenos benefícios da salvação¹²⁷.

A tese é que Kenyon, influenciado pelo conteúdo da Faculdade Emerson, produziu uma teologia “danosa para a integridade do evangelho” (Ultimato). Esse dano se deve ao fato de ela ser concebida nos alicerces do positivismo, de onde se cunha a expressão “o que eu confesso, eu possuo”. Já a visão teológica com base na confissão positiva chega ao Brasil

¹²⁵<http://goo.gl/QWYrNs>. Acesso em 18.fev.2016

¹²⁶<http://goo.gl/jOIONj>. Acesso em 18.fev.2016

¹²⁷<http://goo.gl/g3nfjL>. Acesso em 18.fev.2016

pelas mãos da Associação dos Homens do Evangelho Pleno (Adhonep) no ano de 1982.¹²⁸ Essa construção encontrou seu maior eco em Kenneth Hagin, que se notabilizou por sua teologia centrada na maneira correta de “pedir” a Deus.

Hagin assim se expressa na introdução de um importante escrito seu: “como resultado de estudos, cheguei à conclusão de que nós, como Igreja temos uma autoridade na terra, mas não usamos porque não temos consciência dela. Alguns de nós mal tem tocado nas orlas dessa autoridade.”¹²⁹. De acordo com seu pensamento, não se pode mais orar para Jesus, mas sim *reivindicar* de Deus em: “O nome do Senhor Jesus”. Hagin foi um arminiano, discípulo de Kenyon; nasceu em McKinney – Texas, em 20 de agosto de 1917, e falecido em Tulsa (Capital Mundial do Petróleo no Estado de Oklahoma), em 19 setembro de 2003 aos 86 anos de idade; tinha 31 anos quando Kenyon Faleceu.

Teve uma infância pobre e cresceu desfrutando de péssima saúde, até que, aos 16 anos de idade, diz ter recebido uma cura de Deus, após haver descoberto, no texto de Mc 13, 23-24, o jeito certo de relacionar-se com Deus. Afirma Hagin que Jesus é nosso mediador, intercessor, advogado e Senhor, colocando-se entre nós e o Pai. Por isso a expressão da Teologia da Prosperidade que ensina a orar dizendo sempre: “em O nome do Senhor Jesus”. Afirma Hagin: “Jesus é nosso mediador, intercessor, advogado e Senhor. Ele coloca-Se entre nós e o Pai. Em lugar algum, a Bíblia diz que Jesus ensinou seus discípulos a orarem a Ele. Sempre deviam orar ao Pai, em seu Nome.”¹³⁰

Hagin então discípulo dos ensinamentos de Essek Willian Kenyon que morrera em 1948, afirma que, durante uma pregação, recebeu uma revelação de Deus que dizia o seguinte: “Quando eu ensinava em nosso seminário anual no centro Bíblico RHEMA, Tulsa EUA, sobre oração... certa noite enquanto eu ministrava na fila de cura, o Senhor falou-me de modo muito específico a respeito de eu ensinar sobre o Nome de Jesus. Esse Seminário então passou a ser o conteúdo desse livro”¹³¹. Ao ensiná-la, um ouvinte lhe fizera uma observação, dizendo-lhe que esta pregação era semelhante à de Kenyon acerca do mesmo tema. Após esta observação, Hagin passou a ler tudo sobre a teologia de Kenyon. Não obstante toda controvérsia em torno da questão fé e obra, entre católicos e Luteranos, que já tem alcançado

¹²⁸ NASCIMENTO, Valnei do. *Inserção e expansão da Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP) no Brasil: o legado de Custódio Rangel Pires*, 2010. p. 17

¹²⁹ HAGIN, E. Kenneth. *A autoridade do Crente*. Tradução de Lilian Nascimento. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Graça, 2012. p. 9.

¹³⁰ HAGIN, Kenneth E. *Segredos da Oração*. Tradução de Josué Ribeiro. Rio de Janeiro, Editora Graça, 2005. p. 7

¹³¹ HAGIN, Kenneth E. *O Nome de Jesus*. Tradução de Gordon Clown. Rio de Janeiro, Editora Graça, 2005. p. 7

um grande e oficial desenvolvimento exposto na “Declaração Conjunta sobre Graça e Fé”¹³², Hagin, porém, afirma em vários de seus escritos não ser nem mesmo necessário a própria fé para invocar e receber a graça de Deus: “Ao estudarmos cuidadosamente as escrituras, descobrimos que em lugar algum Jesus menciona a fé quando Ele fala no uso de Seu Nome, a não ser no tempo futuro”.¹³³

A fé, como ter fé, como usar esta fé é, a questão básica fundamental na teologia de Hagin. Sendo essa uma questão fundante, a reflexão sobre a fé recebe um espaço bastante importante em seus escritos. O livro “Impossibilidade humana - possibilidade Divina” (1978) Hagin ensina que há pessoas que possuem a fé positiva:

As pessoas de fé positiva - Estas são pessoas que usam a sua fé da possibilidade. Elas se mantem no meio da estrada. Um homem no meio da estrada dirá: ‘bendito seja Deus! Os livros dizem que nós estamos no vermelho. No entanto, armado com os fatos maiores da Palavra de Deus, faço a minha confissão na Palavra de Deus. Ela diz que Deus suprirá todas as minhas necessidades. Eu confesso que o livro contábil totalizará “no preto”. Meu corpo dói. Isso é um fato, não posso negar. Contudo, minha Bíblia declara que pelas pisaduras fomos (sou) sarados (Is 53,5) e, quando tudo for dito e feito, a dor irá embora. A doença desaparecerá e ficarei bem”. Esse indivíduo reconhece que o problema existe, mas ele toma a sua fé da possibilidade, aplica-a em suas necessidades e consegue resultados.¹³⁴

Esse tipo de fé não é a mesma do senso comum cristão, ela prescinde da própria fé; ou seja, não precisa ter fé, basta apenas dizer, falar, pronunciar, verbalizar o ato de fé. O pregador imbuído de um superpoder conferido pelo batismo no Espírito Santo¹³⁵, que lhe confere a capacidade de comunicação direta com Deus. O discípulo supera o mestre - Jesus passa a ser apenas um mero e insignificante canal pelo qual o pregador se dirige diretamente ao Pai pela ação do Espírito Santo. No final desta mesma obra, Hagin, afirma que optar por esse estilo de fé fará com que se caminhe por um Bulevar de Vitória e do contrário por uma rua de derrotas: “Você escolhe”. Conclui-se então que o pregador tem uma autoridade absoluta e inquestionável, pois seu poder de interceder é aumentado em 100% em relação a outro “pedinte” que não tenha recebido o poder dado pelo Batismo do Espírito Santo:

Ao pregador, o batismo no espírito confere três condições imprescindíveis para que se possa, segundo Hagin, agir com autoridade: Primeira: a condição de ser filho de Deus. Segunda: não ter pecados inconfessos. Terceira: conhecer o poder do Nome de Jesus e saber

¹³² DECLARAÇÃO Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Mundial Luterana e da Igreja Católica. Porto Alegre: Ipicurus, 1998.

¹³³ HAGIN, 2008.

¹³⁴ HAGIN, Kenneth. *W. impossibilidade humana – possibilidade Divina*. Tradução de Dra. Maria Eugenia da Silva Fernandes. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001. p. 19

¹³⁵ HAGIN, 2005.

como usá-lo¹³⁶. Assim como nos textos dos evangelhos apócrifos, também na teologia pentecostal é bastante comum a presença de hordas de demônios e espíritos malignos. Maggi (2003) em seu livro sobre Jesus, belzebu, Satanás e demônios, afirma que até mesmo demônios pedófilos, incestuosos e luxuriosos ilustravam textos da Alta Patrologia. Ao que parece reivindicar autoridade sobre demônios é uma prática comum de afirmação de poder por parte daquele que se coloca como defensor do povo; dizendo-se os únicos capazes de desfazer a “armação” dos demônios que tentam a todo custo dificultar o acesso dos crentes ao seu Deus¹³⁷. Estas condições habilitam o crente como um soldado em ordem de batalha num mundo povoado por demônios, no qual somente aquele que está preparado para o combate terá sucesso na guerra entre Deus e os demônios: “Devemos manter em mente, entretanto, que Jesus despojou os principados e as potestades. Ele venceu os mesmos demônios contra os quais lutamos e, publicamente, lançou-os ao desprezo, triunfando contra eles na cruz!”¹³⁸

O Empoderado, na observação Hagiana é aquele que, pelo Novo Batismo, recebe uma força adicional ao Batismo das águas, o qual lhe confere uma força especial do Espírito Santo; força adicional lhe capacita e proporciona a possibilidade de um acesso diferenciado às reservas da graça de Deus. Com sua ação, o crente não precisa nem mesmo ter fé, basta fazer seu pedido em “o Nome do Senhor”. Ele é o combatente eficaz, capaz de fazer com que Deus disponha todos os seus tesouros, especialmente o bem da prosperidade. Verifica-se então que com o batismo de água há a superação da Lei, porém com o Batismo do Espírito Santo há a superação da pobreza.

4.2 Mary Baker Eddy - A confissão positiva

Mary Baker Eddy (1821-1910), fundadora da Igreja Ciência Cristã; já aos 12 anos de idade destacou-se por discordar de seu Pastor negando a teologia da predestinação um dos elementos fundantes da doutrina calvinista¹³⁹. Mary, segundo ela afirma, teve um acidente no ano de 1866, do qual após desenganada pelos médicos foi curada instantaneamente ao ler a Bíblia. Após esse evento, ela conclui que existe um princípio unificador na obra de Jesus, ao qual deu o nome de “christian Science”. Escreveu o livro: “Science and health with key to the

¹³⁶ HAGIN, 2008.

¹³⁷ MAGGI, Alberto. *Jesus e Belzebu – Satanás e Demônios*. Aparecida: Editora Santuário 2003. p. 71. Quando tarefa dos demônios de deixar cada vez maior a distância entre o celeste e o terrestre ver o trabalho de Uwe Wegner. <http://goo.gl/wgND2Q>. Acesso em: 19.fev.2016

¹³⁸ HAGIN, 2008.

¹³⁹ O conceito de Predestinação nasceu no século XVI, parte integrante do Calvinismo, doutrina criada por João Calvino. <http://goo.gl/ZxEBa8>. Acesso em: 29 set. 2014.

Scriptures”, em defesa de sua tese e partindo dele, fundou a “Church of Christ Scientist” em Boston no ano de 1879, com a finalidade de renovar o cristianismo primitivo. Mais tarde em 1889 fundou a Faculdade de Metafísica em Massachusetts, em Boston com a finalidade de ensinar a sua Nova Religião. A síntese de sua obra está no fato de ensinar que existe um caminho racional e metafísico no processo de cura realizado por Jesus. A linha de pensamento sofreu outras abordagens já em seus primórdios; no caso, sua própria discípula Emma Curtis Hopkins, a qual teve uma ascensão meteórica na Instituição. Hopkins foi expulsa da Igreja Mãe da Ciência Cristã em 1887, fundando a sua própria Escola denominada de “Novo Pensamento”. Ambas as escolas partilham a teoria de que o mal advém das opções do homem e ou de sua mente; e a cura vem da consciência que o homem tem de si e de Deus¹⁴⁰.

Kenneth Hagin, como já vimos foi discípulo de Essek W Kenyon; este último teve contato ativo com a Organização de Mary Baker Eddy a Ciência Cristã e com o Novo Pensamento de Emma Curtis Hopkins, embora esta ligação seja contestada por alguns de seus seguidores. Nesse seguimento nasce o Ministério de Hagin com base na Confissão positiva elaborada sobre os fundamentos da Ciência Nova Eddy e do Pensamento Novo de Hopkins. A Confissão Positiva é um construto religioso bastante diferente da confissão cristã histórica; é na verdade uma outra religião. Segundo Hagin; foi o próprio Jesus que lhe concedeu a fórmula para todo aquele que deseja ter prosperidade. Para isso é necessário seguir a seguinte ordem: 1º Diga a Coisa: essa é a essência da confissão positiva, pois tudo depende do indivíduo. 2º Faça a coisa: pois seus atos podem derrotá-lo ou fazê-lo vitorioso. 3º Receba a coisa: pois basta apenas determinar e tudo que se quer se recebe. 4º Conte a coisa: para que outros também acreditem e possam aplicar a fórmula corretamente. Para que a fórmula seja eficiente, basta não mais usar os termos suplico, rogo e peço. Para obter sucesso, é necessário usar sempre as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico. Na verdade, os ensinamentos do Rev. David Harris vão mais longe e desvelam os princípios da prosperidade na teologia de Tulsa. Ele diz que: “se o crente é fiel ao projeto de Deus e colocar-se ao seu serviço; Deus colocará até mesmo os pecadores a teu serviço, e eles trabalharão e encherão os teus celeiros”. Vejamos com suas próprias palavras:

Se você se comprometer a ser um trabalhador, Deus fará com que pecadores trabalhem para você independentemente de você ter a função de pregar o evangelho pelo mundo ou de enviar pessoas para fazerem esta tarefa. Em qualquer nível que você esteja trabalhando pela colheita, se você se comprometer a andar com Deus, for-lhe fiel e aplicar seus princípios de prosperidade, ele lhe dará pecadores para trabalhar para você, eles não sabem, mas estarão trabalhando para você e irão entregar-lhe o que amontoaram¹⁴¹.

¹⁴⁰<http://goo.gl/BEhDhV>. Acesso em: 30 set. 2014.

¹⁴¹ HARRIS, David. *O plano de Deus para sua Prosperidade*. Op. Cit. p. 109.

A Teologia da Prosperidade ao ver de muitos teólogos não passa de uma antiteologia; isso porque além de olhar para Jesus com um olhar da religião positivista também o faz como os fariseus o faziam; Jesus, no entanto rejeitava ser visto, compreendido e lido por um olhar teológico horizontalizado e milenarista.¹⁴² O cunho milenarista da Teologia da Prosperidade está presente inclusive em seu serviço litúrgico totalmente livre e sem compromisso com uma organicidade; o dirigente do culto quando oficia pode seguir a direção que ele julgar estar sendo orientado pelo espírito¹⁴³. O princípio hermenêutico dos teólogos de Tulsa é que a palavra só é inspirada pelo Espírito Santo. Porém ao afirmar-se que a riqueza dos adeptos da prosperidade é auferida pela retenção e acumulação da riqueza proveniente da força de trabalho dos pecadores, a argumentação da pretendida imparcialidade do pregador ou da “inspiração do Espírito Santo” perde veracidade e revela a origem da riqueza prometida. Ou seja, a riqueza prometida não é de bens espirituais, mas sim materiais. O fato é que segundo vários teóricos, a única possibilidade da riqueza no mundo neoliberal no qual se situa a Teologia da Prosperidade desde seus inícios nos EUA é pelo resultado da equação final da relação trabalho x capital.

4.3 Kenneth E. Hagin - Em o nome do Senhor Jesus

Os fundamentos e os princípios hermenêuticos da Escola Teológica Rhema de Tulsa EUA¹⁴⁴ não têm uma pedagogia autônoma; subsiste da experiência subjetiva do universo Teológico de Kenneth Hagin.

A mensagem contida nos versículos 23 e 24, do capítulo 11 do livro de Marcos, foi a tônica da vida e do ministério de Kenneth E. Hagin. Ele creu nas declarações surpreendentes de Jesus quando estava totalmente paralisado confinado a uma cama, pois ele sofria de uma doença sanguínea incurável e, além disso, seu coração era deformado. Depois de 16 meses de sofrimento Hagin creu que aqueles versículos significavam exatamente o que diziam. Cheio de fé, agiu de acordo com eles e foi completamente curado. Mais tarde, o Senhor chamou-o para ensinar a fé ao seu povo.¹⁴⁵

Assim como o universo teológico de Eliafaz e os outros catequistas de Jó admoestavam-no a partir da teologia deuteronomista da reciprocidade, que sentenciava que

¹⁴² KEE, Howard Clark. *As Origens cristãs em perspectiva sociológica*. Tradução de Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1983. P. 47

¹⁴³ HAGIN, E. Kenneth. *Planos propósitos e práticas*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça, 2004. p. 59-60.

¹⁴⁴ SILVA, Sydney Faria da. *Autoconsciência Messiânica de Jesus*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia. 2006. p.81-127. <http://goo.gl/bXeZq2>. Acesso em: 18 de ago. 2015

¹⁴⁵HAGIN, 2008. Contracapa.

“aos bons, os bens de Deus, e aos maus, sua negação”. Jó, porém, expõe a contradição desta *doxa*, pois, era bom, mas, no entanto, sofria; e do meio do “lixão” (*gueena*) afirma: “Te conhecia só de ouvir falar, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42,5). Assim como aquela, a Teologia da Prosperidade também representa hoje o que podemos classificar como antiteologia¹⁴⁶.

O paradigma da Teologia da Prosperidade está longe de ser e proporcionar uma renovação da evangelização; é na verdade apenas mais uma forma de encarcerar a fé, reduzindo-a a algo fabular (1Tm 4,1-11), midiaticizada e teatral, assim como Edgar Morin expõe magistralmente essa fusão Fé espetáculo, com técnicas ficcionais: “Nos programas religiosos, tanto quem assiste quanto quem os produz parecem partilhar de um mesmo imaginário melodramático que faz da aflição e da dor cotidiana a matéria-prima da programação, colocando como prioridade a dor, a desgraça, a tristeza, a violência na seleção dos temas e no tempo dedicado a eles”¹⁴⁷.

No universo devocional deste fazer teológico pululam termos que expressam uma nova realidade religiosa, tais como: reivindicar, exigir, quebrar o poder do diabo e entre eles o indefectível: determinar o que aos poucos vêm tomando o lugar, e mais, criando uma ressignificação da religiosidade e da piedade popular. Tais expressões nunca fizeram parte do universo cristão, que sempre se portou por uma seráfica resignação; até que vieram à luz com a Teologia da Prosperidade aliada à confissão positiva¹⁴⁸; postura de aberta contradição com os pensamentos Católicos e Reformados de sólida base bíblica (Tg 4,13-17).

4.4 Escola Teológica Rhema

No Brasil a propagação dessa compreensão se espalha rapidamente, graças à presença de 200 centros Rhema¹⁴⁹ espalhados pelos países; são milhares de pessoas que

¹⁴⁶<http://goo.gl/rhoITa>. Acesso em: 26 out. 2010.

¹⁴⁷MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1989. p. 19-53. (A câmera oferece aos espectadores, semideuses, semidivindades, que são criaturas do sonho resultante do espelho cinematográfico que no livro são estudados enquanto mitos modernos.)

¹⁴⁸ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 19-31.

¹⁴⁹ Segundo o site da Igreja Verbo da Vida a escola Rhema se define como: O Centro de Treinamento Bíblico RHEMA é uma instituição de ensino das doutrinas bíblicas, cujo propósito é capacitar homens e mulheres para a propagação eficiente e contínua do evangelho pregado e estabelecido por Jesus Cristo. O Rhema é uma escola de caráter interdenominacional, tendo recebido e formado cristãos de várias denominações, sempre com testemunho positivo a respeito dos efeitos transformadores ocasionados pela palavra revelada. Através de um currículo balanceado e acessível à compreensão de pessoas de diversos níveis culturais, os ensinamentos do Rhema têm trazido efeitos maravilhosos (no sentido bíblico da palavra) para o povo de Deus, que aprende o “caminho das pedras” rumo a uma fé forte e capaz de obter resultados.

buscando e embalados pela promessa da prosperidade fácil e abundante somam-se a este modelo teológico como soldados em ordem de batalha.

Esta Escola anuncia seus cursos pelo site, com seguinte programação para 2 anos: “*Primeiro Ano* = Fundamentos da Fé, Autoridade do Crente, Aliança de Sangue, Cristo Aquele Que Cura, Como Ser Guiado Pelo Espírito, A Oração Que Prevalece, Doutrinas Básicas, As Realidades da Nova Criação, Justiça de Deus, Fruto do Espírito, Submissão e Autoridade, Manifestações do Espírito. *Segundo Ano* = Atos dos Apóstolos, História da Igreja, Evangelismo, Gálatas, Escatologia, Vida de Louvor, Ministério Prático, Unção, Vida de Prosperidade, Família Cristã, Caráter de Deus.”¹⁵⁰ Esta programação acadêmica está muito aquém dos indicativos da Teoria do Currículo e chama a atenção pela desconstrução da programação acadêmica histórica da teologia comum das Igrejas Cristãs; é muito curioso a existência de apenas dois livros bíblicos para estudo: Atos e Gálatas; o que eles têm de relevantes frente aos demais livros da Sagrada Escritura para serem únicos numa grade curricular de graduação teológica? Frente ao currículo do bacharelado em teologia tanto católico, como das Igrejas Reformas; o curriculum da Rhema, mais parece um temário de espiritualidade. Base curricular desta natureza certamente se formarão excelentes fabulistas, porém não teólogos.

O construto teológico, fruto desta graduação acadêmica carrega em si uma fragilidade acadêmica muito grande; e essa vulnerabilidade compromete o resultado do postulado em sua questão hermenêutica: “*determinar em O nome do Senhor Jesus*”. Consequentemente, qualquer uma de suas afirmações é uma temeridade para a teologia cristã, não obstante ao fato de a estrutura curricular do Rhema responder ao objetivo da escola. É do saber comum que currículos respondem em primeira instância à ideologia da qual se alimenta, pois:

O currículo tem uma especificidade muito particular. Todos os que dele participam e todos os que têm ingerência sobre o currículo, não o fazem de maneira neutra, se trata de uma área impregnada de valores, ideologias, forças, interesses e necessidades e exige, para uma definição mais exatamente, a explicação de um quadro de referência filosófica, histórica, política.¹⁵¹

Com isso se conclui que a finalidade do currículo quer então oferecer a seus seguidores o conteúdo que fará dos adeptos defensores do mesmo currículo; assim a Escola Rhema é o meio físico com o qual os seus fundadores difundem sua teologia, a qual defende diz oferecer um acesso direito ao Deus dos cristãos; o qual, no entanto parece prescindir do

¹⁵⁰ <http://goo.gl/pNJEDy>. Acesso em: 16 ago. 2014.

¹⁵¹ MALTA, Shirley Cristina Lacerda. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança. *Periódicos UFPB*. Espaço do Currículo, v. 6, n. 2, p. 340-345, 2013

Jesus Histórico. O próprio Hagin em seu livro “A autoridade do crente” chega a insinuar da não necessidade de Jesus para se chegar a Deus¹⁵². Ao que parece a Teologia da Prosperidade toma um caminho bastante diverso da Cristologia do “Ebed Iahweh” comum às Comunidades evangélicas clássicas; e segundo afirma Cullmann: “o cristianismo primitivo conservou a lembrança de ter o próprio Jesus a consciência de realizar a obra do “Ebed Iahweh”; os quais desde muito cedo perceberam que em Paulo a morte expiatória de Jesus ocupa um lugar central.”¹⁵³ Também conforme a Teologia da Libertação que olha e vê no Jesus Histórico¹⁵⁴ o princípio hermenêutico de sua construção teórica; a postura da Cristologia de Hagin está há anos luz dessa compreensão. Enquanto voltamos nosso olhar para Jesus tendo o pobre como interlocutor desse *opus* e nela a opção do próprio Deus (Dt 7,7), Hagin afirma insistentemente em seus escritos o fato de que Deus lhe fala pessoalmente.

¹⁵² HAGIN, 2002.

¹⁵³ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do novo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Editora Custon, 2002. p. 109. Na terceira dobra trabalho com mais clareza essa diferença.

¹⁵⁴ SANDER, L.M. *Jesus, o libertador: A Cristologia da libertação* de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 56.

5 A PROSPERIDADE NA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA

5.1 O Purgatório?

Com certa facilidade é possível perceber-se que a religiosidade contemporânea abandonou quase que por completo a busca dos bens da Parusia, tão cara na religiosidade pré-moderna e base de todo fazer teológico-doutrinal, tanto na Igreja Católica como nas Igrejas da reforma. Os Católicos articulando-se em torno do “*ex opere operatur*”¹⁵⁵ e as Igrejas da reforma em geral, em torno das “quatro solas”. Hoje o sonho alimentado pela TdP é de o crente-cliente pode vir a possuir os ingredientes, matérias ou bens de consumo substituindo por completo o que se buscava na escatologia. Assim sendo, quando se fala de salvação, é importante perceber que o universo místico religioso está horizontalizado e dirigido pelo marketing das propagandas voltadas para aos bens terrenos. Percebemos que tanto na religiosidade que subjaz ao fazer teológico transconfessional pós-moderno como no mundo religioso fragmentado, pautam-se um fundo unitário comum: em ambas a prosperidade almejada tem sua finalização no intramundano e não nas promessas da religiosidade antiga centrada nos bens escatológicos da Parusia; ao contrário a teologia deve manter-se firme nas coisas do alto ensinando a frugalidade aqui na terra.

O propósito de se elaborar uma crítica ao luxo e às falsas relações instituídas na sociedade é mais que uma simples tentativa de afastamento. É antes a aproximação de uma realidade melhor que pode existir a partir de uma opção frugal e equilibrada. Rousseau afirma, sobretudo em *A nova Heloísa*, a possibilidade de se viver em paz e harmonia no estado de sociedade através de costumes simples. A adoção de um padrão de vida constituído por relações sinceras e isento de falsas necessidades garante à comunidade de Clarens o título de refúgio em que a transparência das relações pode encontrar seu lugar. Desta forma, é possível se constatar, no desenvolvimento do presente estudo, a insistência de Jean-Jacques em associar a realização do homem à sua opção consciente em viver em concordância com uma concepção de frugalidade como postura ideal.¹⁵⁶

Da mesma forma em ambas as perspectivas, o regramento litúrgico se evidencia de forma sintomática pela ausência total na pregação sobre os temas, como purgatório, céu e inferno, como se dava no culto cristão, tanto católico como na Reforma anterior à Teologia da Prosperidade:

¹⁵⁵ Os sacramentos atuam “*ex opere operato*” (literalmente: “pelo próprio de a ação ser realizada”), isto é, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Catecismo da Igreja Católica. Nu. 1128. Edições CNBB, 2013.

¹⁵⁶ GONÇALVES, Marcos Fernandes. *Resumo de sua dissertação: O Elogio da frugalidade em a Nova Heloísa de Rousseau*. Universidade Estadual Paulista, 2009. <http://goo.gl/KUqhs7>. Acesso em: 26 fev. 2014.

Perspectivas, pelo menos uma é do trabalho como meio de “glorificar” a Deus, como “serviço” a Deus (vocação). A outra perspectiva é a do trabalho como meio de construir a certeza de ser um “eleito” por Deus. No Protestantismo calvinista, principalmente, o crente poderia construir a certeza da presença divina através do sucesso no trabalho. O sucesso no trabalho era interpretado pelo fiel como sinal da bênção divina. Essa forma de experiência religiosa encontra-se referida à configuração pré-capitalista e própria de segmentos do protestantismo. Ela evidencia uma relação com o divino possibilitada no mundo da produção. O sujeito pode servir a Deus com seu trabalho no mundo da produção, ou, dar um passo além, e buscar o sucesso na produção. Nesse caso, o sucesso na produção em si era experimentado como bênção divina. Essa era a motivação para o sucesso, pois este trazia a confirmação da presença divina. O Deus transcendente abençoa, “confirma” o sujeito em sua atuação no mundo, especialmente pela via do trabalho.¹⁵⁷

O purgatório e o inferno se vivem aqui mesmo nas estruturas do mundo; o pecado e a falta de Deus levam os crentes-clientes a sofrer a ausência dos ingredientes materiais¹⁵⁸ os quais, segundo a teoria da Prosperidade, são por ela adquiridos. Afirma esta que: “Como pobre, estou sob a influência de demônios, cuja principal obra é fazer que não se cumprisse em mim as promessas messiânicas do primeiro sacrifício de Cristo”¹⁵⁹. A principal promessa de Deus é a prosperidade, assim como prometera a Abraão e sua descendência; “Jesus nos resgatou do pecado da lei para que as bênçãos de Abraão pudessem cair sobre nós. Pois Abraão foi rico”¹⁶⁰. Abraão honrou a Deus com seu dízimo, por isso Melquisedec ofereceu sacrifícios em seu nome, selando as bênçãos de Deus sobre ele¹⁶¹.

Faz-se necessário aqui a compreensão de estarmos vivendo a ditadura da globalização, que age sob dois aspectos importantes em nossa sociedade: primeiro é a exclusão do trabalho e, em segundo lugar, a exclusão da dignidade, já que no mundo globalizado somos medidos pelo poder de compra de bens e serviços. Essa exclusão “prêt-à-porter” é a porta pela qual a Teologia da Prosperidade se locupleta; e revelando-se uma ferramenta eficaz como uma “teoria do consumo” muito mais que uma teologia propriamente dita.

Se as dívidas fugiram do seu controle e mesmo recorrendo às linhas de crédito, você vive no vermelho, é hora de dar uma virada em sua vida econômica. Participe da “Nação dos 318”, na Igreja Universal do Reino de Deus. Esta reunião acontece às segundas-feiras, e milhares de pessoas têm superado a crise financeira e testemunhado o sucesso econômico por meio do poder de Deus. Bispos e pastores, fundamentados nas Sagradas Escrituras, ensinam, a cada reunião, o segredo desta conquista. Se você deseja reerguer seus negócios, conquistar o emprego dos sonhos,

¹⁵⁷ ESPERANDIO, 2006.

¹⁵⁸ O Professor Hugo Assmann assim se expressava ao referir-se sobre os bens físicos - materiais que possibilitam ao homem condições de manter-se vivo; ingredientes materiais que aos passarem pelo processo da indústria se transformam em mercadoria. Ver seu livro: *A idolatria do mercado. Um ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes (1989), também: *Clamor dos pobres e “racionalidade” econômica*, São Paulo (1990)

¹⁵⁹ HAGIN, Kenneth. *É necessário que os cristãos sofram?* Rio de Janeiro: Editora Graça, 1990. p. 8.

¹⁶⁰ DAVID, Harris. *O plano de Deus para a sua prosperidade*. Rio de Janeiro: Editora Graça, 1990. p. 8.

¹⁶¹ DAVID, 1990.

montar sua empresa ou sair definitivamente do vermelho, venha fazer parte desta grande nação de vencedores.¹⁶²

As campanhas publicitárias baseadas neste marketing objetivam fazer com que todos sejam levados ao consumismo exacerbado, hedonista e desnecessário. Muitas pessoas compram por compulsão quando tem o dinheiro e em sua falta, entram em depressão e perdem a autoestima. Estando fora da legião dos consumidores, são considerados como fracassados economicamente, espiritualmente desassistidos e de moral duvidosa, (lazarentos – desgraçados - amaldiçoados); uma situação vexatória diante do êxito que os demais crentes-clientes da mesma assembleia possam ter realizado. Se o crente-cliente não conseguir demonstrar logo que está obtendo êxito, mudando de padrão de vida poderá ser taxado de incrédulo e endemoninhado.

5.2 Vergonha: o Inferno deste Mundo

A gnose da TdP transita pela cosmovisão que considera os pobres como moralmente culpados de serem pobres. Pecadores, porque impossibilitados de ter acesso a ingredientes materiais, bem como roupas de grifes caras, carros de marcas famosas, mansões luxuosas, festas glamorosas, eletrônicos sofisticados, viagens, papéis, letras... Estão “fora da graça”; porque são vítimas da ineficiência das suas Igrejas que não conseguem removê-los da situação vexatória gerada pela pobreza. Não consumir numa sociedade regrada pelo consumo é estar relegado à condição de “não ser”, “coisa”; o verdadeiro *Homo sacer* produzido pelo capitalismo contemporâneo¹⁶³.

¹⁶² <http://goo.gl/3BSc72>. Acesso em: 21 mar. 2014.

¹⁶³ *Homo sacer* é uma figura obscura da lei romana: uma pessoa que é excluída de todos os direitos civis, enquanto a sua vida é considerada "santa" em um sentido negativo. Ainda, pode ser morto por qualquer um, porém não pode ser morto em rituais religiosos. Possui similaridade com a lenda de Caim na mitologia judaico-cristã. Autores como Zygmunt Bauman, Giorgio Agamben, Hannah Arendt e, recentemente, Slavoj Zizek utilizaram o termo para designar a condição de alguns povos da história recente. Slavoj Zizek aproxima o termo daqueles que, como o povo do Afeganistão, adquirem essa espécie de existência sagrada e, paradoxalmente, negativa. Utiliza a imagem do avião distribuindo alimentos para uma população que acabara de ser atacada por um bombardeio. https://pt.wikipedia.org/wiki/Homo_sacer. Acesso em: 26 abr. 2015.

Descartes, pai do cartesianismo e da filosofia moderna com seu: “Cogito: ergo sum”; separou o mundo em antes e depois dele; de sua obra se funda a razão eurocêntrica, para a qual os outros são apenas os outros¹⁶⁴. A razão da TdP também coloca em mundos diferentes os que consomem e os que não o fazem; levando-os a crer, que se eu não “consumo”, eu também não sou;¹⁶⁵ em outras palavras - “consumo, logo existo”. Essa arguição fundamenta a gênese seguinte: assim sendo, eu devo ter fé em um Deus que faz de mim um consumidor! Ou ainda: o estado de pobreza é indicativo não da ineficácia de Deus, mas da ineficácia de minha fé. Logo ser pobre, estar doente, não consumir é manifestar publicamente minha fraqueza oriunda de minha incapacidade de acessar a Deus, cuja força é capaz de proporcionar-me a prosperidade que pode me curar e me enriquecer. Essa impossibilidade geradora de minha pobreza é vergonhosa:

A experiência da vergonha. Poderíamos nos perguntar: vergonha de que, exatamente? Situações diversas podem provocar sentimento de vergonha, e a produção deste sentimento tem se tornado um traço característico dos processos de subjetivação na contemporaneidade. Isto é possível em função das muitas e diversas demandas em relação à subjetividade na contemporaneidade, uma vez que os processos de subjetivação, numa produção homogênea, direcionam-se a um “ideal” de subjetividade. Como exemplo dessas demandas, podemos citar: a demanda pelo corpo “perfeito” estabelecido socialmente como tal, e referindo-se tanto ao corpo masculino quanto a demanda pela beleza e juventude eterna; a demanda por “estar na moda”; por parecer uma pessoa de sucesso; por parecer que tem dinheiro e poder; a demanda por parecer que está feliz, saudável e de bem com a vida; a demanda narcísica de alguns pais em relação ao filho no que concerne à realização dos desejos narcísicos daqueles; a demanda por uma profissão rentável e de sucesso; por uma carreira acadêmica prestigiosa, e assim por diante. Estas demandas atuam nos processos de subjetivação como forças a serem dobradas. Assim, dependendo de como a subjetividade dobra tais forças, o sentimento de vergonha por não alcançar estes ideais pode emergir como expressão do predomínio das forças reativas de narcisização.¹⁶⁶

Esta lógica é o motor das campanhas e dos ritos de passagem realizados nos cultos da prosperidade e da confissão positiva. Um marketing religioso bem articulado, com finalidade proselitista, tenta convencer o crente-cliente de que a pobreza é fruto de seu pecado pessoal. Por isso, a necessidade de conversão. A TdP os vê como vítimas de suas igrejas que, por não serem unguidas, não podem salvá-los não obstante o esforço de seus líderes; os quais mesmo

¹⁶⁴ A ideia dele era produzir um conhecimento que não permita haver qualquer contestação, para isso ele criou uma ferramenta poderosíssima, ele imaginou que um gênio maligno poderia o estar enganando a acreditar em qualquer coisa e usava esta ferramenta para com todas as suas questões, se o gênio pudesse o estar enganando ele abandonava o assunto, porém ele chegou a algo que não poderia duvidar, se um gênio o estava enganando, ele necessariamente deveria existir para poder ser enganado, dessa forma ele concluiu que se ele pensava ele existia, pois isto é evidente, o pensamento é algo dado é uma intuição direta, tenho certeza que eu penso, dessa forma, tenho certeza que eu existo.

¹⁶⁵ Documentos da CNBB – 100: Comunidade de Comunidades – a Conversão Pastoral da Paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 18.

¹⁶⁶ SPERANDIO, 2006.

esforçando-se não logram satisfazer suas necessidades de bênçãos de seus crentes-clientes. Aqui é de fundamental importância registrar o fato de que já Henry Ford (1864-1947) teve a intuição de que trabalhadores bem remunerados são consumidores potenciais¹⁶⁷.

Podemos identificar a simetria entre os mega templos das grandes igrejas e os shoppings centers, como: “templos do consumo capitalista”, cuja propaganda e marketing encontram, na pregação das Igrejas adeptas da TdP, um suporte ideológico de grande importância. Não há dúvidas de que os Shoppings Centers se apresentam na atualidade como as “Novas Catedrais do Consumo”. Dessa forma os discursos se entrelaçam. Veja a afirmação da socióloga Valquíria Padilha: “O Shopping Center transforma-se então, no novo templo, numa nova Catedral onde o culto das mercadorias se realiza, e onde o encontro das pessoas que compartilham as mesmas crenças e as mesmas ambições é redimensionado”¹⁶⁸.

5.3 Bens de Consumo: o novo jeito da Salvação

Nos escritos fundantes da TdP, encontramos diversas afirmações de uma suposta falta de união de algumas igrejas, não obstante o esforço de seus líderes. O próprio Hagin se identifica como uma ovelha vitimada por este esvaziamento de poder de seu pastor, diz ele:

Tomei posse do que está escrito no versículo de 2 Coríntios 5, 17 há muitos anos, no leito de enfermidade. Naquele tempo, os médicos disseram que eu não viveria por muito tempo, devido à condição física em que me encontrava. Durante toda a minha vida, ouvira pregar sobre salvação e novo nascimento. Embora frequentasse uma igreja, nunca tinha realmente nascido de novo. Entretanto, quando orei para receber a salvação, ainda como adolescente confinado à cama, não tive dúvida alguma de que o Senhor me ouvira. Não me faltava entendimento quanto a isso; então não tinha descrença. Recebi a salvação e sabia que estava salvo e nascido de novo.¹⁶⁹

Esta compreensão da graça e ou de empoderamento transita por todas as obras da Teologia da Prosperidade (TdP). Esse postulado provoca e justifica o fluxo do crente-cliente entre as várias denominações em busca do “ser empoderado”. Alguns autores ao analisarem o fenômeno da transconfessionalidade, já detectam esse fator:

O que está colocado para o Ensino religioso hoje é que o modelo confessional até então vigente desaparece, dando lugar a uma mudança para um modelo transconfessional em que o Transcendente é focado. A escola assim se torna ambiente para se estudar a religião, na perspectiva da transconfessionalidade e não mais da confessionalidade.¹⁷⁰

¹⁶⁷ PADILHA, 2006.

¹⁶⁸ PADILHA, 2006.

¹⁶⁹ KENNETH, Hagin E. *Compreendendo como combater o bom combate*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002. p. 12-13.

¹⁷⁰ MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira – PUCPR. <http://goo.gl/9YCFHs>. Acesso em: 12 fev. 2016.

A posse da bênção esperada pelos adeptos da TdP os obriga a um trânsito desenfreado de igreja em igreja. E uma busca que paradoxalmente os alçará à posição de nova criatura, salvos:

Em lugar algum, a bíblia fala de o espírito do homem ser curado. O espírito do homem nasce de novo. A cura é a renovação do corpo de uma enfermidade ou doença. O espírito do homem não é renovado. Ele nasce de novo, nasce de Deus, seu espírito torna-se nova criatura em Cristo... descubra o que lhe pertence em Cristo e os direitos e privilégios NELE. Então comece a confessar”, isto é meu. Esse sou eu. Isso é o que sou em Cristo. Essas são as bênçãos espirituais que possuo em Cristo, eu as possuo agora! Estou totalmente convencido e creio firmemente que nestes últimos dias, antes da volta de Jesus, será levantado um grupo de crentes que aprenderá como tirar proveito daquilo que lhes pertence, e saberão usar o Nome de Jesus, que é sobre todo Nome!¹⁷¹

A confissão positiva que dá a sustentação à TdP consiste em fazer com que o crente-cliente não duvide da autoridade que se tem com a invocação do nome de Jesus e, com isso, exigir e reivindicar seus direitos como crente-cliente. Uma vez que isso seja feito, basta apenas esperar o resultado, em outras palavras, a não eficiência da oração só se verifica na falta de fé na autoridade conferida ao crente pela morte de Jesus na cruz:

[...] descubra o que é seu e o que lhe pertence em Cristo. Quando você fizer sua confissão de fé por meio daquilo que vê na palavra, então, por estar fundamentado NELA, nunca será derrotado. Nas coisas naturais, quando as pessoas mantêm a confissão errada, a confissão de dúvida, o fracasso, e descrença que fazem consomem toda a vida deles e lhes destrói a fé. A confissão negativa os mantém escravos. Mas a confissão da sua fé, que tem crescido da palavra de Deus, derrotará o diabo no combate todas as vezes!¹⁷²

Na TdP se preconiza que os líderes confessionais não obterão o sucesso almejado em seus ministérios se não se abrirem à confissão positiva de sua fé. Hagin apresenta a ineficácia de líderes religiosos que não confessam a crença do empoderamento, como sendo iguais a “cisternas vazias”; lamenta-se ao afirmar que não há nada mais triste que estar sedento e não ter onde saciar-se.¹⁷³

5.4 Síntese

O trânsito através de alguns dos postulados básicos da Teologia da Prosperidade realizado neste capítulo nos permite afirmar que a novidade que se apresenta como fundo é o fato, de que na Teologia da Prosperidade, a fé em Jesus não seja a prioridade. A religião passa

¹⁷¹ HAGIN, *Compreendendo como combater o bom combate*. 2002.

¹⁷² HAGIN, *Compreendendo como combater o bom combate*. 2002.

¹⁷³ HAGIN, E. Kenneth. *Uma Nova Unção - Serei ungido com um óleo fresco*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 2002. p. 36.

a ser compreendida como um grande mercado, no qual, ao cumprir-se um determinado ritual de troca se logra do mercado a mercadoria pretendida. Percebemos ao longo do capítulo que essa troca se faz possível mediante um culto sacrificial com forte apelo xamânico no qual o sacrifício já não é mais realizado pelo Cristo, mas o próprio crente-cliente se torna o objeto do sacrifício através de seu sangue subjetivado no dinheiro.

O uso da expressão “xamânico” se dá por havermos percebido que um dos principais postulados dessa teologia reside no fato o qual o crente-cliente obterá sucesso mediante a satisfação ritual de dois fatores fundamentais: o primeiro fator é assegurar-se que o ministro do culto seja um empoderado, condição *sine qua non* para que sua oferta seja aceita como sacrifício. O segundo fator é exigir, determinar que sua petição seja atendida mediante o reto cumprimento do rito.

Desta dualidade ritual decorre o fato da não necessidade da pertença tradicional a uma confissão religiosa propriamente dita. Basta ao crente/objeto sacrificial encontrar o sacerdote que por ter sido empoderado por Deus tem as condições de realizar o culto. Esse é princípio da mobilidade confessional característica dos adeptos de Igrejas cujo culto é lastreado pela Teologia da Prosperidade.

A pesquisa realizada no primeiro capítulo nos permite ainda apontar para o fato de que o número crescente de pessoas ateias aferido nas regiões de maior incidência da presença das megaigrejas adeptas da TdP seja produto final do todo processo. Ou seja: sendo a prosperidade material o objetivo cültico destas igrejas, é possível que sua membresia aos poucos perceba que o mercado ofereça outras formas mais eficazes para se atingir o acesso aos bens materiais almejados com o sacrifício das Igrejas adeptas dessa Teologia da Prosperidade.

6 JESUS, O ROSTO MISERICORDIOSO DO PAI: Lucas 4,16-24

6.1 Introdução

Partindo das palavras de Jesus no contexto de sua participação no culto Sinagoga adentramos no significado de seu agir, para o qual em Lucas se acentua um caráter politizante já desde seu nascimento.¹⁷⁴ No Evangelho de Lucas lê-se ser Jesus o Rosto da Misericórdia. Vamos tomar a teologia da períclope de Lucas 4.16-24 como base para responder às indagações sobre a Teologia da Prosperidade, que viemos formulando até este momento da pesquisa.

A referida períclope em Marcos é mais curta que Mateus, o qual aproveita os aspectos paradigmáticos¹⁷⁵ de sua fonte¹⁷⁶, por exemplo: o lugar onde Jesus vai ensinar; na sinagoga; na sua pátria; o questionamento dos conterrâneos; o dito de Jesus sobre o profeta, sua pátria; família e a incredulidade dos que já o conheciam. Em Marcos a períclope vem depois das curas e milagres, já em Mateus depois das parábolas; o que evidencia o aspecto paradigmático. O carpinteiro de Marcos é Filho de José, um homem pobre, o salvador e o caminho para alcança-la¹⁷⁷.

O carpinteiro (*tekton*) é um ofício da classe dos artesãos já existente no NT e um pouco acima dos descartáveis: os sem-terra, meeiros, os sem profissões. A rejeição a Jesus está ligada ao fato de ser filho (do) carpinteiro José, “ele sempre esteve entre nós!”, que agora postula ser Messias, sendo ele apenas o filho do carpinteiro: “mas é filho do carpinteiro José conhecido por todos na região”.

As pessoas se escandalizaram pelo fato de Jesus ensinar e fazer milagres na sinagoga, lugar onde apenas doutores da Lei e judeus de boa fama podiam falar? Assim os que a frequentavam não o aceitaram por ser um mero filho de carpinteiro; uma pessoa do povo, como outro impuro qualquer pudesse não ser só o portador da chegada do reino, sobretudo um reino com o endereço dos pobres¹⁷⁸. Assim se percebe que o eixo temático de

¹⁷⁴ STEGEMANN, Wolfgang. Jesus e seu tempo. São Leopoldo: Sinodal EST, 2012. p.67

¹⁷⁵ Narrativas breves cujo principal interesse esta centrado numa palavra de Jesus. Os paradigmas são também denominados de *créias* ou *apotegmas*. WEGNER, Uwe. *Op cit.* p. 340

¹⁷⁶ Consideremos as questões sobre a fonte elencadas no capítulo 4 de WEGNER, Uwe. *Op cit.* p. 112-116.

¹⁷⁷ SPINETOLI, 1982

¹⁷⁸ MANSILLA, S. N. Um jubileu na era da pós-modernidade: sobre a necessidade de uma hermenêutica permanente. Leitura do discurso programático de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 14-30). RIBLA, n. 33, p. 150-160, 1999

ambas as perícopes reside no escândalo e na falta de fé por parte de seus conterrâneos¹⁷⁹ devido a sua sabedoria e milagres e como consequência a sua rejeição por ser um igual e morador muito conhecido na cidadezinha do interior com uns 150 habitantes:¹⁸⁰ *Santo de casa não o faz (muitos) milagres*, como o dito popular no Brasil.

A perícope de Mc 6,1-6; Mt 13, 53-58 apresenta como eixo fundamental: a visita de Jesus a sua pátria, escândalo e a falta de fé por parte de seus conterrâneos devido a sua sabedoria e milagres. Nela, Jesus é aquele que quebra a teologia vigente apresentando um modelo novo. Constatada a falta de fé de seus conterrâneos, Jesus cita um provérbio popular: “Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa”. Esse dito rechaça tanto a leitura farisaica¹⁸¹ da sinagoga como a teologia sadocita do templo¹⁸². Por fim, ambas as perícopes expressam rejeição que Jesus sofre por ser um homem comum e como tal incapaz de ensinar ou fazer milagres.

No anúncio da copiosa redenção, nas perícopes de Mc 6,1-6; Mt 13, 53-58, tem-se a compreensão de que a comunidade rejeita um messias pobre. Lucas não tenta equacionar a questão da rejeição sofrida por Jesus, mas, sim, lê esse conflito como a rejeição do projeto de um novo a partir dos pobres. Aqui vamos interpretar esta versão de Lucas,

6.2 Delimitação e função da perícope de Lucas 4,16-30

A exegese não tem por finalidade dizer da importância de um texto, mas sim revelar o conteúdo do texto¹⁸³. Assim, a perícope de Lc 4,18-19 tem uma importância fundamental pois cumpre uma função explicativa sendo uma variante em forma de apotegma, ou seja: de paradigma¹⁸⁴, o que realça seu valor bíblico-teológico

A delimitação do texto revela que os versículos 14-15 marcam a transição da perícope anterior. Esses versículos fazem a introdução a uma perícope dramática à pretensão messiânica reivindicada por Jesus; ou seja, da rejeição de seu projeto justamente entre os seus, ao mesmo que retoma a rejeição que os profetas sofrem em sua atuação. A conexão sinótica

¹⁷⁹ MONASTERIO, Rafael Aguirre / Antonio Rodrigues Carmona. Evangelho sinóticos e Atos dos apóstolos; Tradução: Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 2000. p. 286.

¹⁸⁰ STEGEMANN, Wolfgang. 2012.

¹⁸¹ SALDARINI, Antony. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. Coleção Bíblia e História. Série Maior. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 70.

¹⁸² GALASSI, Sandro. *Para a compreensão do termo “sacerdócio Sadocita”*. A Teocracia Sadocita e sua História e ideologia. 2 ed. Macapá: Con-Texto Gráfica e Editora. 2007

¹⁸³ WEGNER, Uwe. *Op. cit.*, p. 248-259

¹⁸⁴ WEGNER, Uwe. *Op. cit.*, p. 337 Apotegma e uma narrativa curta cujo centro gira em torno de uma sentença de Jesus.

está no fato de Jesus ensinar na sinagoga e a perplexidade de seus ouvintes que se perguntam: “Não é este o filho do carpinteiro?”; “Este não é o filho de Maria?”.

Conforme o costume da sinagoga¹⁸⁵, Jesus faz a leitura e, logo no final, após entregar o livro ao ajudante, proclama: “hoje esta profecia se cumpriu”. É costume o fato de leigos se apresentarem para ler¹⁸⁶, mas os ouvintes ficam indignados pelo fato de ele, filho de um carpinteiro atribuir a si profecia do texto. Enquanto Mc e Mt dão acento à rejeição no fato de ele ser uma pobre, aqui a rejeição se dá pelo fato de Jesus atribuir a si o protagonismo da profecia que define o novo a partir do jubileu dos pobres.

Em Lucas, o Espírito Santo é gerador no novo: 1,15; 1,41; 1,35; Lc 1,67; 2,25. Jesus, cheio do Espírito Santo. Não só é conduzido pelo Espírito, mas sobretudo o Espírito está presente na vida do carpinteiro rejeitado. A Galileia é então um lugar teológico; porém ao mesmo tempo, para a religião oficial e seus sacerdotes Sadocitas, tudo que está para além de Jerusalém soa como herético, isso talvez pelo seu alto grau de helenismo em relação ao mundo agrícola judaico comum de seu entorno¹⁸⁷. No versículo 15, a atuação se diferencia em muito do papel dos sacerdotes. Jesus é um mestre no sentido de explicar a lei como em Mc 1,21. É possível que, enquanto leigo, Jesus já tivesse realizado outras leituras e pregações na sinagoga; o v. 15 deixa aparecer que Jesus gozava até de certa fama na sinagoga. Os v. 18-19 correspondem ao texto de Is 58 da Septuaginta do Grego Copta¹⁸⁸ (Egípcio), texto da sagrada escritura em uso nas sinagogas de então. Havia uma associação de textos de Is 58,6d; 61,1a.b.d; 61,2 como leituras no *Yom Kippur*, a festa do perdão celebrada entre os meses de setembro e outubro¹⁸⁹. Lucas não é um entusiasta de um Messianismo Davídico; já os traços do Messianismo Profético de Jesus em favor dos *anawims*:

O termo ‘anawim foi adquirindo, com o correr do tempo, uma significação moral e religiosa cada vez mais acentuada, passando a designar preponderantemente os homens humildes e pacíficos que põem sua confiança em Deus, de quem esperam ajuda em face dos seus opressores orgulhosos e ímpios.¹⁹⁰

¹⁸⁵ Ou seja: Haftarah há Shavuot. As porções de leitura do Tanakh, ou a Bíblia hebraica lidas semanalmente na Sinagoga.

¹⁸⁶ MAURINO, José Maria Garcia. <http://goo.gl/VOKTlz>. Acesso em 17 fev.2016

¹⁸⁷ CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 51

¹⁸⁸ A Versão Septuaginta é mencionada, pela primeira vez, numa carta de Aristéas a seu irmão Philocrates. O que lemos aqui é substancialmente a origem da Versão. Ptolomeu II Philadelphus, Rei do Egito (nascido cerca de 309/308 a.C., reinou entre 285-246 a.C., ano de sua morte) tinha recentemente estabelecido uma biblioteca valiosa em Alexandria. Ele foi persuadido por Demétrio de Phalarus, bibliotecário chefe, a enriquecê-la com uma cópia do livro sagrado dos judeus.

¹⁸⁹ JERÔNIMO, São. Novo Comentário Bíblico São Jeronimo Antigo Testamento. Tradução: celso Eronides Fernandes – Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo. Paulus, 2002. p 245

¹⁹⁰ BARREIRO, A. *Os Pobres e o Reino: Do evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983. p 19

são evidentes em sua obra¹⁹¹. Isto equivale a dizer que em Jesus se cumpre a profecia do ano Jubilar, Levíticos 25, 8-54, texto com paralelo em Isaias, 57,15-58.14; 61,1-11. O Ungido é enviado para cumprir a vontade de Deus expressa no ideal profético do Ano Jubilar e do jejum que agrada a Iahweh que vem em socorro dos oprimidos pelas dívidas.¹⁹² Após ter lido e fechado o livro, e todos os olhos fixos nele, Jesus sentou-se e faz o anúncio que soa como uma bomba: “hoje se cumpriu essa profecia que vós ouvistes”. A intenção do texto é mostrar já de início que Jesus é o Messias que proclama o ano da Graça, o jubileu dos pobres¹⁹³. De ouvidos atentos a comunidade orante é convidado pelo próprio Jesus e reconhece-lo como “representante do reino de Deus, autorizado por Deus com seu Espírito, que não só proclama o programa de soberania, mas parcialmente também já o executa com autoridade”.¹⁹⁴

6.3 O autor: onde e para quem foi escrito

Embora não tenha assinado sua obra, desde os primeiros séculos os autores e a tradição desde o sec. II consideram que o evangelho foi escrito por Lucas o qual é tratado por Paulo como: "médico caríssimo".¹⁹⁵ Acredita-se que o evangelho de Lucas deve ter sido escrito entre os anos 90 a 100 e não há uma precisão exata sobre o lugar onde foi escrito admitindo-se algum lugar a leste do Mediterrâneo¹⁹⁶, se considerada a prioridade dada aos cristãos provenientes da cultura grega e aos judeus da diáspora.¹⁹⁷ Eram comunidades de origem paulina, com imensas dificuldades de adaptação. São os cristãos da segunda geração, que vivem fora da Palestina, num mundo cultural e religioso diferente daquele em que Jesus viveu e agiu, bem como a maioria das testemunhas do evangelho¹⁹⁸.

A compreensão de ser obra dupla, Evangelho e Atos, é fundamental para adentrar ao mundo de Lucas¹⁹⁹. O fator importante a ressaltar é a questão de que os cristãos só passaram a ser uma força, a partir do mundo da Ásia Menor, com isso “A obra lucana testemunha a primeira inculturação da fé cristã, ou seja, a Boa Notícia anunciada por Jesus Cristo aos

¹⁹¹ SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Monika Otermann – Santo André (SP) Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2010. p. 654-657

¹⁹² STEGEMANN, Wolfgang. 2012.

¹⁹³ SCHNELLE, 2010.

¹⁹⁴ STEGEMANN, Wolfgang. 2012.

¹⁹⁵ EVANGELHO de Lucas. *Roteiros de Reflexão*. Cebi, Paulus, 1999. p 50.

¹⁹⁶ SPINETOLI, O. da. *Luca: Il Vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1982, p. 39.

¹⁹⁷ CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento* / Douglas J. Moo e Leon Morris. Tradução Marcio Loureiro. São Paulo. Vida Nova, 1997. p 129

¹⁹⁸ FABRIS, O Evangelho de Lucas, p. 16.

¹⁹⁹ SCHNELLE. 2010

pobres (Lc 4,18-19) encarna-se na cultura helenística”²⁰⁰; assim todo escrito cristão do Novo Testamento está visceralmente ligado a esse fator:

Podem ser nomeadas quatro características sociológicas centrais de diferenciação entre as comunidades crentes em Cristo e o seguimento de Jesus em Israel: 1) as comunidades crentes em Cristo compõem-se constitutivamente de judeus e não judeus, sim, quanto mais o tempo passava, tanto mais predominava a membresia de ex-gentios - em parte já na era paulina; 2) nessas comunidades, judeus e não-judeus realizavam programaticamente um intercâmbio social irrestrito, em parte, no entanto, controvertido; 3) as comunidades crentes em Cristo coexistiam com grupos minoritários no campo da referência da sociedade pagã majoritária de seus locais de residência cidadina, mais precisamente 4) também ao lado e além das sinagogas da diáspora, ou seja das representações do judaísmo fora da terra de Israel. A transformação do seguimento judaico de Jesus na terra de Israel em cidades pagãs do Império romano foi sociologicamente, portanto e ao mesmo tempo, uma transação para além do judaísmo.²⁰¹

O Evangelho de Lucas passou a fortalecer a fé das comunidades que “tornam possível a inclusão de gentios, impuros, mulheres, samaritanos, publicanos ricos e outros tipos de rejeitados bem como para todos os pobres²⁰², como também membros do povo eleito arrependidos de sua rejeição inicial a Jesus”²⁰³, mantendo-as corajosamente no seguimento a Jesus Cristo²⁰⁴.

6.4 Estrutura

Existem várias formas de estruturar o Evangelho de Lucas, podemos afirmar que cada comentarista elabora uma estrutura segundo aquilo que desenvolve. Optamos para a proposta de subdividi-lo em seis partes, poderão seguir outras. **A primeira parte** (1,1-4) consta do prólogo, no qual o autor explica os motivos que o levaram a escrever o Evangelho, apresenta o método utilizado e o dedica a Teófilo. Esta abertura é muito interessante e mostra o que verdadeiramente Lucas se propõe. Na **segunda parte** (1,5-4,15) Lucas apresenta um paralelo entre o nascimento e a infância de João Batista e Jesus. Acontecimentos que envolvem a João Batista como a pregação e encarceramento de João Batista contrapondo o ministério público de Jesus (batismo, sua genealogia e as tentações – 3,1-4,13). Na **terceira parte** (4,14-9,50) o autor relata o Ministério de Jesus na Galileia, o acontecimento na sinagoga de Nazaré, a rejeição, as atividades se centralizam em Cafarnaum e no lago;

²⁰⁰ MOREIRA, G. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. Teologia lucana. São Paulo: Paulinas, 2004.p. 15.

²⁰¹ STEGMANN, Ekkehard W. STEGMANN Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p 285.

²⁰² STEGEMANN, Wolfgang. 2012.

²⁰³ JERÔNIMO. 2002

²⁰⁴ STEGMANN, Ekkehard W. STEGMANN Wolfgang. 2004

discussões com os fariseus, ensinamentos, milagres, parábolas e questões referentes à sua identidade. A parte conclusiva deste período de vida de Jesus termina com a transfiguração, no monte Tabor, aonde ele vai com Pedro Tiago e João suas testemunhas. Na **quarta parte** (9,51-19,27). Lucas narra a viagem de Jesus, com seus discípulos a Jerusalém. Eles percorrem o caminho da Samaria, entre as montanhas. Os judeus não faziam esse trajeto, pois não se davam bem com os samaritanos, preferiam o caminho do vale do Rio Jordão até Jericó e depois subiam a Jerusalém, pela antiga estrada romana do deserto da Judéia. Jesus aproveita esta caminhada para instruir seus discípulos e discípulas, as exigências no seguimento e os pontos fundamentais que dariam a base do Reino de Deus. Na **quinta parte** (19,28-21,38) encontramos Jesus em Jerusalém com a entrada e atividade na área do Templo e o discurso escatológico. Tudo se prepara para o desfecho final. Na **sexta parte** (22,1-24,53) aparecem as narrativas da paixão, morte, sepultamento de Jesus (22,1-23, 56a), as aparições de Jesus ressuscitado (23,56b-24,35), o episódio do túmulo vazio e da conversa com os discípulos a caminho de Emaús (24,13-35) e finaliza com a ascensão ao céu (24, 36-53).

6.5 A Teologia lucana

O escrito de Lucas focaliza as comunidades paulinas que surgem nas periferias das grandes cidades portuárias do Império Romano²⁰⁵. Assim pondera W. Stegemann, ao perceber no messianato de Jesus uma forte conotação política:

Quando se compara as Histórias do nascimento e da infância nos evangelhos de Mateus e de Lucas, chama a atenção no evangelho de Lucas um papel central especialmente as esperanças atreladas a dois nascimentos, a saber, do batista e de Jesus. Chama a atenção também que essas esperanças se direcionem concretamente para a libertação política de Israel de todos os seus inimigos. Essa esperança é, por exemplo, expressa por Zacarias, o pai de João Batista, num salmo (Lc 1,67-79) Também o assim denominado Magnificat de Maria, aquele salmo com qual a mãe de Jesus reage ao anúncio de seu nascimento, contem (sobretudo) esperanças sociais e políticas de transformações de condições sociais: Deus derruba do trono os poderosos e exalta humildes, concede bens aos famintos e despede vazios os ricos (Lc 1, 52s) Também o anjo Gabriel nomina concretamente o papel a ser desenvolvido pela crença de Maria, para o que recorre à promessa de Natã sobre a sucessão ao trono de casa de Davi (2Sm 7, 14).²⁰⁶

O cristianismo pós-palestino é um fenômeno urbano, sobretudo na Ásia Menor²⁰⁷, da qual inclusive pessoas mais abastadas faziam parte; embora que a grande massa era das classes mais vulneráveis. Essa situação faz com que Paulo exija uma vivência ético-

²⁰⁵SCHNELLE. 2010.

²⁰⁶STEGEMANN, Wolfgang. 2012

²⁰⁷STEGEMANN, Ekkehard. *Op. cit.*, p. 301.

comunitária muito bem delimitada entre os irmãos²⁰⁸. Essa conflitividade é uma constante nas cartas paulinas²⁰⁹. A solução destas tensões não só ocupou Paulo como inclusive é o mote da obra dupla de Lucas que apresenta um Deus capaz de salvar a todos: “hoje nasceu para vos um salvador”²¹⁰. Com isso atribuímos a Lucas a tarefa de ter traduzido o Messias judeu para o Cristo universal (At 17, 22-31).

6.6 O filho do carpinteiro

É importante saber que no mundo agrário do contexto mediterrâneo²¹¹ as profissões em geral estão apenas a um grau acima dos descartáveis, dos sem-terra, dos meeiros e dos sem profissões; a maioria da população palestina compõe a não elite que não possui poder nem prestígio²¹². A rejeição à Jesus se dá então pelo fato de ser filho de carpinteiro: “ele é filho do carpinteiro José e sempre esteve entre nós! ”; não é apenas o filho de *carpinteiro*; “mas ele é filho *do carpinteiro José*; conhecido por todos na região” (Lc 4, 22). Não lhes pareceu cabível o fato de Jesus, um judeu comum do estrato inferior, ter a pretensiosa intenção de postular o messianato²¹³.

Chegando a sua cidade, foi à sinagoga e segundo seu costume, levantou-se para ler. Tendo então se levantado, logo após a leitura e explicação da “Parashat hashavua” do “Devarin”, o “Nitsavim” (De pé) 29, 10 - 30, 20; uma das 55 partes do livro da Lei (porção Semanal) recebeu o rolo do Profeta Isaias no qual deveria ler a “Halftarah” 61,10 – 63-9; acabou lendo Is 61,1-2.

6.7 Jesus, o ungido do Senhor

A porção do Dt 29,10-30,20 é uma instrução, uma regra de vida. Logo após essa leitura, Jesus se dirige à “Bina” e proclama o Texto de Isaias: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade

²⁰⁸SCHNELLE, 2010. Ver também: Autoridade da Congregação. In: DUNN, James D.G. A teologia do apóstolo Paulo. Tradução de Edwino Royer – São Paulo: Paulus, 2003. p. 669-670

²⁰⁹ Como conciliar o trabalho e o anúncio? Como combinar fé e política? Como administrar os conflitos? Como combinar elementos transculturais? O lugar da mulher na Igreja? Como fazer do evangelho uma boa nova aos pobres? Ver Paulo e suas cartas: Roteiros para reflexão. Cebi 4º. Edição 2008

²¹⁰SCHNELLE, 2010. Ver também a carta a Filemon.

²¹¹ STEGEMANN. *Op cit.* p. 71-118. A pirâmide da estratificação e situação social nas sociedades mediterrâneas antigas.

²¹² WOLFGANG. 2002

²¹³ WOLFGANG. 2002

aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Parou no meio do versículo; não falou sobre a vingança de Deus como está disposto na sequência do texto, sentou-se e depois, diante de todos os olhos fixos nele, disse: “Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos” (Lc 4,21). Ficam abismados: “Não é este o filho de José?”.

Encontrou o lugar: [Lc 4,17] aqui estamos lidando com a teologia lucana da promessa e do cumprimento. Como a análise dos vv.18-19 deixara claro, este texto de Isaías não se encontra em nenhum dos rolos da sinagoga. Trata-se de uma composição artística, formada pela combinação de Is 61, 1-2 e Is 58,6 em que transparece o colorido próprio da Cristologia lucana. [18-19] este texto consiste de Is 61,1 a.b.d; Is 58, 6d; 62, 2a. ao citar Is 61, que também foi usado pelos essênios de Qunram e aplicado a eles mesmos em 11QMleq, Lucas omite aqueles elementos que poderiam espiritualizar o texto ou restringir seu foco “verdadeiro” Israel. Deste modo ele omite Is 61,1c [...]. Ele acrescenta Is 58, 6 que ocorre em uma passagem que descreve o verdadeiro jejum que Iahweh deseja e que se refere à libertação daqueles que são oprimidos por dívidas.

Os rabinos fariseus rivalizavam-se com os saduceus, pois tinham como meta ascender a este poder! Embora lutassem contra os saduceus, tinham como meta tomar o poder em suas mãos, mesmo que sem o apoio popular²¹⁴. Essa atitude os obrigava a comungar com a leitura teológica sadocita, com a qual não tinham coragem de fazer uma ruptura, temendo com isso destruir o poder que tanto almejavam, o qual mais tarde de fato acabam controlando a partir de Jâmnia; fato pelo qual dedicam a sua vida; como sabemos, tinham como meta preservar e interpretar a Torá oral em contraposição ao monopólio sacerdotal²¹⁵.

Nos versos 22 e 23 dizem eles: “faz aqui também o que está fazendo em outros lugares”. Eles tinham muita dificuldade para compreender o reino de Deus a partir dos pobres. Esta é a novidade da pericope, variante ao texto de Mc 6, 1s e Mt 13, 58s. A teologia vigente de então não permitia uma leitura do messianato a partir dos pobres; portanto, o princípio desta hermenêutica é a própria conduta de Jesus²¹⁶, ou seja, de sua leitura da Torá²¹⁷ inversa à postura judaíta que limitava o amor ao próximo apenas aos “puros”, pois amar o “impuro” é uma insensatez²¹⁸.

6.8 Jesus e a releitura do Jubileu

²¹⁴ O rigorismo os distanciava das classes populares, fazendo com que eles não percebessem as necessidades e os sofrimentos do povo diante do império romano. Para eles os pobres não eram capazes de seguir o rigorismo da Torá por eles defendido e por isso, os foram deixados de lado. Ver: Jeremias. Joaquim. Teologia do Novo Testamento. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1980. p. 14

²¹⁵ FIDELI, Orlando. *Escribas, doutores da lei e os fariseus*. Monfort Associação Cultural. In: <http://goo.gl/gJkqKE>. Acesso em: 07. jun. 2014

²¹⁶ THEISSEN, Gerd. Mers, Annette. *O Jesus Histórico*, p. 419.

²¹⁷ STEGEMANN, 2002

²¹⁸ SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do novo testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 73-93.

Jürgen Moltmann propõe uma ética teológica mundial denominando-a de *Ética Sabática*, a qual tem como fundo teórico o sábado jubilar judaico, reassumido na cruz de Jesus:

Em Moltmann é preciso compreender os núcleos fundantes da teologia da cruz, para conseguir perceber o sentido da proposta ética, a qual ele chegara precisamente devido a pressupostos teológicos (...) a cruz representa o profundo sofrimento de um Deus que ama sem limites: essa é a única resposta à crise de relevância da ação dos cristãos, que sofre a perda de contato com a realidade considerada em seus vários níveis (social-político-econômico) e um tipo de petrificação diante do novo, de imobilidade ante as urgências do presente.²¹⁹

O uso do Ano Sabático como referencial se deve ao fato de o autor ler o Jubileu Judaico como um princípio de instituição de direitos, capaz de sustentar novas relações num mundo novo. A temática do Jubileu Bíblico, no entanto, é bastante complexa e não raro, contraditada. A literatura deuteronômica traz essa memória: “A cada sete anos farás remissão. Eis o que significa esta remissão: todo credor que tinha emprestado alguma coisa a seu próximo reemitirá o que havia emprestado; não explorará seu próximo, nem seu irmão, porque terá sido proclamada a remissão em honra de Iahweh” (Dt 15, 1-2). A ideia é que no Ano Sabático todas as dívidas são perdoadas. No entanto no mundo judaico nos dias de hoje existe argumento halachico chamado “*Peruzbul*” que cancela essa prerrogativa com relação aos empréstimos;²²⁰ ou seja, a observância sabática não só é questionada por especialistas em Antigo Testamento, assim como também hoje.

Uma vertente do ano sabático está vinculada ao “Jubileu da Terra” e seu nascedouro reside na defesa do direito da terra em descansar: “Durante seis anos semearás a tua terra, durante seis anos podarás a tua vinha e recolherás os seus frutos. Mas o sétimo ano será um sábado, um repouso para a terra, um sábado em honra do Senhor: não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha; não colherás o que nascer dos grãos caídos de tua ceifa, nem as uvas de tua vinha não podada, porque é um ano de repouso para a terra. Mas o que a terra der espontaneamente durante o seu sábado vos servirá de alimento, a ti, ao teu servo e à tua serva, ao teu operário ou ao estrangeiro que mora contigo” (Lv 25, 3-6). Ora, na continuação do texto já se observa que Deus precisa intervir para garantir a isonomia da proposta que não tardou a ser questionada: “Se disserdes: que comeremos nós no sétimo ano, se não semearmos, nem recolhermos os nossos frutos? Eu vos darei a minha bênção no sexto ano, e a terra produzirá uma colheita para três anos” (Lv 25, 20-21). O processo se estendeu mais tarde

²¹⁹ MANCINI, Roberto. *Éticas da mundialidade*. Tradução de Maria Cecilia Bartute Attié. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 82.

²²⁰ <http://www.chabad.org.br>.

para o Jubileu da vida; que ano 50 deveria acontecer o Jubileu da Vida ao cabo de sete vezes o Ano Sabático.

O Ano Jubilar exige uma tripla performance: a restituição das terras, o perdão das dívidas e a libertação dos escravos²²¹. O soar da trombeta deveria desencadear uma série de novas relações entre os membros da comuna; o perdão Lv 25, 9, a justiça Is 32, 15-20, a gratuidade Lv 25, 19-21, a soberania de Deus Lv 25, 23. Porém essa legislação esbarrou na construção real das relações, as quais impossibilitaram sua vigência.

Durante os anos nos quais vigorou o exílio na Babilônia, algo muito forte aconteceu no interior da comunidade; tanto que fez com que Israel voltasse diferente 40 anos depois. Um período relativamente curto 586-538, porém o suficiente para que tanto os deportados, assim como os remanescentes experimentassem o gosto amargo da desolação. A memória da comunidade em Judá (Jeremias, Abdias, Lamentações) assim como as memórias produzidas no Exílio dão conta dos extremos passados na Babilônia. A narrativa da II Reis revela a força e truculência do exército de Nabucodonosor frente ao país fragilizado e humilhado. O último grande sonho talvez tenha sido com Josias (648-609) Agora, porém, o Israel de Deus já não existe mais.

Vários autores trabalham com a constatação de ser o Exílio da Babilônia o segundo maior evento da História de Israel, comparável somente à saga do Êxodo e sua conseguinte fundação. No entanto, há também uma miríade de estudiosos do Antigo Testamento que acreditam ser o Exílio apenas mais um bem elaborado mito: “R. Albert reconhece a enorme dificuldade que existe quando se tenta reconstruir historicamente o exílio judaico: ‘Die Exilzeit stellt in der biblischen Geschichtes darstellung einfinsteres Loch dar’ (‘A época do exílio representa um buraco negro na narrativa histórica bíblica’)²²²”.

Outro renomado biblista do Antigo Testamento põe em cheque a narrativa de Esdras, classificando-a como uma “reedição da narrativa da volta”. Bob Becking acredita que grupos diferentes retornaram da Babilônia; entre eles remanescentes de Israel e grupos de judeus pré-exílicos. Sua afirmação nasce do estudo das três narrativas de Esdras sobre o mesmo assunto: Esd 1-2: o retorno dos exilados judeus; Esd 3-6: a abolição da não-celebração da Páscoa e Esd 7-10 a estória das ações de Esdras em Jerusalém²²³. Ainda nessa linha, o biblista Robert P. Carroll afirma ser contra o uso da categoria “exílio”, que é fruto de uma ideologia centrada em Jerusalém, a qual deveria ser abandonada em favor da categoria “diáspora”, muito mais

²²¹<http://goo.gl/HpGNcf>. Acesso em: 19.fev.2016.

²²² <http://goo.gl/gMWvF8>. Acesso em: 19.fev.2016.

²²³ <http://goo.gl/JV8fsX>. Acesso em: 21. Mai 2014

representativa da realidade do judaísmo ao longo dos séculos²²⁴. Lester L. Grabbe, professor de Bíblia Hebraica e Judaísmo Antigo na Universidade de Hull, Reino Unido, também se manifesta dizendo que a História do Exílio não tem uma narrativa sólida sobre o período intra-babilônico. O atual posicionamento não é estranho a posturas de muitos teólogos mais antigos; o que difere é a autonomia diante das instituições, fator importante no quesito da manifestação de pontos de vista.

Nos anos 1970-80, houve um grande interesse na temática do Jubileu a partir dos teólogos, em especial os vinculados à Teologia da Libertação, cuja manifestação expressava a inserção do eclesial no cotidiano. A produção bíblica alimentou-se das forças vivas da Igreja latino-americana: “Formamos a Igreja viva, que caminha para o Reino do Senhor; vivendo em comunidade, nós faremos esse mundo ser melhor”; a força a mística e a poesia da Igreja dos Pobres, lastreou uma hermenêutica capaz de traduzir a força da palavra até então oculta em gnoses.

Há duas questões relevantes a serem consideradas aqui: uma é que “o tempo de Jesus era marcado, por um lado, pela ocupação e dominação romana e, por outro lado, por estruturas de poder das elites sacerdotais e econômicas judaicas”²²⁵; outra é que “os fariseus são, com certeza um grupo de interesse político que pretendia influenciar o modo segundo o qual a vida judaica era vivida religiosa, social e politicamente”²²⁶. Esse segmento, de fato, toma posse do poder a partir da reorganização do Judaísmo Rabínico de Jâmnia; os mesmos, sem dúvida rivalizavam com os cristãos a posse da continuidade do legado judaico de ser o verdadeiro Israel (Rm 9,1-29). Lucas faz constar em sua narrativa essas fissuras no relacionamento entre ambos os movimentos. Percebe-se, então, ser na continuidade do Projeto Sabático que reside o alicerce fulcral da narrativa Lucana, brilhantemente alocada na questão da Sinagoga de Nazaré. É neste ambiente, onde se encontram alguns dados prosopográficos²²⁷ (Mc 6,1-6; Mt 13, 53-58) de Jesus que Lucas encrava a síntese de sua narrativa sobre a reapropriação do Ano Sabático como ato fundante do Messianato de Jesus: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (4,21b).

²²⁴<http://goo.gl/MZ5Vlr>. Acesso em 21. Mai 2014

²²⁵ REIMER, Haroldo. *Tempo de Graça: o Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia* / Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. São Leopoldo: Sinodal: CEBI: Paulus, 1990. p. 118

²²⁶ SALDARINI, 2005

²²⁷ O Ambiente e os dados prosopográficos de Jesus nos ajudam a compreender seu projeto de messianato ao mesmo tempo que esses mesmos dados dão base à refutação de seu projeto pelos judaitas de seu tempo.

6.9 Os fariseus a partir da perspectiva de Jâmnia

Para uma melhor compreensão do grupo farisaico,²²⁸ faz-se necessário abordar qual seu lugar social dentro do mundo judaico. Por vício, corremos o risco de olhar para os fariseus a partir das categorias de análise do mundo moderno. Evitaremos esse erro procurando balizar nossa análise a partir do judaísmo que circunstanciou o mundo fariseu,²²⁹ para fazer análise da questão. É importante ter sempre em mente que os fariseus viviam numa sociedade judaico-palestina, parte de um império agrário, aristocrático, burocrático e parcialmente comercializado; ou seja, a Palestina do tempo de Jesus não passa de uma pobre e distante colônia romana.²³⁰ Para se ter uma compreensão do significado mais imediato dessa condição colonial basta verificar o fato de que os impostos atingiam entre 30% a 70% de sua produção, além da falta de outros bens materiais e a constante pressão política que lhe limitava a liberdade.²³¹ Segundo Saldarini, o sistema de classe nos impérios agrários obedecia a seguinte ordem: o Soberano, a classe governante, a classe dos servidores, a classe comerciante, a classe sacerdotal, a classe camponesa e os artesãos, a classe impura e a classe dispensável; ou seja, o total de 9 grupos bem distintos e definidos:

Os fariseus parecem ter sido um grupo mais coeso do que os saduceus, e é possível que eles tivessem uma estrutura de comando, educação para seus membros e critérios claros de chefia. As crenças que eles abraçavam – vida eterna, ação divina na história e liberdade humana – eram mui provavelmente diferentes o bastante dos ensinamentos e atitudes tradicionais judaicos para exigir algum compromisso positivo. Ao contrário os saduceus mantinham a visão mais antiga, mais tradicional do judaísmo de que não existe vida após a morte e, provavelmente, eles também seguiam a tradição pos-exilica ao considerar Deus mais transcendente do que imanente, e menos diretamente envolvido nos acontecimentos da história.²³²

A história dos fariseus tem início no período do governo asmoneu de João Hircano (135-104 a. E/C.). O grupo dos fariseus era composto por doutores leigos, mas também faziam parte do partido, os escribas, sacerdotes do terceiro escalão, pequenos comerciantes e artesãos. Seu projeto e messianismo era fortalecer a Torá oral, a tradição. Negar o monopólio dos sacerdotes na interpretação da Torá. Combater a política profana dos sacerdotes-príncipes asmoneus. Interpretar de forma popular a Torá para o povo. Fariseu significa “separado” dos impuros. Portanto, eles pretendiam fazer de Israel um povo santo, isto é, puro na observância

²²⁸ Verbo *parash*, separar. Nome dado aos descendentes dos hassidim, “os apaixonados pelo Senhor”. São os únicos antepassados dos Judeus atuais. Conf.: Vidal. Marie. Um Deus chamado Jesus. Leitura do Evangelho à luz da Torá. Vozes. Petrópolis. 2000. p. 222

²²⁹ SALDARINI, 2005.

²³⁰ SALDARINI, 2005.

²³¹ SALDARINI, 2005

²³² SALDARINI, 2005

radical da Lei: esperar o Messias, filho de Davi, não subordinado ao filho de Aarão. Ele viria para restaurar o poder político e levar Israel ao cumprimento da Torá. O Messias chegaria na hora definida por Deus. Até que isso acontecesse, o povo devia se preparar, não seguindo o caminho indicado pelos asmoneus.

Em relação ao império romano, os fariseus faziam uma aparente oposição, embora acreditassem na libertação do domínio dos estrangeiros. Com pouca influência no campo da política, os fariseus, por outro lado, controlavam as sinagogas, lugares de estudo, oração e reunião do povo²³³; porém seu rigorismo os distanciou das classes populares, fazendo com que eles não percebessem as necessidades e sofrimentos do povo diante do império romano. Os pobres não eram capazes de seguir o rigorismo proposto por eles e, por isso, foram deixados de lado²³⁴. O famoso texto de Mt 24 que coloca negativamente os fariseus, parece não ter sua origem na fala de Jesus, mas em brigas posteriores entre judeus e cristãos, pois Jesus tinha amigos fariseus. Com a guerra judaica (67-70 E.C), o farisaísmo foi o único grupo judaico que permaneceu existindo.

6.10 A Torá a partir da gruta de Belém

Jesus não precisou fazer a "opção pelos pobres" porque nasceu cercado pelas realidades da pobreza (Lc 2,7), as quais circunstanciaram sua rejeição como messias, ao mesmo tempo que ressalta ser ele o rosto misericordioso do Pai²³⁵. Na crítica de Jesus ao templo, se condensa uma ação revolucionária, percebida pelos chefes dos sacerdotes e doutores da lei (Mc. 14, 1-11), ao detectarem que os marginalizados estavam sendo "seduzidos" pela pregação e a atenção de Jesus: os pecadores (Mt. 9, 10-13; Lc 10, 29-37; Mt. 11,19; Lc. 7, 36-50); os pequenos (Mt. 10,42; Mt. 11,25); os leprosos (Mt. 8, 1-3); os abandonados pelas autoridades (Mt. 9,36; Lc. 15); os sem terras e desempregados (Mt. 20, 1-16); o povo (Mt. 9,36; 10,6); os pagãos (Mt. 8, 5-13; 15, 21-26); os diaristas (Mt. 20,1s); as prostitutas (Lc. 7, 36-50); os doentes (Mt. 4, 23-25; 16-17; 9,35; 15, 29-32); os mendigos (Lc. 16, 19-31); os sobrecarregados (Mt. 23,4s); os camponeses, pescadores, pastores, artesãos (Lc. 5, 4-5; Jo. 21,3; Mt. 20, 1-16); os cegos (Mt. 9, 27-30; 20, 29-34); os cobradores de impostos (Lc. 3,12s; 18, 9-14; Mt. 11,19); os samaritanos (Lc. 9, 51-57; 17,11s); os publicanos, mulheres, crianças (Lc. 3,12s; 18, 3-8; Lc. 8, 1-3; 18, 3-8; Mc. 10, 13-16); os

²³³ STORNILO, Ivo. *Conheça a Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1986. p. 163.

²³⁴ JEREMIAS, Joaquim. *Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1980. p. 145.

²³⁵ JERÔNIMO, 2002.

pobres (Lc. 14,21; 16, 19-21; Mt. 5, 1-11); as viúvas (Mt. 23,14; Mc 12,42) os estrangeiros (Mc 7, 24-30).

O templo era a instituição mais importante de Israel na época de Jesus²³⁶, a crise ali instalada, revela os opostos entre a Tradição da aristocracia teocrática e de outro lado os inúmeros grupos de resistência²³⁷. Um dos aspectos centrais da ação de Jesus consistia em revelar o rosto amoroso do Pai, a superação da violência e a prática do amor incondicional, prática contrária aos grupos envolvidos no conflito²³⁸; com a devida ressalva aos apocaliptas essênios.²³⁹

6.11 Os herdeiros da misericórdia

No tempo de Jesus, a teologia oficial, conhecida como a teologia da retribuição, afirmava que Deus recompensava uma pessoa justa com riqueza, vida longa e descendência; e uma pessoa injusta com pobreza, esterilidade e sofrimento. Os pobres, os doentes, as pessoas com alguma deficiência física e os estrangeiros eram considerados impuros (Ex 20,5; Sl 38,2-6). De acordo com a Lei, era proibido o contato com pessoas impuras. Indo na contramão da teologia oficial, muitos grupos continuam afirmando que Deus não abandona os pobres, mas caminha com as pessoas que sofrem, ele “protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva” (Sl 146,9). Não é o Deus do sacrifício, mas o Deus da misericórdia; essa é a originalidade da sua pregação. Esse é o rosto de Deus revelado por Jesus: um Deus que manifesta sua misericórdia para com os mais fracos e desgraçados²⁴⁰.

A misericórdia faz o pobre sentir a proximidade de Deus²⁴¹, principalmente em seu sofrimento quando sente que Deus escuta e não esquece seu grito (Sl 9,13). Reside aí a sensibilidade de Jesus que incidiu no cuidado com o outro que, em seu rosto, carrega as marcas da exclusão e da vulnerabilidade. Daí o fato de a misericórdia ser na prática o introito teológico do prólogo do evangelho de Lucas²⁴².

²³⁶ GASS, Ildo Bohn. *Op. Cit.*, p. 128.

²³⁷ REIMER, Ivone Richter (org). *Economia no Mundo Bíblico*. Enfoques Sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal. p. 104. 2006

²³⁸ ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes,1990. p. 60.

²³⁹ SALDARINI, 2005.

²⁴⁰ DUPONT, J. *Los pobres y la pobreza em los Evangelhos y em los Hechos*. CLAR. La pobreza evangélica Hoy, Bogotá, 1971. p. 33

²⁴¹ Papa João Paulo II. Dives in misericordia. N 2

²⁴² Já no prólogo de Evangelho, Lucas introduz o tema da Hesed de Deus, isto é, da fidelidade que Deus manifesta ao próprio amor para com o povo, fidelidade às promessas, que encontrarão precisamente na maternidade da Mãe de Deus o seu cumprimento definitivo (cf. Lc 1,49-54). Em Lc 1,72. Também se trata da misericórdia no significado de Hesed, ao passo que nas frases seguintes, em que Zacarias fala do «coração

O trânsito exegético na perícopa de Lc 4,16-30, de cunho eminentemente querigmático²⁴³, ajudou-nos a perceber que a práxis de Jesus, não excluiu ninguém. "Hoje vimos coisas estranhas" (Lc 5, 26) declaram estupefatos alguns dentre a turba que se aglomerava em torno do inusitado: Jesus acolhe, perdoa e cura os que o templo e a sociedade encarregavam-se de declarar como endemoninhados (Lc 5,12-16).

A rejeição de Jesus pelos líderes de Israel é a demonstração cabal de sua incapacidade de ler a história. Seus teólogos não conseguem superar a teologia vigente, a qual não conseguiu ver em Jesus o propósito de Deus²⁴⁴. Assim como os fariseus, segundo grupo na hierarquia do Establishment sócio político e religioso da época, que limitados pelo legalismo de sua teologia, não conseguem ver em Jesus o Messias de Deus. Para tanto, a narrativa de Lucas transita por questões fundamentais na resposta desta *Opus Dei*: “apresentando Jesus como o ‘Salvador do mundo’ (Lc 2, 30-32; 24,47), como o ‘libertador dos pobres, oprimidos e marginalizados’ (Lc 4, 18-19; 6, 17-26), como ‘Senhor’ (Lc 1, 43; 5,8), como ‘revelador da misericórdia do Pai’ (Lc:15, 1-32), como o ‘profeta de Deus’ (Lc 24, 19), como alguém de muita ação e oração (Lc 6, 12; 11, 1-13). Mostra também que ser discípulo é ir caminhando com Jesus de Nazaré (Lc 9, 57-62), ser misericordioso (Lc 10, 29-34), ter cuidado com toda e qualquer forma de ganância (Lc 12, 33-34), ser servo do Senhor (Lc 12, 35-49), enfim fazer o que Jesus fez seguindo-o em seu caminho (Lc 14,25-33)”²⁴⁵. *Opus* que não é outra senão viver e testemunhar Deus como Pai misericordioso e Jesus o seu rosto (Lc 6, 36-38)²⁴⁶.

misericordioso do nosso Deus», é expresso claramente o segundo significado, o de *Rahmim* (tradução latina: viscera misericordiae), que identifica prevalentemente a misericórdia divina com o amor materno.

²⁴³ MONASTÉRIO, Rafael Aguirre. *Evangelho sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Rafael Aguirre Monastério, Antônio Rodrigues Carmona. Tradução de Alceu Luiz Orso – São Paulo: Editora Ave Maria, 2000. – Introdução ao Estudo da Bíblia; v 6, p. 286.

²⁴⁴ HURTADO, I. W. *Senhor Jesus Cristo: Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo*. Larry W Hurtado; Tradução de Eliel Vieira. – Santo André (SP) Academia Crista. São Paulo: Paulus, 2012. p. 253.

²⁴⁵ Seguir Jesus e os evangelhos. Coleção Tua Palavra é vida 5. Publicações CRB/1994. São Paulo: Loyola. p. 170, 1994.

²⁴⁶ FRANCISCO, Papa. *Misericordes Vultus*. “Jesus é a personificação da Misericórdia do Pai. Cap 1.

7 JESUS, O ROSTO DA MISERICÓRDIA DO PAI: REDENÇÃO OU PROSPERIDADE?

Por causa do grande amor com o qual Cristo nos amou (Ef. 11,4) e na fé de nossos pais, aqueles que deram a sustentação à fé primeira, cremos que não somos abandonados por Deus nem mesmo no pecado²⁴⁷; pois a misericórdia (no sentido do hebraico *hamal* = poupar, ter compaixão) é o primeiro fruto da graça redentora²⁴⁸, sendo a graça o primeiro aspecto da vitória de Cristo sobre a morte (Rm 8,21)²⁴⁹; estar na graça é estar em Deus (2Cor 2, 9). Deus em seu infinito amor se inclina sobre o ser humano para salvá-lo e Cristo é a encarnação deste amor (Jo 1,14; Fl 2, 6-11).

A Teologia da Redenção é uma reflexão básica e fulcral da fé cristã, pois Jesus remiu, resgatou e nos fez filhos ao realizar a vontade do Pai²⁵⁰. Santo Anselmo (1033-1109), cujas obras influenciaram toda teologia cristã, admirado até pelos reformados, é o principal signatário dessa verdade: "Deus se fez homem para nos resgatar e esse resgate é obra do infinito amor da trindade"²⁵¹. Já Santo Afonso (1696-1787) define Deus como "um louco de amor"; diz que Jesus não só nos remiu em sua encarnação, mas o fez também para conquistar nosso amor²⁵². Por isso, não obstante exista ainda hoje acaloradas e infundáveis discussões sobre a consciência messiânica de Jesus²⁵³, a reserva histórica de fé cristã atesta que sua morte foi vicária²⁵⁴. Nossos pais na fé não temiam em afirmar a sua confiança no Redentor, dizendo: "Quem nos separará do amor de Cristo" (Rm 8,31-39). Neste capítulo veremos como a Igreja ao longo de sua história acreditou e predicou este ensinamento, o qual incide muito mais na misericórdia de Deus que na prosperidade do ser humano.

7.1 Os postulados da Teologia da Prosperidade

²⁴⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia da Redenção*. Tradução de José A. Chescin. São Paulo: Loyola. p.10, 1997.

²⁴⁸ HARRIS, R. Laird (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Vida Nova. São Paulo, 1988. p. 483.

²⁴⁹ DUM, James D.G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. p. 529.

²⁵⁰

²⁵¹ ANSELMO, Sto. *Por que Deus se fez homem?* São Paulo: Novo Século, 2003. p. 171.

²⁵² LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A Prática do amor a Jesus Cristo*. Tradução de Pe. Gervásio Fabri dos Anjos CSSR. 13 ed. Aparecida, 2000. p. 20.

²⁵³ SILVA, Sydney Farias. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração: Bíblia. São Leopoldo, janeiro de 2006. <http://goo.gl/b203gV>. Acesso em 19. Fev.2016.

²⁵⁴ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Custon, 2002. p. 149-180.

A partir dos postulados da TdP expostos no primeiro capítulo e nas reflexões posteriores, percebemos que seu íntimo consiste na negação da fé em Jesus pelo fato constatável de não ser Jesus um Ministro da Fazenda, órgão que define a política econômica do Estado²⁵⁵; daí a afirmação de que as Igrejas da TdP sejam apenas um mecanismo religioso concebido e administrado dentro das regras da economia de mercado²⁵⁶, lastreada pela cortina do religioso, ao se cumprir determinados “rituais de troca” como preconiza o fundador da Igreja Universal: “As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus”²⁵⁷.

Na lógica desta teologia se logra a mercadoria pretendida: a prosperidade. A troca se faz possível mediante um culto sacrificial; onde o sacrifício já não é mais realizado por Cristo; mas pelo fiel/cliente: “A oferta representa o ofertante, quando você coloca seu sacrifício no altar que é Deus; ele vê você no lugar de Jesus. Assim como Jesus foi a oferta, agora você é a oferta e o ofertante”²⁵⁸.

O próprio Hagin acreditava e pregava que o sofrimento não faz parte da doutrina cristã, pois segundo ele: Cristo sofreu na cruz substituindo o sofrimento de todos os que têm fé nele: “Deus quer que vivamos o período integral de nossa vida, aqui embaixo, sem enfermidade e sem doenças. É o plano melhor que ele tem para nós. Nem todas as pessoas ficam à altura desse plano, mas ele não deixa de existir”²⁵⁹.

O sacrifício é realizado agora pelo próprio cliente/fiel, que se torna o próprio objeto do sacrifício que é oferecido na cruz no lugar de Jesus. Ou seja: o dinheiro é o próprio cliente que através do suor de seu trabalho se torna sangue subjetivado; que transformado em dinheiro (sua mais valia do trabalho) na cruz se torna o Cristo²⁶⁰. O holocausto é não mais de Jesus de Nazaré, mas do oferente/fiel/cliente: “Fazer o que se acredita ser a vontade de Deus, apesar das pressões externas, implica em sofrimento. Este tipo de sofrimento é bem-vindo,

²⁵⁵ O Ministério da Fazenda é o órgão que na estrutura administrativa da República Federativa do Brasil cuida basicamente da formulação e execução da política econômica. <http://goo.gl/vaGG4E>. Acesso em: 04 mai. 2015.

²⁵⁶ A Economia de Mercado é um sistema econômico elaborado no seio do desenvolvimento do capitalismo e tem como premissa básica a centralidade do mercado na economia, através da redução dos papéis exercidos pelo Estado. Trata-se, portanto, de uma filiação dos ideais preconizados pelo liberalismo econômico, que apregoa o chamado Estado mínimo. <http://goo.gl/5DP799>. Acesso em: 18 fev. 2015.

²⁵⁷ MACEDO, Edir. *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2005. p. 68.

²⁵⁸ <https://goo.gl/OVeyCD>. Acesso em: 16 set. 2014.

²⁵⁹ HAGIN, Kenneth. *É necessário que os cristãos sofram?* p. 15.

²⁶⁰ DUSSEL, Henrique. *Ética Comunitária*. Petrópolis, 1986. p. 135-136

pois ele representa a confiança em Deus, e também a confiança de que Deus vai recompensar este tipo de sofrimento”²⁶¹.

Na TdP, o fiel só poderá obter o sucesso almejado mediante a satisfação ritual de dois fatores fundamentais: primeiro, assegurar-se de que o ministro do culto seja um empoderado (ungido); condição indispensável para que sua oferta seja aceita como sacrifício. Segundo, exigir e determinar que sua petição seja atendida mediante o fato de ter cumprido o rito cultural, ou seja, o ato de colocar-se por meio do sacrifício a si mesmo através da oferenda no lugar do Cristo na cruz²⁶².

Para o cumprimento deste rito não se exige uma pertença formal a uma confissão religiosa; basta ao fiel, alçado a objeto do sacrifício, encontrar o pastor (sacerdote) que, empoderado pelo batismo no Espírito Santo, tem a “competência” de realizar o rito/culto. Este princípio explica o fenômeno do “transconfessionalidade”, que é o trânsito pela procura do empoderado entre uma igreja e outra; o processo é tal que existe até mesmo curso para criar, “plantar”, novas igrejas ao gosto da necessidade do crente/cliente²⁶³, característica das igrejas cujo culto é lastreado pela TdP. Os estudos apontam ao fato de que os números crescentes de ateus fazem parte de estatísticas aferidas em regiões onde a incidência das megaigrejas adeptas a este ritual cáltico é maior; ou seja, o último vagão desse processo cáltico é o seu descrédito: “Os indivíduos, ao se desvincularem do seu antigo credo, não transitam de forma imediata para outro, ficando durante algum tempo experimentando algumas opções de pertença, até se fixarem ou não a uma única denominação ou igreja”²⁶⁴.

Assim os megatemplos se concentram em cidades de grande densidade populacional; e estão lá pelo mesmo motivo de que afastam das grandes favelas o dinheiro dos fies. Na maioria são franquias que se instalam onde há maior fluxo de capital²⁶⁵ afastando-se das regiões onde se concentra os altos níveis de miserabilidade, o que, por óbvio, evidencia-se como um paradoxo, já que a proposta é prosperidade; a mesma deveria por força da definição ser dirigida aos que menos têm. É fato então, que essa mobilidade se explica pela “procura” do empoderado, personagem difícil nas periferias, entretanto de fácil acessibilidade no fluxo do mercado financeiro²⁶⁶. Paradoxalmente, é no entorno periférico do mercado onde se

²⁶¹ HAGIN, Kenneth. *É necessário que os cristãos sofram?* p. 42-43

²⁶² <http://goo.gl/wGECVX>

²⁶³ <http://www.ctpi.org.br/> Instituição especializada em “plantação” de novas igrejas.

²⁶⁴ <http://goo.gl/y8Zrlq>. Acesso em: 14 abr. 2015.

²⁶⁵ <http://goo.gl/zLCxbV>. Acesso em: 14 mar. 2015.

²⁶⁶ Ferramentas que o marketing dispõe, e que uma Empresa empresa pode, e deve, controlar na formulação das estratégias baseadas no Produto, Preço, Promoção e Ponto de vendas ou distribuição (Praça). Analisando os Quatro P's é possível determinar a abrangência de cada um deles e sua influência dentro da organização, bem

detecta os mais elevados índices de ateísmo; produto final do processo da religião da prosperidade, (Uruguai - 17,2% de ateus ou agnósticos, 23,2%, "acreditam em Deus, mas sem religião"; Argentina - 11,3% "indiferente à religião" (incluindo agnósticos e ateus); Chile - ateus ou agnósticos 8,3% ; Brasil - 7,4% Não-religiosos; Colômbia - 1,9% Não-religiosos; Peru - 1,4% não-religiosos a partir de 1993; Paraguai - 1,1% Não-religiosos)²⁶⁷. O fato é que, sendo a prosperidade material o objetivo cúlrico destas Igrejas, é possível que sua membresia aos poucos perceba que no mercado existam formas mais eficientes para o acesso aos bens materiais almejados no sacrifício dos altares²⁶⁸.

Sendo que a percepção é um ato *a posteriori*, a ineficácia do sacrifício só é percebida depois que culto foi realizado; é fato também que, depois do culto, o objeto (dinheiro) do sacrifício não pode mais ser resgatado, porque foi queimado na fogueira de Israel em troca do bem desejado²⁶⁹. Se o sacrifício não deu o resultado esperado, não tem como reaver o dinheiro; segundo as rubricas litúrgicas do culto, o objeto do rito foi queimado na Fogueira Santa. Na fogueira onde se queima o dinheiro/alma também se queima a fé no Deus do culto da Prosperidade²⁷⁰.

Parafraseando Jó 42, 2-6 chegar-se-ia à variante ao verso 4: “Entre o Deus que me trouxe à pobreza e o Deus que nela encontrei, prefiro este e me declaro ateu àquele”. Isso significa dizer também que certamente o velho Simeão tenha se deparado com essa *doxa-alethéia* ao ver na porta do templo nos braços da sua mãe, o Cristo, o descanso de sua alma livrando-lhe de sua imersão na mesma Teologia que levou Jó a *geena*.²⁷¹ Estupefato ao ver Jesus ele diz: “agora posso morrer em paz, pois meus olhos viram a salvação (Lc 2, 30)”. O agora da frase em questão se refere ao fato de que, tendo envelhecido no seguimento de uma prática religiosa que não podia salvá-lo, assim como o paralítico que há 38 anos esperava o milagre na piscina de Siloé, construída para ajudar a cidade no período de guerra e que os sacerdotes sadocitas transformaram em sinal de bênção sobre a cidade; enfim agora, ao ver Jesus, é como ver a luz, assim como quem sai de um poço profundo. Nesta períclope, está inclusa a premissa de negação à religião do Templo; uma declaração cheia de ateísmo à

como avaliar as ferramentas que estão sendo utilizadas e tudo que poderá ser feito em termos de estratégias de atuação para desenvolver diferencial estratégico.

²⁶⁷<http://goo.gl/A6r2eI>. Acesso em 23 fev. 2015.

²⁶⁸<http://goo.gl/0mz0jR>. Acesso em: 06 abr. 2015.

²⁶⁹<https://youtu.be/Y1wkN3UGNiA>. Aqui a testemunha diz que se sentia vergonha da situação de pobreza. <https://goo.gl/229Zjc>. Acesso em: 13 mar. 2015.

²⁷⁰<http://goo.gl/oVUETx>. Acesso em: 15 abr. 2015.

²⁷¹ Geena era a forma helenizada do nome do vale de Hinom em Jerusalém, no qual se mantinham constantemente fogos acesos para consumir o lixo da cidade.

religião Sadocita e a ineficácia de seu culto²⁷². É justo ressaltar também que na porta do templo encontrava-se Ana, a profetiza filha de Fanuel (Lc, 2, 36-38) que, aos 84 anos de idade, portava a sabedoria da espera exercitada pelo resto de Israel, e cuja tempo de viuvez, corresponde 7 vezes o 12, e representa a esperança pela consolação de Israel pelo Servo de Javé.

A crítica à TdP nos permite reler outros textos dentro desta mesma *doxa-alethéia* de Jó, Simeão e Ana de Fanuel. Paradigmas como o relato do encontro entre Jesus e a Samaritana: “Disse-lhe Jesus: Se soubésseis quem te pede água, pediria você mesma, dai-me desta água” (Jo 4, 5-14). Ela, que tendo sido esposa de cinco maridos, (falsas teologias), ao encontrar-se com o verdadeiro (marido) Messias (Jesus), vai correndo aos pares de sua casa noticiando: “[...] encontrei o Messias, o filho daquele que nossos pais adoravam no monte Garizin”. Sim! Jesus estava certo quanto admoestou os fariseus diante do gazofilácio: “Se me conhecésseis, conheceríeis também meu Pai” (Jo 8,19a)²⁷³.

7.2 Redenção: o primeiro fruto da cruz

Por causa do grande amor com que Cristo nos amou (Ef. 11,4) e na fé de nossos pais cremos, que não somos abandonados por Deus nem mesmo no pecado; afirmamos que a redenção é o fruto primeiro da cruz. E essa obra misericordiosa é o primeiro aspecto da vitória de Cristo sobre o pecado na cruz; e estar na graça é estar em Deus. Deus em seu infinito amor se inclina sobre o homem para salvá-lo e Cristo é a encarnação deste amor (Jo 1,14). “*Copiosa apud eum redemptio*” (Lc 4,18-19). Como afirma documento da CNBB: “por isso, a pregação e a conduta de Jesus suscitaram supressa, fechamento, escândalo e ódio. O Reino de Deus é a pessoa de Jesus e sua mensagem. Ele mesmo é a chegada desse reino. Sua mensagem e sua pessoa são inseparáveis”²⁷⁴.

Kenneth Hagin ensina que a morte de Jesus na cruz foi expiatória e reata nossa relação com Deus; porém diz também que graça da cruz chega até nós de maneira especial somente através do batismo no Espírito Santo²⁷⁵. Esse batismo funciona como um "Recall da Graça" e faz com que, na prática, existam fieis com mais ou com menos acesso à graça. Este

²⁷² A Piscina de Silo é um aqueduto que foi construído pelo Rei Ezequias; cujas águas correm pelo seu interior. No final do aqueduto existe um edito do Rei, gravado em rocha, descrevendo o projeto fabuloso que preparou a cidade para o cerdo de Senaqueribe, rei da Assíria.

²⁷³ Ver meu TCC em Especialização em Ensino Bíblico. DABAR V. Biblioteca digital da EST. 2011.

²⁷⁴ DIRETRIZES Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2015-2019, Brasília. Edições CNBB. 2015. p 16.

²⁷⁵ HAGIN, Kenneth. *Sete passos vitais para receber o Espírito Santo*. Livro Digital. <http://goo.gl/2nzghg>

fiel é empoderado pelo Espírito e as graças de Deus podem ser verificadas nele pela ausência de enfermidades e pela abundância de riquezas que Deus lhe concede como filho; pois o batismo no Espírito Santo é a plenitude do batismo²⁷⁶. Hagin afirma que o pecado impossibilita que a graça atue; mas tendo Jesus expiado nossos pecados na cruz, é impossível que um homem santo não seja um “recebedor de Graças”.

Deus tem a obrigação de ser Deus e por isso o homem em “O nome do Senhor Jesus” pode exigir e determinar que Deus cumpra sua promessa; o fiel tem direito de receber tudo o que pede de Deus e Deus tem o dever de dar; está na palavra e a palavra está acima até mesmo do Espírito Santo²⁷⁷. A Teologia da Redenção também ensina que Cristo dá a sua vida, ágape sacrificial que alcança todos, porém seu maior e primeiro fruto é a misericórdia redentora e não “fomento” no cartão de crédito, que em última instância materializa a prosperidade financeira. O sonho da “Mesa Comum” tem breves e controversos registros históricos, por exemplo, como o sistema tribal hebreu, Palmares, Comunismo, grupos étnicos e sociedades alternativas²⁷⁸; nada, porém, que se releve como um sistema econômico; salvo entre outras, a pequena e reservada experiência das Comunidades Foculares pelo mundo²⁷⁹.

7.3 O Ágape da cruz

A Teologia da Redenção, como experiência do ágape da cruz na dimensão profético-missionária, é uma leitura de Jesus, que se confronta com as estruturas alienantes e injustas de nosso tempo; estruturas justificadas por reflexões pseudoteológicas como a vasta produção de Milton Friedmann (1912-2006), então consultor do plano Marshall²⁸⁰. Guindadas em tais teologias, o político e o religioso têm se revelado no campo das direitas que não raro tem provocado um abismo excludente entre pobres cada vez mais pobres, e ricos cada vez mais ricos²⁸¹. Dessa forma a teologia da redenção mostra o rosto verdadeiro de Jesus que, ao desconstruir a alienação religiosa de seu tempo, foi levado à cruz, sendo que as causas históricas da condenação de Jesus à morte de cruz estão enraizadas no contexto sócio-histórico da Palestina do I Século. Jesus é alguém que tenta enfrentar o processo de opressão e exclusão dominante na sua época, quer por parte dos romanos, quer por parte da classe

²⁷⁶HAGIN, Kenneth. *Sete passos vitais para receber o Espírito Santo*, p 31

²⁷⁷HAGIN, Kenneth. *A autoridade do crente*, p. 40

²⁷⁸[Http://goo.gl/dSRsJC](http://goo.gl/dSRsJC). Acesso em 07 ago. 2015

²⁷⁹[Http://goo.gl/oSokTu](http://goo.gl/oSokTu). Acesso em 09 mar. 2015.

²⁸⁰<http://goo.gl/AFfBba>. Acesso em 28 set. 2014.

²⁸¹<http://goo.gl/pcccYG>. Acesso em 10 mar. 2015.

dirigente dos judeus que se aproveitava da situação. Não podemos esquecer de que tanto Jesus como seus primeiros seguidores são judeus e procuram retomar as raízes do judaísmo, pois sua esperança estava baseada no Deus que libertou o povo do Egito (cf. Ex 3,7-10; 20,1-20). A condenação de Jesus à morte, e morte de cruz, é fruto das tramas históricas provenientes do confronto de práticas: a prática do Império, da qual também participavam dirigentes do povo judeu, e a prática messiânica de Jesus seguida por seus discípulos e, posteriormente, por seus seguidores, movidos pela fé na ressurreição²⁸².

Nesta perspectiva trata-se da luta pela vida numa *práxis* profética, de semear na sociedade e nas igrejas as sementes de autenticidade do Evangelho, pois esta ação teológica está comprometida em desmontar as antiteologia individualistas e contrapõe-se ao “mal” coletivo e global. Podemos afirmar que é uma missão profética contínua, uma luta permanente e nunca acabada, pois a força alienante da religiosidade se regenera cada vez sempre mais.

Por isso, neste capítulo não se pretende fazer uma teologia da redenção em termos apologéticos, mas uma reflexão sobre a *práxis* eclesial considerada a partir da teológica da redenção e esta construída e vivida a partir dos pobres²⁸³; pois anúncio do Reino, feito por Jesus, proclama uma reviravolta na compreensão da salvação na Palestina do I Século. Os pobres e marginalizados, devido ao sistema de pureza, já estavam condenados por antecipação. Jesus se contrapõe ao sistema de pureza e anuncia a salvação aos pobres e marginalizados, que vão entrar no Reino, no lugar das “autoridades”, que se julgam como os puros e dignos (cf. Mt 21,28-32). Partindo dessa premissa, todo tecer teológico tem como finalidade a dignidade do ser humano e a glória de Deus como já nos ensinavam Santo Irineu de Lião.²⁸⁴ Dá a necessidade imperiosa do questionamento de Santo Anselmo; ou partindo de uma hermenêutica latino-americana na expressão de Dom Oscar Romero, arcebispo mártir da causa popular de El-Salvador, quando relê Santo Irineu, que dizia: “*Gloria Dei vivens Pauper*”²⁸⁵; isto é, que a verdadeira glória de Deus está no fato dos pobres conseguirem a proeza de sobreviverem ao martírio da miséria. A superação da morte num contexto de miserabilidade e infortúnios revela a graça redentora e a plenitude de Deus; um retomar do ano Jubilar²⁸⁶.

²⁸² ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 133-141.

²⁸³ VIGIL, José Maria (Org). *Descer da cruz os pobres*. Prólogo de Leonardo Boff. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 70-79- ver também: Teixeira, Faustino. *A gênese das Cebs no Brasil*. Op cit. p. 248-254.

²⁸⁴ IRENEU DE LYON. In: WIKIPÉDIA, *A enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. <http://goo.gl/sxKURx>. Acesso em: 22 out. 2010.

²⁸⁵ <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529521-as-ultimas-homilias-de-dom-romero-artigo-de-jon-sobrino>.

²⁸⁶ KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na antiga Judéia*. Tradução de João Aníbal G.S Ferreira. Revisão de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 157-166. Ver também: Manual da Campanha da Fraternidade 2010. CONIC-CNBB. Edições CNBB. Brasília. p. 51-59

O mundo é o lugar da ação de Deus, não obstante o paradoxo de ter sido neste mundo a sua causa morte, como atesta o credo apostólico: “*passus sub Pontio Pilato, crucifixus, mortuus, et sepultus, descendit ad ínferos*”.

A Igreja, sendo do mundo pela comunhão (*Koinonia*), proclamação (*Kégygma*) e serviço (*Diakonía*), Una, Santa, Católica e Apostólica²⁸⁷, é lugar dessa ação, não obstante revezes; nela vivem aqueles, que movidos pela ação de Deus e no seguimento de Jesus, sob a luz do Espírito Santo, ocupam-se na vivência do Projeto de Deus²⁸⁸. Este projeto tem como lastro fazer a vontade de Deus. Essa vontade não é outra do que transformar esse mundo de trevas em um mundo de Luz.²⁸⁹ Por isso o seguimento de Jesus que disse de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo e quem me segue não anda nas trevas” (Jo 8,12). Este projeto revelado por Cristo está disposto nas Sagradas Escrituras como um todo²⁹⁰; por isso somos Igreja reunida em torno da Palavra, reveladora do agir de Jesus, que se colocou todo ao fazer da vontade do Pai²⁹¹. Por isso ocupar-se da vontade do Pai não é o mesmo que dedicar-se na construção de fronteiras e limites²⁹², mas de ser *lumem* num mundo de trevas vivenciando as exigências do reino na gratuidade do serviço que gera, nutre, protege e celebra a vida do povo de Deus, conforme o ensinamento da *Lumen Gentium*.²⁹³ Este serviço dá-se na solidez do testemunho eclesial que gera igualdade entre os diferentes; trata-se da superação da mentalidade inquisidora que foi recorrente na Igreja desde 1542, reformada em 1965, e finalmente em 1988 passa a ocupar-se com a tarefa de promover e salvaguardar a doutrina sobre a fé e a moral católica; hoje seu fazer é servir com alegria no “cuidar das coisas do pai” (Lc 2,49):

Jesus, verbo encarnado, é semelhante a nós em tudo, menos no pecado (Hb 4,15), portanto, também no Histórico, no processo que seguiu em sua vida, em seu ir-se fazendo Filho de Deus encarnado. Ele conseguiu colocar a serviço de seu ser Filho de Deus todas as capacidades humanas, na ressurreição. Nela chegou a ser o Reino de Deus em pessoa (auto basileia tou theon), segundo Orígenes.²⁹⁴

²⁸⁷ *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate*; são três documentos do Concílio Vaticano II que propõe uma nova visão das Igrejas e das religiões, fornecendo as bases para o diálogo ecumênico e inter-religioso. Trata do empenho da Igreja do Concílio no movimento ecumênico, no diálogo inter-religioso e na promoção da liberdade religiosa, com as consequentes implicações para a vida e missão da Igreja.

²⁸⁸ ALMEIDA, Araújo Jose de. *Leigos em que? Uma abordagem histórica*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 323

²⁸⁹ A Missão de Cristo Redentor (1 Cor 9, 16). RMi 1

²⁹⁰ - “Expressão permanente e oficial da ação de Deus, de suas exigências e promessas, a transcrição da Palavra divina é como ela, sagrada”. Verbete do Vocabulário de Teologia Bíblica, direção de Xavier Leon-Dufour e Jean Duplacy, Augustin George, Pierre Grelot, Jacques Guillet, e Marc-François Lacan. Tradução de Frei Simão Voigt, OFM. Pp. 284. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

²⁹¹ BAUDLER, Gerg. *A figura de Jesus nas parábolas: a obra narrativa da vida de Jesus, um acesso à fé*. Aparecida: Santuário, 1990. p.243.

²⁹² Disponível em: <http://goo.gl/jXOJg1>. Acesso em 14. Out. 2015

²⁹³ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Cap. 12.

²⁹⁴ VIGIL, 2007.

7.4 Discipulado

Numa realidade marcada por grandes e profundas mudanças, o discipulado profético procura encarar os desafios do mundo de hoje numa atitude misericordiosa e missionária, discernindo os “sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAP 366); por outro lado na apreensão, frente “à desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã” (DAP 10).

Não há Igreja de Cristo se não houver discipulado; pois é em torno de Cristo que nos tornamos Povo de Deus: “*laós tou Theou*”²⁹⁵. Somos parte integrante do povo eleito do Pai que Cristo veio reunir para viver a boa nova; e só o somos se vivermos essa boa nova que acolhe o pobre²⁹⁶. Na verdade, não se pode conceber nem existir uma eclesialidade cristã que não esteja ligado a Cristo e ela como membro desse corpo (*soma Christou*): uma Igreja com muitos membros e todos ligados ao Cristo, seu mestre e Senhor, sua cabeça Cl 1,18. Ao mesmo tempo, esse corpo tem vida no Espírito que não só a dinamiza e dá vida como inclusive nela se abriga: por isso uma das notas da Igreja é o fato de que nela vive o próprio Espírito Santo: *laós tou hagiou pneumatos*²⁹⁷.

Na constituição da Igreja viva, observamos vários momentos em que o Espírito gera o agir da Igreja; mais do que pecadora, a Igreja apresentou sempre como sinal de contradição a este mundo. Todo engajamento eclesial é serviço ministerial, como afirmara o próprio Jesus: “aquele que entre vós que quer ser o maior, seja o menor; e aquele que é o chefe seja o servo” (Lc 22,26). O serviço está implícito na vocação do ser Igreja e a isto chamamos de diaconia que não é um agir isolado, mas uma dimensão do agir da igreja enquanto a *koinonia* nos torna uma só alma e um só coração²⁹⁸. Assim como a comunidade primitiva “que era uma só alma e um só coração”, também somos chamados, unguídos e enviados a testemunhar:

A conversão cristã requer não apenas lágrimas de arrependimento, mas também solidariedade com os que choram. Não apenas discernimento interno dos espíritos, mas também discernimento dos sinais dos tempos. Não apenas mudança de coração, mas também de estruturas. Não apenas penitência individual, mas também colaboração para tirar o pecado do mundo. Essa vida nova do batizado deve encontrar expressões concretas e históricas de Koinonia.²⁹⁹

²⁹⁵ BLASQUEZ, Ricardo. *La Iglesia del Concílio Vaticano II*, Sígueme, Salamanca. 2. ed., 1991. p. 41

²⁹⁶ GALLI, Carlos Maria. *El pueblo de Dios em los pueblos del mundo: Catolicidad, encarnación e intercambio em la eclesiología actual*. Tese para o doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica Argentina, Buenos Aires, 1993. Ver BUCKER, Bárbara Pataro. *Eclesiologias desde a Teologia da Libertação*. Tese de doutorado sobre a Igreja como Povo de Deus, em REB, fasc. 227, t. 57, 1997, p. 617-641.

²⁹⁷ CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos da Iniciação. Água e Espírito de Liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 135.

²⁹⁸ TEIXEIRA, Faustino. *A Gênese das Cebs no Brasil: elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 228-240.

²⁹⁹ CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. 1991.

Esses fundamentos estão repletos de implicações que se traduzem a unicidade redentora entre a práxis de Jesus e a realidade conflitiva que o missionário é chamado a viver nos dias de atuais. Assim, enquanto a postura da TdP se revela como um “discurso da base aliada” a qualquer sistema econômico e político, ao contrário a postura do discípulo é a de parrésia³⁰⁰, afirma o Papa Francisco. Compreender a teologia da redenção como essência da gratuidade de Deus-Misericórdia e da missão peregrina vivida em busca da uma proximidade concreta junto aos pobres; comunicando humanidade, compaixão, gratuidade, fraternidade sem fronteiras, é sinal que torna credível o transito rumo à salvação.

7.5 Lâmpada: luz para o caminho

A Bíblia, sendo em especial a memória dos pobres³⁰¹, nos revela a aliança³⁰²-promessa entre Deus e seu povo (At 7,2-53); com base nesta hermenêutica o povo vai tomando consciência da relação entre a Palavra de Deus e a Vida. Nesta perspectiva a Palavra se faz fonte de força para a conquista definitiva dos ingredientes fundamentais que possibilitam a vida para todos; pois não habitamos o mundo sozinho, somos essencialmente comunidade de famílias numa interdependência global³⁰³. É na busca de vida e de sua defesa que o crente encontra vida dentro da Bíblia³⁰⁴ e neste itinerário ela se torna, verdadeira “lâmpada para os pés e luz para o caminho” (Sl 119,105). Daí ser evidente o surgir de seu sentido na leitura feita na comunidade, a qual por sua vez se torna chave hermenêutica de sua leitura. Esta perspectiva epistemológica tem uma longa história na igreja da América Latina e Caribe que lê a Bíblia procurando a revelação de Deus, tanto quanto codificada na História, quanto por outro lado codificada no contexto histórico cultural e caribenho. “A revelação de Deus e a sua percepção acontecem na mediação histórica”³⁰⁵. Este é o “*sensus ecclesiae*”, que todos descobrem. Sendo a comunidade o princípio de compreensão da Bíblia, a reflexão e a interpretação sofrem um deslocamento da “*logia*” para a “*urgia*”. O sentido não é mais em si, mas para nós, e o “*sensus spiritualis*”, aquele que o Espírito nos dá, dentro do mundo de

³⁰⁰ Na retórica, parrésia é descrita como franqueza, confiança ou ousadia para falar em público. A palavra grega (παρρησία) é frequentemente usada para descrever certos diálogos atribuídos a Jesus Cristo no Novo Testamento. Disponível em : <http://www.dicio.com.br/parresia/>. Acesso em: 23 fev. 2015.

³⁰¹ SOUSA, Rômulo Candido. *Palavra, Parábola: uma aventura no mundo da Linguagem*. Hermenêutica. Aparecida: Santuário, 1990. p. 161-170.

³⁰² CRÛ SEMANN, F. *A Torá: teologia e história social da lei no Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 163

³⁰³ CONIC-CNBB. *Campanha da fraternidade 2010 sobre economia e vida*, p. 24-25

³⁰⁴ SCHWANTES, Milton. Genesis 12-25. *Deus vê – Deus ouve*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 32-33

³⁰⁵ Leitura Bíblica Latino-americana. *Ribla: Revista de Interpretação Bíblica latino Americana*.

Hoje³⁰⁶. Este fio tênue entre a “*Dei Verbum*” e a “*Gaudium et Spes*”, se constata já dentro do processo do Concílio Vaticano II:

As temáticas principais desenvolvidas em ambas as constituições parecem corresponder bem à finalidade primeira do Vaticano II. De um lado, a *Dei Verbum* se ocupa da Revelação propriamente dita. Pela primeira vez, um concílio da Igreja se debruçou de maneira sistemática sobre a temática central da fé cristã com o intuito de resgatar sua mais íntima identidade em vista de sua perene atualidade e relevância. A *Gaudium et Spes*, de outro lado, indaga acerca da reciprocidade de relações que vigoram entre a Igreja e o Mundo, salvaguardando sobremaneira a integridade dos valores cristãos diante dos urgentes desafios do tempo presente. O que está em jogo, também aqui, é a preocupação com a relevância da mensagem cristã para o mundo de hoje. Como já tivemos ocasião de salientar, a *Dei Verbum* e a *Gaudium et Spes* constituem o fruto maduro do Vaticano II, e não apenas seu derradeiro fruto.³⁰⁷

No campo da *logia*, a fé não é um elemento constitutivo da interpretação; já para o povo a leitura da Bíblia é o exercício da própria fé. A isto chamamos de envolvimento, uma atitude de oração e com isso aprendemos então que “a familiaridade com a Bíblia ajuda a descobrir as palavras que expressam a palavra que nos dirige o próprio Deus”³⁰⁸. É, sem dúvida, a “*Lectio Divina*”³⁰⁹. O sentido e a interpretação dos textos não são frutos somente da razão, mais sim também da própria ação de Deus e do Espírito Santo, assim a Bíblia não se lê para entender, mas, para se viver.³¹⁰ No entanto, na TdP se percebe que o texto não raro é usado para causar medo e condenação e não para libertar. Assim afirma Hagin ao interpretar o texto de Dt 28: “povo de Deus foi liberto da pobreza, da doença e da morte espiritual”; logo: segundo ele, o sofrimento é fruto do pecado³¹¹ e não das contradições e confrontos do humano

³⁰⁶ Pontificia Commissio Biblica, *L'interprétation de la Bible dans l'Église* (15.4.1993), II, B 2: Enchiridion Vaticanum 13, EDB, Bologna 1995, pp. 1648-1650. Ver também: *Dei Verbum* 34 a 37. Inclusive a observação “b” do parágrafo 22 da mesma Encíclica: “Convém observar que «o sentido espiritual não deve ser confundido com as interpretações subjetivas ditadas pela imaginação ou pela especulação intelectual». Esse provém de «três níveis de realidade: o texto bíblico (no seu sentido literal), o mistério pascal e as presentes circunstâncias de vida no Espírito». Há que partir, em todo o caso, do texto bíblico, como primário e insubstituível também na ação pastoral.”

³⁰⁷ Disponível em: <http://goo.gl/7sZkIQ>

³⁰⁸ COMBLIN, J. Ler a Bíblia. In: *Revista Estudos Bíblicos*, n. 100, Petrópolis: Vozes, 2008.

³⁰⁹ A *Lectio Divina* vem do latim e tem como significado, “leitura divina”, “leitura espiritual” ou ainda “leitura Orante da Bíblia”, é um alimento necessário para a nossa vida espiritual. A partir desta oração, conscientes do plano de Deus e a sua vontade, pode-se produzir os frutos espirituais necessários para a salvação. A *Lectio Divina* é deixar-se envolver pelo plano da Salvação de Deus. Os princípios da *Lectio Divina* foram expressos por volta do ano 220 e praticados por monges católicos, especialmente as regras monásticas dos santos: Pacômio, Agostinho, Basílio e Bento. Santa Terezinha Do Menino Jesus dizia, em período de aridez espiritual, que quando os livros espirituais não lhe diziam mais nada, ela busca no Evangelho o alimento de sua alma. Disponível em: <http://goo.gl/7epX8w>. Acesso em: 27 abr. 2015.

³¹⁰ Neste sentido ver a “dinâmica das reuniões” propostas por Carlos Mesters in: *Círculos Bíblicos – Entre nós está e não o conhecemos – Jesus, nosso Irmão*. CEBI- Paulus. São Leopoldo: Con-Texto Gráfica e editora, 1996. p. 10-11.

³¹¹ HAGIN, E. Kenneth. *Remédio da miséria, da enfermidade e da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graça. 1990, p 28

neste mundo; assim como lemos da práxis de Jesus para o qual o sofrimento das pessoas o toca e, ele se compadece delas profundamente (Mt 9,36; 14,14)¹⁷.³¹²

7.6 Jesus, o revelador da misericórdia do Pai

A exegese nos ajuda a despoluir a interpretação dos textos bíblicos, esta ferramenta nos permite aproximar-nos da realidade de onde surge a palavra de Deus³¹³. A idolatria é um entre os mais variados campos de estudo. “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim...” (Ex. 20, 2-6). “Não farás para ti nenhuma escultura ou qualquer representação de coisa que esteja lá em cima nos céus ou aqui embaixo na terra ou nas águas sob a terra” (Dt. 5, 6-8). Por isso, o Deus misericordioso de Jesus difere do Deus transconfessional do culto sadocita, sendo ele mesmo o rosto do verdadeiro Deus “*Misericordiae Vultus*”:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.³¹⁴

Jesus revela a verdadeira imagem do único Deus como Pai Misericordioso (Lc 4, 18-19). É da vida de Jesus que a comunidade se nutre e se torna força evangelizadora³¹⁵ sustentando-a até no martírio e sua fundamentação querigmática nasce deste aprendizado: Jesus é o revelador do Rosto do Pai³¹⁶.

O capitalismo tornou-se um sistema religioso e piedoso; vivemos num mundo impregnado de fetiches, ídolos, templos, sacerdotes e teólogos. Aos mesmo tempo, o pobre é aquele a quem não é restituída a força de trabalho (sangue) objetivado no produto de seu trabalho, que é o pão de sua vida. Encarcerado num sistema econômico no qual não se restitui a sua carne (força de trabalho) ao fruto de seu trabalho, temos uma prática sacrificial e

³¹² O termo grego “*splagchnidzomai*” significa literalmente “revirar as entranhas” e é uma expressão judaica muito forte que designa a participação de uma pessoa no sofrimento da outra a ponto dele perpassar o lugar mais íntimo, o centro do afeto humano.

³¹³ WEGNER, Uwe. *Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus. p. 7.

³¹⁴ *Misericordiae Vultus*: Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Loyola, 2015 parágrafo 1

³¹⁵ *Misericordiae Vultus*, Parágrafo 10. (A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a Misericórdia).

³¹⁶ ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, Cebi, 2005. p.147.

idolátrica se considerada a TdP como avesso da teologia cristã; pois aquela opta por dar cada vez mais a quem já tem, ao mesmo tempo que empobrece a quem quase nada tem. Outrora se inquiria de Dom Helder o seu “ser” comunista por perguntar sobre os motivos da fome dos pobres. Já TdP dela se alimenta³¹⁷.

A morte premeditada dos pobres adquire um significado religioso porque ocorre como efeito das relações do capital que a cada dia se toma mais religioso³¹⁸. Milhões de trabalhadores morrem ou vivem da pobreza para que o sistema possa sobreviver³¹⁹. A avareza é um termo bíblico bastante conhecido. Encontramos em sua raiz um sentido bastante ligado à idolatria. O ser humano avarento é aquele que acumula com avidez. Esta acumulação sempre vem acompanhada de um processo de marginalização do outro, tendo o dinheiro como ponto de partida. Paulo tinha uma posição severa com relação à avareza. Sua posição era que os avarentos deveriam ser expulsos das comunidades. No texto de 1Cor. 10, 14-17, os idólatras são impedidos de participar da ceia. A ceia era considerada o ponto máximo da visibilidade da unidade da comunidade. Sendo a vida o bem mais precioso que podemos ter, é então mister defendê-la a todo custo. Sabemos que vida é acima de tudo sustentada. Como qualquer outra coisa criada, ela não é eterna desde o ponto de vista histórico, exatamente por isto, por sua contingência, é frágil, dependente, carente. As necessidades materiais para sua manutenção são também bens produzidos. Garantir uma distribuição “per capita” desses bens é, portanto, um trabalho da sociedade humana. A negação ao direito aos bens que garantem e reproduzem a vida deve, sem dúvida, ser algo da mais fina crítica teológica. Pois ao negar-se a vida, nega-se Deus.

Refletir sobre essa questão neste trabalho nasce da urgência da defesa da vida e por isso da necessidade de denunciar a TdP como antiteologia. Esta, ao aliar-se ao pensamento neoliberal, torna-se uma teologia do capital e por isso mesmo idolátrica. Ao não defender o pobre, não se consegue articular e se definir como teologia do seguimento de Jesus. Em outras palavras, a TdP é uma teologia que pode ser lida como idolátrica, pois rende graças ao dinheiro que é um Eros (satisfação do próprio prazer) universal³²⁰.

³¹⁷ <http://goo.gl/B5ek90>. Acesso em: 13 de fev 2016. Ver também: <http://goo.gl/Jb5uqy>. Acesso em: 13 de fev de 2016.

³¹⁸ “O capitalismo apresenta-se como uma religião, isto é, serve essencialmente para satisfazer as preocupações, os tormentos, os desassossegos a que antes as chamadas religiões davam resposta.” Walter Benjamin. Disponível em <http://goo.gl/rhuKic>. Acesso em: 19 mai. 2015.

³¹⁹ A pulsão de vida do capitalismo é sua pulsão de morte: a acumulação. É nesse sentido que o professor doutor Luiz Gonzaga Belluzzo, em entrevista por telefone à IHU On-Line, sustenta que Thomas Piketty apresenta um argumento claro sobre a ineficiência do capitalismo para combater a desigualdade. Disponível em: <http://goo.gl/YBpgIb>. Acesso em: 07 mai. 2015.

³²⁰ Disponível em: <http://goo.gl/xMdyjV>. Acesso em: 07 mai. 2015.

A essência missionária de Jesus, como revelador do Pai, diz respeito à essência do evangelho que ele anunciou e que devemos anunciar. Esse anúncio pode-se resumir no seguinte: Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs “de sangue”. O evangelho está todo aqui. Isso não é apenas uma noção, mas é algo de vivido por Jesus efetivamente numa prática de vida, e afetivamente numa relação intensamente carinhosa com Deus e com os irmãos: “Ele nos ensinou a orar dizendo ‘Abba’”: Deus Pai todo misericordioso:

Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão.³²¹

O verdadeiro conteúdo da conversão missionária consiste então no surpreendente e profundo reencontro/reencantamento com a essência do evangelho que não é outra coisa senão “O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados”³²², pelo qual Deus revela em Jesus seu rosto profundamente humano e humanizante e, nele, a humanidade se encontra plena, reunida na mais perfeita gesta da justiça; para celebrar a fraternidade diária no amor- compromisso com os pobres e excluídos³²³.

7.7 Jesus: o Servo de Javé

A cotidianidade da fé precisa ser atualizada pela aliança entre o povo e Deus. Daí dizer que liturgia deve ser sempre um ato comunitário, libertador, fraterno e festivo, aculturado e participativo, organizado e formativo, lúdico e criativo; em tudo consciente e gratuito; prenhe de vida nova³²⁴. A Igreja que insiste na dicotomia profano-sagrado (fé e vida), não se deixa apelar por esta situação paradoxal: fome e liturgia. Suntuosos templos no coração das favelas onde vivem as massas sobranças. “Há três coisas que mantêm a fé, dão

³²¹ *Misericordiae Vultus*. 08.

³²² SOBRINO, J. *O princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994. p 8

³²³ Ver o canto: Quando o dia da paz renascer, de Zé Vicente. Disponível em: <https://goo.gl/Y1vQN9>. Acesso em: 16 mar. 2014.

³²⁴ VANNUCCHI, Aldo. *Liturgia e Libertação*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1986. p. 69-75. Ver também Visita de Carlos Mesters a Zé Vicente: Disponível em: <https://goo.gl/M8JC8b>. Acesso em: 21 mai. 2015.

firmeza à devoção e perseverança na virtude. São elas: a oração, o jejum e a misericórdia. O que a oração pede, o jejum alcança e a misericórdia recebe”.³²⁵

A reflexão TdP, ao proclamar-se como teologia, parte uma hermenêutica que não encontra respaldo nas reflexões fundantes da teologia cristã, consignada por vários autores e escolas ao longo da história do cristianismo. A arguição da TdP não se encontra em trabalhos como de Santo Irineu e sua “divinização e assunção Redentora da natureza Humana”, muito menos em seus seguidores como Santo Atanásio e ou na teologia dos Capadócijs, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno no Séc. IV e V. Também inexistente um paralelo nos Medievais, como Santo Anselmo “Cur Deus Homo? ”; ou em Pedro Abelardo, ao acentuar a dimensão dos afetos do coração humano, ou ainda, Santo Tomas de Aquino, com sua teologia objetiva sobre ação de Deus em Cristo pelos pecadores na sua ação salvífica. Conforme Santo Tomas, Deus agiu por, com e em Cristo³²⁶. Em outras palavras, a Patrística não diz uma palavra que fundamente a TdP³²⁷.

A espiritualidade ainda hoje se serve do tomismo quando na liturgia pascal entoa-se o “Ó Feliz culpa de Adão que nos mereceu tão grande redentor” no canto do Exultet. No entanto, Bento XVI afirma igualmente que, “O amor de Deus pelo Homem é ao mesmo tempo Eros e Ágape”³²⁸, embora partindo de outra hermenêutica. Diz ele: “porque sendo Deus amor a quem não se vê, aquele que diz amar a Deus, não pode negar seu amor ao irmão a quem vê, ou seja, não amar o irmão a quem vê, impossibilita de amar a Deus a quem não se vê”. Partindo dessa lógica bíblica, o Papa tece uma teologia da vida e do amor na direção do próximo, levando o crente a testemunhar esse amor não de forma platônica, mas dentro de uma construção teológica que considera o corpo do outro como a manifestação do próprio amor com que Deus ama. Daí a afirmação de Bento XVI de que Deus nos ama tanto no *ágape* quanto no *eros* ao mesmo tempo.

Esta proposição de leitura da caridade como proposta ao seguimento do Cristo é a base para a negação da prosperidade, da forma como Hagin a pensa e propõe. É nesse rumo que está direcionada a terceira encíclica de Bento XVI, que traz o título “*Caritas in Veritate*”³²⁹. Na introdução da encíclica já se afirma que a caridade é o meio excelente para o cristão agir no mundo da política em favor de todos:

³²⁵ Dos Sermões de São Pedro Crisólogo, bispo (Sermão 43: PL 52,320. 322) (Séc. IV).

³²⁶ URB-Espiritualidade Redentorista 10. Ensaio sobre a Redenção. Tradução de Pe. José Raimundo Vidigal. Aparecida: Santuário, 2007. p. 91-100.

³²⁷ MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

³²⁸ Bento XVI. Papa. Encíclica: *Deus Caritas Est*. Cap. 10. São Paulo: Paulinas, 2006.

³²⁹ Bento XVI. Papa. Encíclica *Caritas in veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009

A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e, sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor — «caritas» — é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz.³³⁰

A tese, ou a afirmação de ser Jesus o “servo” não é uma ilação teológica, mas respalda toda construção da história cristã. “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20, 28). Compreender o alcance e a consequência do “servir resgatando” é uma condicionante para o entendimento do agir de Jesus, e provavelmente a sua “*causa mortis*”. Os primeiros cristãos viram em Jesus o Servo de Deus profetizado por Isaías; isso é bem evidente nos sinóticos que guardam essa memória do Servo de Javé (Is 42,1-4), em (Mt 12,18-21). Exemplos: a parábola dos vinhateiros homicidas, (Mt 21, 33-46) em Lucas (Lc 20, 9-19) em harmonia com Isaías (Is 52,12-53,13). Em João a instituição da eucaristia como o lava-pés, o serviço de servo. Na literatura paulina, em especial, a Carta aos Filipenses, há forte teologia sobre Jesus como Servo. Nos escritos dos Pais da Igreja, como a *Didaqué*, a qual lembra que, na celebração da ceia do Senhor, se afirma ser Jesus o Servo: “Digam primeiro sobre o cálice: Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus”³³¹. Em outra passagem encontramos o texto: “por Jesus Cristo, teu servo muito amado”³³². Em outras palavras, o querigma fundante do cristianismo se firma sob esta base: Jesus é o Servo de Javé. Não obstante, porém ao fato desta *logia* ter de certa forma desaparecido ao longo da história³³³, é imperioso neste contexto de exacerbação do TdP a recuperação dessa *logia*, da força de sua mensagem e uma linguagem na realidade atual para se anunciar com objetividade a eleição, a missão e o destino do Servo-Jesus, o Filho de Deus. Frente à TdP é fundamental o exercício teórico e prático de Jesus lido a partir da categoria do profético³³⁴.

7.8 A misericórdia e a práxis cristã

Em Jesus a misericórdia do Pai encarnou-se no mundo e dela se propõe uma profunda renovação espiritual da comunidade cristã³³⁵; desde suas raízes até suas expressões

³³⁰ Bento XVI. Papa. Encíclica *Caritas in veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009. Parágrafo 1.

³³¹ *Didaqué*, IX, 2-3.

³³² CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2004. p.104.

³³³ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas - Série II O Deus que liberta seu povo - Coleção Teologia e Libertação Petrópolis: Vozes, 2000. p. 273.

³³⁴ DUQUOC, C. *Cristologia: ensaio dogmático*. V. 1. São Paulo: Loyola, 1977. p. 117-152

³³⁵ *Misericordiae Vultus*. Parágrafo 1

concretas para um estado de missão permanente de uma “Igreja que vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”³³⁶. Nas circunstâncias atuais os cristãos são chamados a reencontrar o caminho da missão numa visão renovada dos mistérios da fé, como resposta a parênese: “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Essa compreensão abre clareiras ousadas no meio da humanidade dilacerada por sectarismos; firmando nosso agir fundamentado na inspiração de tornar o Reino presente no mundo com “renovado ardor, novos, métodos e nova expressão”³³⁷.

Portanto, efetivamente vivida, a fé cristã é capaz de criar novas relações na comunidade, relações comprometidas em especial com os pobres e excluídos. Essa missão não depende de novos projetos, planos, estratégias, mas fundamentalmente da essência do evangelho que é a caridade cristã, suplantada no compromisso de Jesus: “se esta dimensão não for devidamente explicitada, corre-se o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora”, admoesta o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*.³³⁸

Entende-se com isso que o princípio misericórdia é norteador da ação evangelizadora; o que implica dizer que nela o agir cristão se conforma à ação do próprio Deus na afirmação de Jesus, a síntese de toda lei:

Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Respondeu Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas (Mt 22, 36-40).

Por isso a compreensão segundo a *Caritas in veritate* ser a caridade maior e, ao mesmo tempo, o fundamento de toda justiça:

O risco do nosso tempo é que, a real interdependência dos homens e dos povos, não corresponda à interação ética das consciências e das inteligências, da qual possa resultar um desenvolvimento verdadeiramente humano. Só através da caridade, iluminada pela luz da razão e da fé, é possível alcançar objetivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora. A partilha dos bens e recursos, da qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurada pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem (cf. Rm12, 21) e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades.³³⁹

A articulação da fé nestes termos supera a proposição da TdP, conforme o exposto neste trabalho. Na verdade, não só supera a proposição bem como lhe serve de apologia. Já na

³³⁶ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica. *Evangelii Gaudium*. Loyola. São Paulo, 2013. p 21.

³³⁷ JOÃO PAULO II, Homília da abertura da 19ª. Assembleia Geral do CELAM (Porto Príncipe, Haiti, 09/03/1993).

³³⁸ *Evangelii Gaudium*. n 176.

³³⁹ BENTO XVI, Papa. *Encíclica Caritas in veritate*. *Op. cit.*, p. 13

sessão bíblica, identificamos o fato de que as controvérsias entre Jesus e seus opositores serviram para desvelar que a causa de fundo é que a forma de compreensão e, ao mesmo tempo, a gênese de sua leitura os impedia de conhecer, aceitar e assumir não só Jesus, mas o próprio Deus. Estavam limitados pela cosmovisão da teologia do templo sadocita:

Diversas circunstâncias levaram os escribas judeus em Babilônia a repensar a estrutura socio-político-econômica em Judá. Eles projetaram a estrutura hierocrática pela qual o templo era o centro da sociedade e o sumo sacerdote a suprema autoridade. Este modelo, de características religioso-políticas e sintonizado com o poder supremo dos persas, era mais fácil de ser aceito seja pela corte como pelos judeus da diáspora. (...) Depois de Neemias, em Judá ficou fortalecido o poder hierocrático sob mando do sumo sacerdote alinhado completamente com os interesses do imperador. Quem não concordou, ou foi eliminado ou teve que se retirar de Judá. Foi o que aconteceu com os sarames de Siquém.³⁴⁰

Enquanto Jesus orientava-se pelo agir do Pai, os fariseus tinham como meta o alcance do poder³⁴¹ e não a práxis do reino. Essa “desorientação teológica”, que afastava o movimento dos fariseus do movimento de Jesus, vitima hoje igualmente o movimento da TdP. O fato mais comum na história da cristologia é atribuir caráter soteriológico à morte de Jesus na cruz. No entanto, no Brasil, segundo Ricardo Mariano, é comum os teólogos da prosperidade deslocarem o ato soteriológico da “morte na cruz” para o “descer ao inferno e combater o Diabo”:

Na interpretação de certos pregadores da TdP, o pecado cometido por Adão e Eva desfez a comunhão, a aliança ou a sociedade existente entre Deus e as criaturas humanas, tornando-as escravas do Diabo. Como Deus desejava voltar a ser “sócio” dos homens mandou seu filho unigênito à cruz para expiar o pecado original. Entretanto segundo Hagin (e vários pastores brasileiros), Jesus não expiou os pecados da humanidade ao ter seu sangue derramado na cruz, mais sim, quando após sua morte, desceu ao inferno, recebeu a natureza satânica, experimentou a morte espiritual, sofreu durante três dias, renasceu e, por fim conseguiu derrotar o Diabo em seu próprio território.³⁴²

Dessa forma, postulando ser uma reflexão que visa a aproximar Cristo do humano (quenótica), acaba sim, por afastar o humano de Cristo (confissão positiva), pois não é mais o sacrifício de Cristo que conta; mas o sacrifício do humano assim como demonstra Edir Macedo:

Sim, amigos, provavelmente a Fogueira vem aí mas isso deve ser motivo de alegria, pois é mais uma chance de obtermos no altar aquilo que desejamos. Particularmente, tudo o que tenho veio do altar, ou seja, nasceu de um sacrifício. Nossa casa, nosso local de trabalho, nossos carros, nossa empresa e até mesmo meu livro, que já é um best-seller mesmo tendo sido lançado há apenas alguns meses.³⁴³

³⁴⁰ GALLAZZI, Sandro. *A Teocracia Sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: 2002. p. 90-91.

³⁴¹ SALDARINI, 2005

³⁴² MARIANO, Ricardo. 1999.

³⁴³ Disponível em: <http://goo.gl/ZwUWp5>. Acesso em: 16 abr. 2015.

O que conta na verdade é a crença e a adesão confessional ao sacrifício de Cristo. A adesão do crente se dá mediante o sacrifício de colocar seu dinheiro transformado em dízimo e oferta na aposta de que Cristo fará realizar o seu pedido ao derrotar o Diabo. Assim o sacrifício não é mais de Cristo, mas sim, da quantidade de dinheiro ofertado no altar. Ao mesmo tempo a falácia teológica acaba fazendo com que o crente movido pelo engano se envereda às amarras do capitalismo³⁴⁴. Ricardo Mariano afirma que a TdP não tece nenhum tipo de crítica ao capitalismo: “Nascida no EUA, a TdP não tece uma crítica sequer ao capitalismo, nem à injustiça e desigualdade sociais, nem aos desequilíbrios econômicos do mundo globalizado. Mais pró-capitalista impossível”³⁴⁵.

Essa ausência de crítica se faz necessária porque a TdP está geneticamente ligada ao mundo do capital; imersão essa da qual depende intrinsecamente por estar ligada a ele de forma simbiótica já que o capital vive dentro de um “sistema-mundo” segundo Immanuel Wallerstein:

Uma entidade econômica, não política, ao contrário dos impérios, é um sistema mundial, não porque inclui a totalidade do mundo, mas porque é maior de que qualquer unidade política, juridicamente definida. É também uma “Economia-Mundo” porque o vínculo básico entre as partes do sistema é econômico, ainda que esteja em certa medida reforçado por vínculos culturais e eventualmente, por acordos políticos, e ainda estruturas federativas.³⁴⁶

A lógica formal nos obriga à seguinte afirmação: inexistiria TdP num mundo de economia socialista. Logo, o Deus da TdP só pode existir em sociedades onde o sistema da política e da economia é a de mercado: capitalismo e Teologia da Prosperidade são irmãos siameses.

7.9 Desconstrução do conceito

A TdP não é exclusividade desta ou daquela confissão cristã. Nos últimos tempos ela vem lastreando a visão de ministros, não só em nível das igrejas oriundas da Reforma, mas principalmente as pentecostais e neopentecostais³⁴⁷; e nos últimos tempos até mesmo entre os católicos³⁴⁸. O mais intrigante neste fazer teológico é a negação que a mesma faz de seu estatuto como teologia cristã. Por teologia se entende o discurso sobre Deus, do estudo das

³⁴⁴ Disponível em: <http://goo.gl/tN89dQ>. Acesso em: 04 jun. 2014.

³⁴⁵ MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2010. p.185.

³⁴⁶ WALLESTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial, Siglo XXI*. 2 ed. México, 1979. p. 21.

³⁴⁷ MARIANO, Ricardo. 2010.

³⁴⁸ Disponível em: <http://goo.gl/wZLdvT>.

questões referentes ao conhecimento de Deus. A teologia assim como qualquer outra ciência é também um discurso sobre sua própria possibilidade. Uma construção teológica só é possível a partir de um determinado dado de fé. Para que o discurso teológico seja plausível, se requer necessariamente que essa teologia seja também a apresentação racional e científica do credo ao qual se confessa. Ela por si só deve manifestar a possibilidade de adesão ao Deus do qual tece a construção de sua *logia*. Portando o dado fundamental de uma teologia, independentemente da confissão religiosa que represente, é de sua dependência do objeto a partir do qual se constrói o discurso, isto é, de sua dependência de Deus. Ou seja, assim como “o rio depende da água” está tomada não metaforicamente, pois é possível dizer “rio de fogo”, “rio de dinheiro”, “rio de lágrimas”, etc., mas tomada do aspecto concreto que o terno encerra em si e de si mesmo. Afirma-se daí que uma teologia depende de uma deidade³⁴⁹, e da compreensão possível que se tem deste Deus³⁵⁰. Evitando ser pernóstico e não arrolando elementos de uma análise mais profunda, acredita-se ser este um dos motivos da falência da religião positivista de August Conte. Assim como sem Deus não pode haver teologia, também não se pode chegar ao Deus de Jesus ou à sua própria deidade sem conhecê-lo. Já assim disse Jesus de si mesmo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14,6).

Assim teologia é também o entendimento e uma forma de expressar a compreensão que o humano tem do Deus ao qual presta culto já que é característica de toda autêntica teologia a experiência de fé como ato primeiro³⁵¹; é uma atividade para a qual a fé é fundamental. Teologia é um ato de fé que significa dizer que sem fé simplesmente não há teologia³⁵². O conhecimento de Deus pode ser tomado sob vários aspectos: místico, espiritual, teológico, moral, ético. Como ciência, a teologia tem seu estatuto próprio, embora se deva admitir a existência de contestação à sua cientificidade. Na América Latina esse fazer teológico exige uma ruptura, uma nova epistemologia³⁵³. Tendo como superada essa questão ou pertinência, afirma-se que teologia é o discurso sobre Deus, um determinado enfoque sobre as notas desse Deus - considerado a partir do ponto de fé do teólogo, a “Nossa teologia leva absolutamente a sério o presente como lugar da manifestação de Deus, ou seja, leva a sério os

³⁴⁹ Disponível em: <http://goo.gl/trxbi2>. Acesso em: 12/ 11/ 2010.

³⁵⁰ Disponível em: <http://goo.gl/581YM3>.

³⁵¹ GIBELLINI, Rosino. *A Teologia no século XX*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 350

³⁵² LEBANO, J.B; MURAD, Afonso. *Introdução a Teologia Perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2001. p.75

³⁵³ SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 34-44.

sinais dos tempos”³⁵⁴ - é uma leitura, um ato de fé: “O método (caminho) do discurso sobre Deus é a nossa espiritualidade [...] uma maneira de viver a fé”³⁵⁵.

As vítimas da TdP, diante de suntuosos templos-bancos, já não podem mais fazer coro com o cantor Zé Ramalho, pois, não tendo dinheiro para o sacrifício, também não podem mais entrar nessas igrejas:

Está vendo aquele edifício moço ajudei a levantar. Foi um tempo de aflição, era quatro conduções duas pra ir, duas pra voltar. Hoje depois dele pronto olho pra cima e fico tonto mas me vem um cidadão e me diz desconfiado "Tu tá admirado ou tá querendo roubar". Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido dá vontade de beber e pra aumentar meu tédio eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer. Tá vendo aquele colégio moço eu também trabalhei lá. Lá eu quase me arrependo fiz a massa pus cimento, ajudei a rebocar. Minha filha inocente vem pra mim toda contente "pai vou me matricular" mas me vem um cidadão: "criança de pé no chão aqui não pode estudar". Essa dor doeu mais forte por que é que eu deixei o norte eu me pus a me dizer lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava tinha direito a comer tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz amém pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo lá eu trabalhei também lá foi que valeu a pena, tem quermesse, tem novena e o padre me deixa entrar foi lá que Cristo me disse: "rapaz deixe de tolice, não se deixe amedrontar. Fui eu quem criou a terra. Enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar hoje o homem criou asas e na maioria das casas eu também não posso entrar."³⁵⁶

As inúmeras dificuldades da Teologia da Libertação, uma sistematização doutrinal genuinamente latino-americana³⁵⁷ que tem no binômio, “opressor/oprimido” a sua base mais fundamental, parecem estar aos poucos sendo diluídas³⁵⁸. Um dos cenários da TdL nos anos 1980 constituiu-se no “ataque” do magistério através da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, que tinha como objetivo torná-la marginal³⁵⁹. A principal argumentação da Congregação consistia na acusação de uso de categorias marxistas como ferramenta de análise da realidade em detrimento do uso do evangelho³⁶⁰. Essa acusação, considerada controversa e infundada, foi sistematicamente negada pelos teólogos³⁶¹. Na verdade, o temor pelo uso desta

³⁵⁴ SOBRINO, Como fazer teologia. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, n° 55, 1985. p. 286.

³⁵⁵ ALMEIDA, João Carlos. *Uma abordagem sobre a Obra de Gustavo Gutiérrez*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 208

³⁵⁶ Música de Lucio Barbosa. Interpretação de Zé Ramalho. Análise crítica Disponível em: <http://goo.gl/WbEbV8>. Ver também: <http://goo.gl/rMMGOL>.

³⁵⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia Latino-americana*. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). O mar se abriu: Trinta anos de Teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000. p. 225-231.

³⁵⁸ A Rádio Vaticano deu a notícia, dia 04 de agosto de 2014, de um novo episódio de compreensão ou, pelo menos, de misericórdia em relação aos teólogos punidos. Trata-se do sacerdote e ex-ministro de Relações Exteriores da Nicarágua, Miguel d'Escoto, de 81 anos. Ele fora suspenso em 1984 'a divinis' sem contemplação por João Paulo II, mas Francisco ordenou agora que a punição imposta seja removida, ou seja, ele poderá voltar a ter seu trabalho pastoral, principalmente a celebração o da Eucaristia e a confissão de fiéis. Disponível em: <http://goo.gl/gxlvF8>. Acesso em 21 set. 2014.

³⁵⁹ Aulas do Professor Dr. Paulo Ricardo. Disponível em <https://goo.gl/HAQUMu>

³⁶⁰ Disponível em: <http://goo.gl/kRO8ms>. Acesso em 03 set. 2014

³⁶¹ ANDRADE, Paulo Fernando. *Novos paradigmas e Teologia Latino-americana*. In: ANJOS, Márcio Fabri. (Org.). Teologia e Novos Paradigmas. São Paulo: Soter/Loyola, 1996. p. 49-62

hermenêutica residia no fato dela trabalhar com ferramentas que desvendavam as contradições e a tirania do capitalismo. Se vez ou outra, os pobres se olvidavam destas categorias, por sua vez os ricos a entendiam muito bem. Curiosamente; a Igreja vem abrindo os braços a essa reflexão e o atual Prefeito da mesma Congregação que a outrora a condenava reflete a partir de suas categorias³⁶².

A diferença entre a Teologia da Libertação e a Teologia da Prosperidade está exatamente na postura de ambas frente ao capitalismo e a leitura que ambas fazem dos sinais dos tempos – o que exige um discernimento cotidiano da fé e de método³⁶³. Enquanto a teologia latino-americana, a partir de uma rigorosa exegese bíblica e sólida justificativa doutrinal, partindo do lugar pobre³⁶⁴ que “oferece-nos um critério de leitura da autenticidade da Tradição da Igreja. [Ele] interfere, questionando não somente tradições eclesiais, mas também a própria Tradição maior”³⁶⁵, se coloca contra as estruturas de morte que tem como causa as profundas contradições do capitalismo ainda vigente, a tese da Teologia da Prosperidade totalmente desprovida do rigor exegético e da doutrina cristã, vive simbioticamente a partir das estruturas de pecado do capitalismo. Exatamente por isso perde seu status de Teologia Cristã.

³⁶² O impensável nos anos 80 e 90 começa a acontecer. Por influência direta ou não do Papa Francisco, a Teologia da Libertação tem recebido uma atenção positiva. O jornal cotidiano do Vaticano, L'Osservatore Romano, tem dado amplo espaço a ela. Na edição de 4 de setembro último, por exemplo, dedicou duas páginas inteiras ao lançamento de um livro escrito por Gustavo Gutiérrez e Gerhard Ludwig Müller: Dalla parte dei poveri. Teologia della Liberazione, teologia della Chiesa (Da parte dos pobres. Teologia da Libertação, teologia da Igreja). Livro publicado originalmente em língua alemã em 2004 e agora traduzido para o italiano, lançado na feira literária de Mântua, em 9 de setembro. Müller é o atual prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, sucessor do cardeal Ratzinger e escolhido por ele para o cargo. Müller, segundo publicações, passava suas férias em comunidades eclesiais latino-americanas, onde conheceu a Igreja que tem gestado esta teologia e manteve um profundo diálogo com Gutiérrez, criando fortes laços de amizade. Como diz a sabedoria popular, nada como um dia após o outro, também na Igreja. Disponível em: <http://goo.gl/7u8CDE>. Acesso em 12 mar. 2015

³⁶³ “Quais são os sinais dos tempos é questão a discernir, mas o importante é que a teologia se baseia neles e isso lhe outorga uma grande novidade” ver: SOBRINO, *Como fazer teologia*. In: *Perspectiva Teológica*, n. 55, p. 287

³⁶⁴ “a escolha desse lugar é vista e exigida pela revelação, mas essa exigência é captada quando já se está nesse lugar”. SEGUNDO, J. L. La opción por los pobres como clave hermenéutica para entender el Evangelio, apud: SOBRINO, Jesus, o libertador, p. 49

³⁶⁵ LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 377

CONCLUSÃO

Durante a pesquisa, este trabalho foi norteado pelas seguintes questões: 1) os dogmas da Teologia da Prosperidade negam as bases da Teologia de Jesus e seu ethos libertador? 2) por que os cultos da prosperidade levam os cristãos a uma prática individualista da fé? 3) em que reside à busca frenética dos milagres oferecidos nos cultos da prosperidade? 4) a Teologia da Prosperidade é a versão atualizada da teologia do templo e da teologia da sadocita do segundo templo? 4) por que os líderes desse fazer teológico não participam do movimento macro ecumênico? 5) como e por que esse fazer teológico dá e recebe sustentação ideológica do neoliberalismo econômico? 6) por que a questão financeira acaba sendo o principal gancho dessa teologia?

Como consequência desse ordenamento epistemológico, pelo qual acreditamos ter dado resposta às perguntas iniciais de nosso propósito, esforçamo-nos para estar o mais perto possível do apodíctico investigativo que se exige para tal formulação. Esse caminho nos levou construção desta reflexão que se constitui de 3 dobras (Teologia da Prosperidade, Teologia de Lucas e a Teologia da Redenção) desenvolvidas em sete capítulos, nas quais apresento uma leitura à Teologia da Prosperidade, à Teologia de Lucas e à proposição de compreender Jesus como o rosto da misericórdia do Pai.

Os mestres da teologia moderna, entre eles vários da América Latina³⁶⁶, predicam o fato de que, ao sair do engessamento metafísico da Idade Média, a teologia se pontua sob novos paradigmas epistemológicos³⁶⁷ tais como: 1) Estudo crítico das fontes literárias e da história, incluindo a tradição doutrinária; 2) Confrontação com os saberes e a cultura contemporâneos; 3) Preocupação “pastoral” da teologia.

Sob a égide de novos paradigmas epistemológicos e princípios hermenêuticos, a vida e o lugar onde se vive passam a ocupar destaque no fazer teológico. Percebe-se que, mais do que ocupar-se com um “viver bem” (Prosperidade Financeira), é necessário bem vivê-la (Ecologia Humana). Nesse sentido escreve Bento XVI:

A Igreja tem uma responsabilidade pela criação e deve fazê-la valer em público. E ao fazê-lo, deve defender não só a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos. Deve sobretudo proteger o homem contra a destruição de si mesmo.³⁶⁸

³⁶⁶ JUNGES, Fabio Cesar. *Método da teologia em debate; a perspectiva de Clodovis Boff*. Orientador Ênio Ronaldo Muelher. São Leopoldo. 2011.

³⁶⁷ Disponível em: <http://goo.gl/9d9ChH>. Acesso em: 16 mar. 2015

³⁶⁸ Bento XVI, *Caritas in Veritate* n. 51

Somos chamados a uma verdadeira *metanóia* como seguidores da Igreja de Cristo e portadores do *εὐαγγέλιον*, especialmente aos vulnerados que vivem nos porões da periferia humana a partir dos quais Jesus norteou seu messianato: Jesus não recusou diretamente o título de “filho de Davi” quando outros davam-lho, porém, recusou emergente a ideia de uma realza política associada a este título³⁶⁹ assumindo-se como o servo sofredor:

[Quem] foi desprezado como [eu? E quem] foi rejeitado [pelos homens] como eu? Quem, como eu, suportou todas as aflições? Quem se compara a mim na resistência do mal? [...]. Quem foi considerado desprezível como eu e, no entanto, quem é igual a mim em minha glória?³⁷⁰

A vulnerabilidade é um estado de ebulição existencial. A consciência de estar “desgraçado” é extremamente desconfortável e se localiza à beira da *thanatos*. Daí os itinerários na busca de superação deste estado de aflição. Na busca da superação de extremas vulnerabilidades até o roubo de ingredientes materiais que sustentam a vida é eximida de ilicitude;³⁷¹ direito este, no entanto que evidencia a ideologia burguesa do direito brasileiro. Mediante o ato de não punindo, o roubo dito famélico explícita a desobrigação de superar as mazelas que o fomenta; é como o direito bíblico de respigar exigido por Rute. A lei da Respiga preservava a dignidade das pessoas, porém mantinha pacificada a consciência dos poderosos que não se escandalizam com o fato de haver pobres; mas sim, não gostavam de tê-los respigando em suas plantações.

Neste século iluminado de progresso nunca houve uma escalada tão grande de pessoas que só pensam em si mesmas. Porem alto lá! Ao se negar a Teologia da Prosperidade não significa subtrair o direito humano de acesso aos ingredientes materiais que fazem a vida possível; não se nega a ninguém o direito de prover e promover o bem viver, assim já ensina o magistral teólogo Leonardo Boff:

Todos devemos alimentar a hospitalidade de uns para com os outros, pois, como dizem as Escrituras judaico-cristãs, todos somos hospedes nesta Terra e não temos outra morada permanente. Devemos, forçosamente, viver a convivência uns com os outros, porquanto moramos na mesma Casa Comum. E não temos outra para morar. Devemos incorporar a tolerância de uns para com os outros naquelas coisas que temos dificuldades de entender e de suportar. Importa ter respeito as diferenças. É necessário que exista a comensalidade, quer dizer, que nos sentemos juntos à mesa e celebremos a alegria de estarmos juntos, como família, como irmãos e irmãs, saboreando da generosidade da Mãe Terra. Que vale termos hospitalidade, convivência, respeito e tolerância se faltar a

³⁶⁹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução: Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Editora Custom, 2002. p. 175.

³⁷⁰ KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2001, p. 28- 31

³⁷¹ Furto famélico: excludente de ilicitude por justificação (estado de necessidade) ou excludente da culpabilidade por inexigência de conduta diversa supralegal

comensalidade, se estivermos morrendo de fome e de sede e se não tivermos uma mesa comum na qual nos possamos saciar solidariamente.³⁷²

É incontestável afirmar que a Teologia de Jesus transita pela pauta da negação das estruturas que acorrentavam pessoas às injustiças. Em Lc 4, 16-30 se encontra a evidência de que Jesus mergulhou pelas ondas do sofrimento e da desgraça humana; exatamente porque ele é *in persona* a misericórdia do Pai (Lc 6, 32). Reside aí a legitimidade à refutação ao embuste falacioso da teoria da intervenção de Deus; cimento da epistemológico da TdP, sendo seu verdadeiro *esse*: a mão invisível do mercado³⁷³ que propriamente o agir da mão de Deus.

Enquanto se tecia este trabalho que ora finalizo, noticiou-se a mudança de Edir Macedo para seu apartamento no templo de Salomão em São Paulo:

Conforme o memorial descritivo da obra — o documento que orientou os engenheiros nestes quatro anos —, o espaço tem cerca de mil metros quadrados, que podem ser acessados através de cartão magnético no lugar de fechaduras convencionais. O rei Salomão da Bíblia (970 a.C.- 931 a.C.), filho de Davi, teria construído a Sala do Trono revestida de cedro desde o chão até o teto. O bispo da Universal foi mais ousado, pois o piso de sua casa é de mármore e muitos dos materiais são folhados a ouro, além de tintas com pigmentação dourada especial, entre outras tonalidades. A casa tem três jacuzzi com hidromassagem para as suítes. Os visitantes podem utilizar a sauna e o elevador privativo para desfrutar dos aposentos do líder da igreja. Quem for hóspede em um dos 50 apartamentos do templo e quiser dar um alô para Edir Macedo terá à disposição uma sala de cinema, um salão de jogos, uma piscina, uma academia e uma quadra esportiva fechada, feita com grama sintética. Salomão não teve tantos recursos de diversão. Ele construiu seu templo em 13 anos, até que fosse destruído por Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C. Edir Macedo foi mais rápido e fez seu monumento em apenas quatro anos, enquanto deixava sua barba branca crescer. O primeiro templo foi erguido em homenagem à filha do faraó, Naamah, com quem o herói bíblico tinha se casado. Edir Macedo certamente não construiu sua versão para que apenas ele e sua esposa Ester Bezerra aproveitem. Há três jacuzzi para as suítes dos cômodos do bispo. Os 680 milhões de reais gastos no Templo não são a primeira investida ousada desta igreja neopentecostal. Edir apareceu pela primeira vez no ranking de bilionários da revista americana Forbes em 2013, com fortuna avaliada em 1,1 bilhão de dólares (em torno de 2,5 bilhões de reais).³⁷⁴

Já de Jesus se disse: “Não é este é filho de José” (Lc 4, 22b).

³⁷² BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, RJ. Vozes. 2005. p.14-15

³⁷³ BOBSIN, Oneide. *Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência*. Estudo Exploratório. http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/download/839/768. Acesso em: 29.abril.2016

³⁷⁴<http://goo.gl/IrmHWh>. Acesso em 14/01/2016

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo Fernando. *Novos paradigmas e Teologia Latino-americana*. São Paulo: Soter/Loyola, 1996
- AGUIRRE, Rafael. *Ética Teológica*. Conceitos Fundamentais. Tradução Jaime A. Classen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ALMEIDA, Antônio Jose. *Leigos em Quê? Uma abordagem Histórica*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ALMEIDA, João Carlos. *Uma abordagem sobre a Obra de Gustavo Gutiérrez*. São Paulo: Loyola. 1986
- AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978
- BACON, Francis. Viscount St. Albans 1562-16. *Novo Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da Natureza*. Nova Atlântida / Francis Bacon; e notas de Jose Aluysio Reis de Andrade. 3ª. Edição. São Paulo. Abril Cultural, 1884.
- BARREIRO, A. *Os Pobres e o Reino: Do evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983
- BAUDLER. Georg. *A figura de Jesus nas Parábolas: A obra narrativa da vida de Jesus, um acesso à fé*. Tradução João Rezende Costa. Aparecida: Santuário, 1990.
- BECKHAUSER, Frei Alberto OFM. *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias: Desafios litúrgicos e pastorais*. Petrópolis: Vozes/ASLI, 2007
- BENTO XVI, Papa. *Jesus de Nazaré*. Primeira Parte. Do Batismo no Jordão à Transfiguração. 2ª. Impressão. Tradução José Jacinto Ferreira de Farias. SCJ: Planeta. 2007.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.
- BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus. 2002.
- BLANK. Rennold. *Nossa vida tem futuro*. Paulinas. São Paulo: 1991
- BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência. *Estudos Teológicos*, EST. São Leopoldo. 1995.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, RJ. Vozes. 2005
- BORTOLINI, José. 29º Domingo Comum. O que é Redenção. *Vida Pastoral*. V. 160, p. 57-62, 1991.
- _____. *Como ler o Evangelho de João*. O caminho da Vida. São Paulo: Paulus, 1994.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. Mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002

BÜHLMANN, W. Apostolado. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989

BROUARD, Maurice. (Org.) *Eucharistia* - Enciclopédia da Eucaristia. 2. ed. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2007.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011

CARAVIAS, Jose L. *O Deus de Jesus*. Tradução de Augusto Ângelo Zanatta e Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1987.

CARITAS IN VERITATE. Encíclica do pontífice Bento XVI. São Paulo: Paulinas. 2009.

CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento* / Douglas J. Moo e Leon Morris. Tradução Marcio Loureiro. São Paulo. Vida Nova, 1997.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia, Iohanân*. O Evangelho segundo João. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

CONCORDÂNCIA Bíblica Crescer. 4ªed. Geográfica Editora. www.geografica.com.br

CONIC. *Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil*. Campanha da Fraternidade Ecumênica. 2010. Manual. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994

CRÜSEMANN, F. *A Torá: teologia e história social da lei no Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002

CSSR. *Constituições e Estatutos*. Aparecida, 2004.

CULMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2002.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TEOLOGIA. Fernando Bortolletto Filho, José Carlos de Souza, Nelson Kilpp (Editores). São Paulo: ASTE, 2008.

DECLARAÇÃO Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Mundial Luterana e da Igreja Católica. Porto Alegre: Ipicurus, 1998

DIVES IN MISERICORDIA. Papa João Paulo II. São Paulo: Paulinas. 1980

DODD, Charles Haroldo. *Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulus e Editora Teológica, 2003

DUSSEL, Enrique. *Ética Comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e Sacrifício*. Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2006

FRANGIOTTI, Roque. *Cristãos Judeus e Pagãos*. Acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

FUKUYANA, Francis. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da Prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988

GALLAZZI, Sandro; RIZZANTE G. Anna Maria. *Ensaio sobre o Pós-Exílio*. 1ª Parte Mecanismos de Opressão. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. *Ensaio sobre o Pós-Exílio*. 2ª Parte. Resistência da Casa da Mulher. São Leopoldo: Oikos, 2008.

HAGIN, Kenneth. *A arte da intercessão - manual de como interceder*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.

_____. *A Autoridade do Crente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 2012.

_____. *Compreendendo Como Combater o Bom Combate da Fé*. Tradução Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 2002.

_____. *É necessário que os cristãos sofram?* Rio de Janeiro: Editora Graça, 1990.

_____. *Impossibilidade humana – possibilidade Divina*. Tradução de Dra. Maria Eugenia da Silva Fernandes. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

_____. *O nome de Jesus*. Tradução Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça, 2008.

_____. *O toque de Midas - uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*. Tradução: Mirian Regina e Fabio Romero. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004.

_____. *Planos, Propósitos e Práticas*. Tradução Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editora, 2004.

_____. *Remédio da miséria, da enfermidade e da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graça. 1990.

_____. *Segredos da Oração*. Tradução José Ribeiro. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2005.

_____. *Sete passos vitais para receber o Espírito Santo*. Livro Digital. <http://goo.gl/2nzghg>.

_____. *Uma Nova Unção*. Serei ungido com óleo fresco. Tradução Gordon Chown. Salmo 92,10. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2007.

ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1986.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

FABRIS, R. O Evangelho de Lucas: tradução e comentários. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, vol. II. 1992

GALLAZZI, Sandro. *A Teocracia Sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: 2002.

GERD, Theissen. *Estudios de Sociologia Del Cristianismo Primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985.

_____. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia no século XX*. São Paulo: Loyola, 1988

GONÇALVES, Marcos Fernandes. *O Elogio da frugalidade em a Nova Heloisa de Rousseau*. Universidade Estadual Paulista, 2009

HARRIS, David. *O plano de Deus para sua Prosperidade*. Tradução Renata B. Coelho. Rio de Janeiro: Graça Editora. 2002.

HORSLEY, Richard; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias*. Movimentos populares no Tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: LTC, 1986

ISNARD, Clemente José Carlos de Gouveia. O Bispo e a Liturgia, *REB*, v. 44, 1984

JERÔNIMO, São. Novo Comentário Bíblico São Jeronimo Antigo Testamento. Tradução: celso Eronides Fernandes – Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo. Paulus, 2002

JOHAN, Konings. *Evangelho Segundo João*. Amor e fidelidade. Comentário Bíblico. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNGES, Fabio Cesar. *Método da teologia em debate; a perspectiva de Clodovis Boff*. Biblioteca EST. São Leopoldo. 2011

KEE, Howard Clark. *As Origens cristãs em perspectiva sociológica*. Tradução de Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1983.

KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2001

KIPPENBERG, Hans G. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*. Estudo Sócio-Religioso sobre a relação entre tradição e evolução social. Tradução João Aníbal G.S. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1988.

KOTLER, Philip. *Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados*. São Paulo: Ediouro, 2009.

LEÓN-DUFOUR, Xavier (Org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000

_____. MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. 3. ed. Loyola, 2001.

LIGORIO, Santo Afonso. *A Prática do Amor a Jesus Cristo*. 13. ed. Tradução Pe. Gervásio CSSR. Aparecida, 2000.

LIVERANI, Mario. *Para Além da Bíblia*. História antiga de Israel. São Paulo: Paulus, Loyola, 2008.

MACEDO, Edir. *O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual dos dízimos e ofertas*. Rio de Janeiro: Universal, 2001

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1993.

MAGGI, Alberto. *Jesus e Belzebu – Satanás e Demônios*. Aparecida: Editora Santuário 2003

MALTA, Shirley Cristina Lacerda. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança. *Periódicos UFPB*. 2013.

MANSILLA, S. N. Um jubileu na era da pós-modernidade: sobre a necessidade de uma hermenêutica permanente. Leitura do discurso programático de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 14-30). *RIBLA*, n. 33, 1999

MANUAL Bíblico SBB. 2. ed. Revisada. Tradução Lailah de Noronha. Barueri, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais no Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Neopentecostalismo*. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2010

MARIO, Alvarenga. *Estudos no Evangelho de João*. Ferramentas que edificam a vida. Londrina: Descoberta Editora, 2002.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de João*. Análise Linguística e Comentário Exegético. 2ªed. São Paulo: Paulus, 1999.

MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

- MISERICORDIAE VULTUS*. Bula de Proclamação do ano da Misericórdia. Paulus. São Paulo, 2015.
- MORRIS, Leon L. *Lucas*. Introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- MOLTMANN, Jurgen. *Teologia Latino-americana*. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). O mar se abriu: Trinta anos de Teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000
- MONASTERIO, Rafael Aguirre / Antonio Rodrigues Carmona. Evangelho sinóticos e Atos dos apóstolos; Tradução: Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 2000.
- NASCIMENTO, Valnei do. *Inserção e expansão da Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP) no Brasil: o legado de Custódio Rangel Pires*. Adhonep. São Gonçalo, 2010.
- MOREIRA, G. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. Teologia lucana. São Paulo: Paulinas, 2004.
- ODETTE, Mainville. (org.). *Escritos e ambiente do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OSBORN, T.L. *O Poder do desejo positivo*. Rio de Janeiro: Graça Editora, 2001.
- PADILHA, Valquíria. *Shopping Center. A Catedral das mercadorias*. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2006.
- PIERATT, Alan B. *O Evangelho da Prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p 24.
- REIMER, Ivoni Richter. (Org.). *Economia no Mundo Bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI, Sinodal, 2006.
- RIBEIRO, Helcion. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1985
- REVISTA VIDA PASTORAL. *O Evangelho de Lucas: fé cristã e justiça social*. São Paulo: Paulus, ano 54, nº 292, p. 3, set-out, 2013.
- REVISTA ÀGORA, Vitória, n. 7, p. 1, 2008: MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético.
- RODRIGUES, C; CRIVELLA, M. *501 pensamentos do Bispo Macedo*. Rio de Janeiro: Universal, 2002
- ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2005.

- ROSENDAHL, Zeny. “*Primeiro a obrigação, depois a devoção*” Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2012
- RUBENS, Pedro. *O Rosto Plural da Fé*. Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2008
- SALDARINI, Anthony. *Fariseus, Escribas e Saduceus*. Na sociedade palestinese. São Paulo: Paulinas, 2005
- SANDER, L.M. *Jesus, o libertador: A Cristologia da libertação de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Sinodal, 1986
- SILVA, Sydney Faria da. *Autoconsciência Messiânica de Jesus*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia. 2006.
- SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Monika Otermann – Santo André (SP) Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2010
- SCHULZ, Vilson; BRATCHER, Roberto. *Novo Testamento Interlinear Grego – Português*. Barueri- SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004
- SHWANTES, Milton. *Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- STEGEMANN, Ekkehard. STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.
- STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal EST, 2012.
- SOARES, Edir. *Encontro e solidariedade: Igreja Católica e Religiões afro-brasileiras no período de 1955 a 1995*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SOBRINO, J. *O princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Como fazer teologia*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, nº 55, 1985
- _____. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- SOUSA, Rômulo Candido. *Palavra, Parábola: uma aventura no mundo da Linguagem*. Hermenêutica. Aparecida: Santuário, 1990
- SPINETOLI, O. da. *Luca: Il Vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1982.
- SUESS, Paulo Guenter. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1978

TEIXEIRA, Heitor Duarte. O outro lado do American Way Of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do séc. XX. *Universos de História*. Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das Cebs, no Brasil*. Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.

TUÑI, Josep Oriol. *Escritos Joaninos e cartas católicas*. V. 8. São Paulo: Editora Ave Maria, 1988.

UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL (ORG). *Espiritualidade Redentorista*. Ensaio sobre a Redenção. Aparecida: Santuário, 2007.

VANNUCCHI, Aldo. *Liturgia e Libertação*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1986

VERBUM DOMINI. Encíclica do Papa Bento XVI. São Paulo. Paulus. 2010

VIGIL, Jose Maria. (Org.). *Descer da Cruz os pobres*. Cristologia da Libertação. Comissão Teológica Internacional. São Paulo: Paulinas, 2007.

WALLESRTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial, Siglo XXI*. 2 ed. México, 1979

WESTHELLE, Vítor. *O Deus Escandaloso da Cruz*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. Manual de Metodologia. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

WERNER, Kaschel. *Dicionário da Bíblia Almeida*. Sociedade Bíblica do Brasil. 2. ed. Barueri, 2005.

WINTER, Alicia. O Goel no Antigo Israel. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v.18, p. 17-26, 1994.

WOLFF, Elias. *Os caminhos do Ecumenismo no Brasil*. São Paulo. Paulus, 2002.